

**Universidade Federal de Pernambuco**  
**Centro de Ciências Sociais Aplicadas**  
**Departamento de Ciências Administrativas**  
**Programa de Pós-Graduação em Administração – PROPAD**

**Iraneide Pereira da Silva**

**Construção de sentidos sobre a relação tempo de  
trabalho e tempo livre: um olhar sobre os  
trabalhadores dos serviços de hospitalidade**

**Recife**

**2016**

Iraneide Pereira da Silva

**Construção de sentidos sobre a relação tempo de  
trabalho e tempo livre: um olhar sobre os  
trabalhadores dos serviços de hospitalidade**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de doutora em Administração, na área de Gestão Organizacional, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientação: Débora Coutinho Paschoal  
Dourado, Doutora

Recife

2016

Catálogo na Fonte

Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

S586c Silva, Iraneide Pereira da

Construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre: um olhar sobre os trabalhadores dos serviços de hospitalidade / Iraneide Pereira da Silva. - 2016.

210 folhas: il. 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Débora Coutinho Paschoal Dourado.

Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2016.

Inclui referências e apêndice.

1. Tempo. 2. Tempo livre. 3. Trabalho. 4. Hospedagem. I. Dourado, Débora Coutinho Paschoal (Orientadora). II. Título.

658 CDD (22.ed.)

UFPE (CSA 2017 – 268)

Iraneide Pereira da Silva

**Construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre: um olhar sobre os trabalhadores dos serviços de hospitalidade**

Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 14/12/2016.

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Débora Coutinho Paschoal Dourado  
Dr.<sup>a</sup>, UFPE – Orientadora

---

Prof. José Ricardo Costa Mendonça  
Dr., UFPE – Examinador Interno

---

Prof. José Roberto Ferreira Guerra  
Dr., UFPE – Examinador Externo

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Christianni Coutinho Marçal  
Dr.<sup>a</sup>, UFPE – Examinadora Externa

---

Prof. Marcelo de Souza Bispo,  
Dr., UFPB – Examinador Externo

Aos meus pais, incentivadores constantes.

Às minhas irmãs, amigas presentes.

Aos meus sobrinhos, amores incessantes.

Aos amigos, entusiastas persistentes.

Aos meus estudantes, motivadores contínuos.

# Agradecimentos

Neste momento de agradecimento, gostaria de poder expressar o sentimento de gratidão por todos que contribuíram, torceram e oraram, em minha caminhada de planejamento, pesquisa e elaboração da tese, para que eu alcançasse o destino que almejava:

A Deus, primeiramente.

À minha mãe, pelas cobranças e orações. Ao meu pai, que pediu a Deus que eu encontrasse pessoas para “dialogar” e concluir a tese e teve seu pedido atendido.

À minha querida irmã Neicimere Pereira, por todas as traduções, organização de texto, ajuda com o *office* e todas as questões tecnológicas necessárias para a estruturação deste documento.

À minha irmã-doutora-co-orientadora e musa Shirleide Pereira, que foi a base teórico-metodológica, emocional, de atenção, paciência, disponibilidade e amor deste estudo.

Aos meus amados sobrinhos Natália Pereira, Davi Pereira, Elisa Pereira e Danilo Pereira, que, quando tudo estava sufocando, eles apareciam para lembrar o que é bom para a vida: alimentar-se da inocência, energia e alegria das crianças.

Às minhas queridas amigas Myrna Loreto e Gisele Alves, que foram as grandes companheiras nas horas de dúvidas, angústias e suporte para continuar quando parecia que não iria conseguir. Ressalto a gratidão à Myrna Loreto, minha amiga-irmã, que me adotou em toda a trajetória do Doutorado.

Aos amigos queridos do Observatório da Realidade Organizacional (ORO) Diego Costa, Alexandre Béhar, Elisabeth Santos, Bárbara Bastos, Flávia Antunes, Marllon Vasconcelos e Marcus Sousa pelo incentivo constante.

À Prof.<sup>a</sup> Katie Brosnihan, que foi o suporte não só no inglês quando precisei, mas também na escuta nos momentos de hesitações.

À Dr.<sup>a</sup> Iracema Lins, que me acompanha na minha busca constante pelo conhecimento interior e pelo entendimento de meu lugar no mundo, inclusive no mundo acadêmico.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celiane Camargo-Borges, que de forma amorosa e respeitosa me acolheu no período de estudo realizado na NHTV – University of Applied Sciences, Breda, Holanda.

Aos amigos da Pró-Reitoria de Ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (PRODEN/IFPE), Fernanda Girão, Ana Kelly Figueiredo, Daniele Castro, Maria José Rodrigues, Sandra Perazzo e Jairo Santos pela torcida. Especialmente a Filipe Melo, pois, sem ele, não tomaria contato com a *fanpage* Escravos da Hotelaria, e às “chefas” Edlamar Santos e Rafaella Albuquerque pelo apoio e confiança incondicionais.

Aos amigos da Coordenação Acadêmica do Curso Tecnológico em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (CATU/IFPE) Luciana Pereira, Bruna Moury, Carmen Mendonça e especialmente ao Coordenador e amigo, Rodrigo Ataíde, pelo amparo que precisei no processo de conclusão do estudo.

A todos meus estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, especialmente aos orientandos Gleyciane Maria Silva, Carina Barreto, Andreza Catarina, Marcos Nascimento, Daniele Albuquerque, que tiveram a paciência e a compreensão do que precisava para concluir o Doutorado.

Aos meus ex-estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL, *Campus* Maragogi, em especial Vanessa Paixão, que, mesmo distante, continua a ser a inspiração para que eu possa sempre melhorar como profissional.

Aos organizadores do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais – CBEO, na pessoa do Prof. Dr. Paulo Abdala, por criarem um espaço respeitoso de diálogo com os pares, oportunizando aprendizagem e *insights* para a conclusão deste estudo.

Ao Prof. Fernando Vieira, pela contribuição respeitosa e pelo diálogo próspero de *insights* para conclusão da tese e projetos futuros.

Ao Prof. Dr. Diogo Helal, pela colaboração na trajetória do estudo desde sua fase inicial e pela recepção em acompanhar seus avanços em cada etapa de sua avaliação

À Prof.<sup>a</sup> Débora Dourado, por aceitar me acompanhar nesta caminhada.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente me auxiliaram na trajetória de aprendizagem do Doutorado. A todos agradeço.

“Na minha infância, ganhar a vida significava garantir a sobrevivência graças a um trabalho remunerado. Hoje, a expressão ganhar a vida tem um sentido diferente. Entendo-a ao pé da letra: trata-se de recuperá-la, trazê-la de volta em suas múltiplas dimensões de fruição do mundo, andando na contramão da inclemente invasão da mentalidade produtivista, que expropria a vida privada, tragando os momentos do amor e do lazer. Ganhar a vida significa, antes de mais nada, reapropriar-se de sua matéria-prima: **o tempo.**”

(OLIVEIRA, 2003).

“A nossa época é, dizem, o século do trabalho; de fato, é o século da dor, da miséria e da corrupção [pois], o trabalho é a causa de toda a degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica. Introduzam o trabalho de fábrica, e adeus alegria, saúde, liberdade; adeus a tudo o que fez a vida bela e digna de ser vivida”.

(Paul Lafargue, 2003)

# RESUMO

No percurso histórico houve modificações na relação estabelecida entre os sujeitos e o tempo. Neste sentido, busca-se nesta tese compreender a construção de sentido sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores prestadores de serviços de hospedagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa pautada na proposta marxista da linguagem baseada notadamente em Bakhtin (2006). As discussões teóricas pautaram-se nas modificações ocorridas no processo sócio-histórico sobre as categorias tempo, tempo de trabalho e tempo livre e a influência da racionalidade econômica na construção social dessas categorias. Tal discussão foi complementada pelo debate sobre o trabalho no contexto da modernidade avançada, inclusive no setor de hospedagem. Utilizou-se como técnica de constituição do *corpus* de pesquisa a netnografia, pautada na análise da comunidade de fala “Escravos da Hotelaria”. A análise deste *corpus* baseia-se nos pressupostos bakhtinianos para Análise Crítica do Discurso. Os temas analisados dizem respeito às *características do trabalho, condições de trabalho, relações sociais no trabalho, relação tempo de trabalho e tempo livre*. Os resultados indicam uma identificação com trabalho precário que também aparece na categoria condições de trabalho. Nas relações sociais a busca pela humanização e reconhecimento são aspectos presentes nas interações estudadas. Finalmente, a relação tempo de trabalho e tempo livre explicita-se pelo foco no tempo de trabalho, crucial na racionalidade econômica e na lógica capitalista. Ressalta-se que a intensificação do tempo de trabalho interfere na vivência do tempo livre que se apresenta como um tempo para a recomposição das forças físicas, por meio do sono, para o retorno ao trabalho. Assim, os sentidos construídos sobre a relação estudada envolvem prazer, sofrimento, resistência pela ironia, busca pelo reconhecimento e humanização, centralidade do tempo de trabalho e negação do tempo livre, além da busca por liberdade e pela construção de uma vida autêntica fora do trabalho. O pressuposto de que, considerando as características do trabalho para o lazer de outras pessoas, relaciona-se com a construção de sentidos sobre sua relação tempo no trabalho e tempo livre foi corroborado, pois a intensificação e a centralidade do tempo de trabalho influenciam nas vivências do tempo livre, sendo este destinado basicamente apenas para a recomposição das condições físicas e psíquicas para retornar ao trabalho, afetando também a vivência dos demais tempo sociais, inclusive o tempo para família, fazendo-os reivindicar o direito ao tempo de viver a vida.

**Palavras-chave:** Tempo. Trabalho. Tempo livre. Hospitalidade.

# ABSTRACT

Throughout history there have been changes in the relation established between subjects and time. This thesis seeks to understand the construction of meaning regarding the relation between work time and free time for hospitality service industry workers. A qualitative study was carried out based on Marxist theory of language, especially Bakhtin (2006). The theoretical discussion centers on socio-historical changes that have occurred regarding the categories time, work time, and free time and the influence of economic rationality on the social construction of these categories. The discussion is complemented by a debate on work in the context of late modernity, including the hospitality sector. The research corpus was drawn up using virtual non-participating observation, inspired by netnography, drawing material for analysis from the “Escravos da Hotelaria” [Hotel Slaves] speech community. Analysis of this corpus was based on Bakhtinian Discourse Analysis. The issue analyzed include the *characteristics of work, working conditions, social relations at work, and the relation between work time and free time*. The results indicate that some of these individuals are working in precarious circumstances. In terms of social relations at work, the need for humanization and recognition are issues that appear in the interactions studied. Finally, the relation between work time and free time is made explicit by the focus on work time, which is crucial for rational economics and the logic of capitalism. It should be noted that the intensification of work time interferes with the experience of free time, which becomes a period for recovering sufficient physical energy by way of sleeping to return to work. The meanings constructed around the relation studied thus involve pleasure, suffering, resistance by way of ironic humor, the quest for recognition and humanization, the centrality of work time and the denial of free time, and the quest for freedom and an authentic life outside of work. Given the impact of work on leisure among other people, this subject pervades the construction of meaning, since the intensification and centrality of work time has an influence on the experience of free time, which is used basically for physical and psychological recuperation in order to return to work, thereby affecting the experience of other social activities, including family time and leading these workers to demand the right to have the time to live their lives.

**Key-words:** Time. Work. Free time. Hospitality.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil dos membros – Escravos da Hotelaria	88
Figura 2 – Perfil dos respondentes – Mapeamento Hoteleiro Brasil	90
Figura 3 – Empreendimento hoteleiro em que trabalham	91
Figura 4 – Características do Trabalho – Filme Crepúsculo	96
Figura 5 – Características do Trabalho – Mandamentos da hotelaria	98
Figura 6 – Características do Trabalho – O que mais gosto na hotelaria	101
Figura 7 – Benefícios – Mapeamento Hoteleiro Brasil	106
Figura 8 – Condições de Trabalho – Alimentação e descanso	108
Figura 9 – Condições de Trabalho – Reivindicações	110
Figura 10 – Relação com a gerência – Hotelaria	113
Figura 11 – Relação com os pares – Hotelaria	116
Figura 12 – Relação com os hóspedes – Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes	119
Figura 13 – Relação com os hóspedes – Carta para Papai Noel	121
Figura 14 – Relação com os hóspedes – Musa dos Escravos da Hotelaria	123
Figura 15 – Relação com os hóspedes – Cara de Paisagem	124
Figura 16 – Sindicato da classe hoteleira	128
Figura 17 – Relação com o sindicato hoteleiro	129
Figura 18 – Relação tempo de trabalho e tempo livre	132
Figura 19 – Relação trabalho e tempo livre – <i>Playlist</i>	134
Figura 20 – Relação trabalho e tempo livre – Escala de folga	137
Figura 21 – Relação trabalho e tempo livre – Folga	138
Figura 22 – Relação trabalho e tempo livre – Férias dos moderadores	143
Figura 23 – Relação trabalho e tempo livre – Férias	144

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.1 Objetivos</b> .....	20
1.1.1 Objetivo geral .....	20
1.1.2 Objetivos específicos .....	20
<b>1.2 Justificativa</b> .....	21
<b>1.3 Estrutura da tese</b> .....	24
<b>2 TEMPO E TRABALHO: A CONSTITUIÇÃO DE SUA RACIONALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO</b> .....	25
<b>2.1 Racionalidade econômica: implicações no tempo de trabalho no capitalismo</b> .....	29
<b>2.2 Relação entre o tempo de trabalho e tempo livre: modificações no processo sócio histórico</b> .....	33
2.2.1 Tempo e Trabalho no contexto da modernidade avançada .....	42
2.2.1.1 <i>O trabalho no setor de hospedagem na modernidade avançada</i> .....	55
2.2.2 Tempo de trabalho e sua relação com o tempo livre.....	60
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	71
<b>3.1 Caracterização da pesquisa</b> .....	71
<b>3.2 Base epistemológica da pesquisa</b> .....	71
<b>3.3 Constituição do <i>corpus</i>: contribuições da observação virtual não participante</b> ....	79
<b>3.4 Análise do <i>corpus</i></b> .....	83
<b>4 CONTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A RELAÇÃO TEMPO DE TRABALHO E TEMPO LIVRE: ANÁLISE DAS INTERAÇÕES</b> .....	86
<b>4.1 “Aqui o escravo tem voz!” – De quem são essas vozes</b> .....	86
<b>4.2 Construção de sentidos: o que dizem as interações</b> .....	92
4.2.1 Características do trabalho .....	93
4.2.2 Condições de trabalho .....	103
4.2.3 Relações Sociais no Trabalho: a gerência, os pares, os hóspedes, o sindicato.....	111
4.2.3.1 <i>Relação com a gerência – o controle do tempo de trabalho</i> .....	112

<i>4.2.3.2 Relação com os pares – o outro com quem trabalho .....</i>	115
<i>4.2.3.3 Relação com os hóspedes – o trabalho para o lazer do outro .....</i>	117
<i>4.2.3.4 Relação com o sindicato – quem os representa .....</i>	126
<i>4.2.4 Relação tempo de trabalho e tempo livre: entre a escala, a jornada, as horas extras e as folgas, as férias e os feriados .....</i>	131
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	149
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	155
<b>APÊNDICE A - Quadro de síntese das interações - Escravos da Hotelaria.....</b>	184
<b>APÊNDICE B - Classificação de acesso a teses e dissertações .....</b>	210

# 1 INTRODUÇÃO

---

No percurso histórico houve modificações na relação estabelecida entre os sujeitos e o tempo (ELIAS, 1998; THOMPSON, 1998; MÉSZÁROS, 2007; POSTONE, 2014). Elias (1998) considera que o tempo é imperceptível aos sentidos e serve para orientar os homens em seus processos físicos e sociais. Após uma primeira relação com um tempo físico-natural nas sociedades primitivas, a influência do que o autor denomina *processo civilizador* impôs aos indivíduos uma maior organização, regulação, coordenação, integração e dependência das relações sociais com o tempo.

Ainda para esse autor, o homem é construtor do tempo e, nessa perspectiva, regula a vida cotidiana, constitui a identidade, baseia a subjetividade e incorpora as atividades e as pressões. Ele tem na figura do relógio o símbolo onipresente de referência de temporalidade na sociedade industrial. Nesta sociedade um novo modelo de tempo surge baseado na coerção, identificado pela cronometrização de horários, pelo cumprimento de calendário e prazos, na velocidade dos relógios, mas vivenciada sem reflexão.

Já Thompson (1998), ao examinar os significados da relação entre os homens e o tempo na sociedade ocidental, especificamente no período da Revolução Industrial no século XVIII, percebeu que tal relação passou de um certo descaso com o tempo para uma maior orientação para as tarefas, implicando uma menor separação entre o trabalho tempo. Essa preocupação com o uso, pautado agora numa lógica racionalista e mercantilista, constitui as bases para uma nova relação com o tempo, notadamente com o aparecimento do capitalismo industrial e financeiro. Consolida-se, assim, uma nova temporalidade, uma vez que há um maior controle sobre o tempo voltado para o trabalho, tempo central nesse contexto.

Como lembra Alvarez (2002), a sociedade moderna baseia-se no processo racional e instrumental que pauta as relações do homem com a natureza e com os outros homens, produzindo uma nova mentalidade que valoriza o tempo de trabalho em detrimento do tempo livre.

Cabe ressaltar que é preciso refletir, enquanto campo do conhecimento, sobre as configurações da racionalidade, notadamente a econômica, na administração, na teoria organizacional e nos estudos organizacionais, buscando contribuir para o pensar sobre

novos caminhos e discutir alternativas para o entendimento da racionalidade que conduz a ação do homem na sociedade e no mundo (RAMOS, 1989; OLIVEIRA, 1996).

No sentido de avançar no debate sobre o aspecto multifacetado da racionalidade e suas implicações na forma de organização da vida humana em sociedade, cabe destacar as contribuições da Teoria Crítica e a necessidade de ampliar a busca pela constituição de uma racionalidade do prazer de que trata Marcuse (1975), atividade racional comunicacional de Habermas (2012; 2012a) e racionalidade substantiva que busca o bem maior de Horkheimer (2002), exposta em Silveira (2008).

Postone (2014) discute em sua obra o papel do trabalho como fundamento social central na sociedade capitalista, que, historicamente determinada, possui por base a contradição entre as dimensões trabalho e tempo. Para ele, “uma característica do capitalismo é a constituição social de duas formas de tempo – o abstrato e o histórico – que estão intrinsecamente relacionadas” (POSTONE, 2014, p. 339), ambos objetos da análise social e dos aspectos ligados à valoração do trabalho e da produtividade no capitalismo.

Mészáros (2007), ao refletir sobre os aspectos tirânicos do imperativo do tempo no capital, reforça que é preciso levar em conta as consequências da construção sociometabólica do capital nos indivíduos e na temporalidade da humanidade. Para o autor, “o modo historicamente único de reprodução sociometabólica do capital degrada o tempo” e a contínua autoexpansão do capital é “alcançada na sociedade de troca apenas por meio da exploração do tempo de trabalho” (MÉSZÁROS, 2007, p. 33), implicando uma forma diferenciada de relação com o tempo. Para esse autor, o sociometabolismo do capital baseia-se numa estrutura totalizante de organização, controle e inter-relação entre seus elementos constitutivos: capital, trabalho (assalariado) e Estado. Nessa inter-relação, há uma sujeição do trabalho ao comando do capital, aspecto central da dinâmica do processo de produção e reprodução social, baseada na alienação e controle dos produtores (RIBEIRO, 2013).

Destaco, assim, que a relação com o tempo implica as experiências, o valor, os sentidos e o uso dos tempos sociais. Nesse sentido, o entendimento dessa categoria necessita da compreensão dos aspectos históricos e sociais que a constituiu, considerando os aspectos relacionais entre os tempos sociais e os sujeitos e suas experiências.

Nesta direção, esta tese busca refletir acerca da construção de sentidos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospitalidade, especificamente os dos serviços de hospedagem.

Saliento que optei neste estudo pelo termo *serviços de hospitalidade* para situar não só o setor em que a atividade pesquisada se insere, qual seja o setor terciário ou de serviços, como também para referendar os aspectos da formação profissional para o referido setor, uma vez que o Ministério da Educação considera tanto no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos – Eixo Tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer – (BRASIL, 2012) como no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia– Atividades de Hospitalidade e Lazer – (BRASIL, 2010), baseia-se neste termo para desenvolver sua formação curricular e profissional. Ressalto que o termo *hospitalidade* representa não só os setores de hotéis e restaurantes, como também “a hospitalidade é uma troca contemporânea, idealizada para aumentar a reciprocidade (bem-estar) entre as partes envolvidas, através da oferta de alimentos e/ou bebidas e/ou acomodação” (LASHLEY, MORRISON, 2004, p. 4). Considera-se que essa construção de sentidos parte das relações sociais estabelecidas, das vivências e do contexto histórico e social que envolve tal construção.

Optei também pelo termo *serviços de hospedagem*, conforme estabelece a Lei Nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, a chamada *Lei Geral do Turismo*, que estabelece como um dos prestadores de serviços turísticos os meios de hospedagem como “os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar serviços de alojamento temporário, ofertados em unidades de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de *serviços de hospedagem*, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária (BRASIL, 2008).

Historicamente, a atividade turística como atividade econômica propriamente dita e, conseqüentemente, todos os serviços a ela ligados desenvolveram-se principalmente a partir de meados do século XIX<sup>1</sup>, como fruto do contexto que oportunizou mudanças econômicas e sociais, além do surgimento de novas tecnologias que fomentaram o progresso dos meios de transportes e dos meios de comunicação (REJOWSKI, 2002).

---

<sup>1</sup> Para um aprofundamento dos aspectos históricos do turismo, indica-se a leitura de Barreto (1995); Rejowski (2002); Masina (2002); Ignarra (2003).

Pode-se dizer, então, que essa atividade, como fenômeno econômico, surge no contexto das transformações ocasionadas pela Revolução Industrial iniciadas no século XVIII e sofre a influência da racionalidade e do modo de produção e acumulação de riqueza subjacente a este momento histórico, qual seja a racionalidade econômica e o capitalismo.

Neste mesmo contexto, as atividades de hospitalidade também adentram no cenário social, ganhando novos contornos. Os aspectos privados da hospitalidade relacionados ao “bem receber”, à reciprocidade (bem-estar), à ligação anfitrião e hóspede, sem perder este caráter, passa a ter no contexto capitalista uma conotação comercial em que, considerando seu elemento econômico, torna-se também um conjunto de serviços a ser oferecido na sociedade industrializada (LASHLEY, MORRISON, 2004).

Desde a consolidação da sociedade capitalista, a atividade turística vem tendo um crescimento significativo nos últimos anos tanto no Brasil como no mundo. Esse crescimento se apresenta não só por meio do fluxo de pessoas que se deslocam, mas também por meio do número de pessoas ocupadas neste setor econômico.

Considerando o fluxo turístico mundial, os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) informam que a atividade apresentou, entre janeiro e abril de 2016, um aumento de cerca de 5% de chegadas de turistas internacionais no mundo, ressaltando que todos os destinos do mundo receberam 348 milhões de turistas internacionais, ou seja, visitantes que pernoitam. Esse crescimento confirma a previsão de aumento anual mundial de 3,8% da atividade, entre 2010 e 2020 (BRASIL, 2016).

Segundo Braga (2015), em 2014, de acordo com os dados divulgados pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), a atividade turística, incluindo atividades diretas, indiretas e induzidas, movimentou R\$ 492 bilhões no Brasil, representando 9,6% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

Quanto aos empregos gerados em 2014, a atividade representou 8,8 milhões dos empregos diretos e indiretos no país, ou seja, 8,8% do total de postos de trabalho do setor. O WTTC estimou que em 2015 sejam nove milhões de empregos gerados no setor (BRAGA, 2015).

Em nível mundial, a atividade movimentou US\$ 7,6 trilhões no mundo em 2014, representando 10% de toda riqueza mundial gerada no período. Destaca-se ainda que o turismo é responsável por 277 milhões de empregos, ou seja, um a cada 11 empregos na economia global (BRAGA, 2015).

No Brasil, segundo dados do Anuário Estatístico de Turismo 2015, publicado pelo Ministério do Turismo (MTur), o país recebeu, em 2014, 6.305.838 turistas internacionais e o turismo interno movimentou 95.319.657 brasileiros pelo país (BRASIL, 2016).

Quanto à geração de emprego, o Boletim de Desempenho Econômico do Turismo, publicado em julho de 2016, informa que, do total de empregados, identificou-se que 27,1% das empresas possuem até 4 funcionários; 24,1%, de 5 a 10; 37,4%, de 11 a 50; e as demais, 11,4%, mais do que 50 empregados (BRASIL 2016).

Acrescenta-se que, em 2015, estavam cadastrados, junto ao Ministério do Turismo, 7.117 meios de hospedagem, com 393.970 unidades habitacionais (UH), com 837.169 leitos disponíveis no país (BRASIL, 2016).

Segundo o Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo (SIMT)<sup>2</sup>, o país tinha, em dezembro de 2014, 2,04 milhões de ocupações no turismo, ou seja, 2,2% dos trabalhadores ocupados no Brasil. A maioria com empregos formais, 51%, ou 1,03 milhão de pessoas, e 49% informais, representando 1,01 milhão de ocupados. Destes, 16,6% estavam ocupados no setor de alojamento. Destaca-se que este setor representou neste mesmo ano 26% das ocupações formais e apenas 7% das informais (IPEA, 2015).

Tais dados demonstram não só potencial econômico da atividade turística, como também seu potencial de geração de ocupações/empregos, aspecto que nos é relevante para a ampliação das discussões sobre o mundo do trabalho nesta atividade e as possíveis contribuições sobre a organização do trabalho no turismo nos estudos organizacionais.

Dessa forma, segundo lembra Rejowski et al. (2002), o desenvolvimento do turismo moderno/organizado se dá a partir de meados do século XIX e consolida-se no início do século XX, circunscrito pelos aspectos que envolvem seu fomento como a migração de trabalhadores das áreas rurais para as áreas urbanas, a tecnologia da máquina a vapor, aplicada tanto nas fábricas como em navios e trens, o que impulsionou a realização de viagens de longa distância, o surgimento da classe média e seus hábitos de viagens, além da luta dos trabalhadores pela diminuição da jornada de trabalho e consequente aumento do tempo livre. Ressalta-se que o período descrito pelos autores

---

<sup>2</sup>Desde 2004 foi criado o Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo (SIMT) conduzido por meio de parceria entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Ministério do Turismo (MTur) e a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan/DF).

demarca também o contexto histórico do estabelecimento da Revolução Industrial e das modificações produtivas, econômicas e sociais desse momento histórico.

Ademais, conforme indica Bacal (2003) ao discutir a construção da relação com o tempo e como os homens passaram a vivenciar suas atividades, a autora enfatiza que ocorre a valorização do tempo livre e das práticas de lazer, dentre elas as atividades turísticas. Complementando, Ouriques (2005, p. 27) enfatiza que “ao mesmo tempo em que o lazer turístico surgiu como uma conquista da classe trabalhadora constituiu-se e significa uma forma de controle do capital sobre o ‘tempo disponível’”.

Acrescenta-se que, inserido no tempo livre, o tempo de lazer, na sociedade industrial, é uma instituição social, uma vez que “as atividades econômicas, rituais, religiosas, e de lazer não eram tão nitidamente diferenciadas, temporal ou espacialmente, quanto o são na sociedade moderna” (PARKER, 1978, p. 25), fazendo com que a delimitação entre os tempos utilizados pelos sujeitos ficasse cada vez mais singularizados ao se considerar seu uso e seu valor.

Ressalta-se, assim, que o turismo é uma atividade econômica datada e influenciada pelo contexto histórico, econômico e social que a constitui. Tal consideração vai conduzir as discussões expostas neste estudo. Isso implica que, ao tomar como referência a Revolução Industrial como marco histórico da atividade turística organizada, concebe-se esta atividade influenciada pelos aspectos que caracterizam a organização do trabalho, notadamente no que se vincula ao uso do tempo neste contexto.

Conforme menciona Dal Rosso (2008, p.46), “para aumentar a produção de valor, o capitalista aumenta o número de horas de trabalho, elevando o seu limite superior ao máximo suportável”, complementando essa afirmação, segundo recorda Camargo (2003, p. 38), “o tempo de lazer não estava na lógica de racionalização do tempo, instituída pelo capitalismo industrial do século XVIII na Europa, do século XIX nos EUA, ou no início do século XX no Brasil”. Esse tempo precisou ser criado, conquistado e mantido pelas lutas dos trabalhadores ao longo da história (LAFARGUE, 2003; DAL ROSSO, 2008; CARDOSO, 2009).

Fruto das lutas pela liberação do tempo de trabalho e conseqüente conquista de tempo livre, os serviços de hospedagem também são impactados pela racionalização e uso do tempo no capitalismo, pois, uma vez que “ao mesmo tempo em que o lazer turístico surgiu como uma conquista da classe trabalhadora constituiu-se e significa uma forma de controle do capital sobre o ‘tempo disponível’”, conforme argumenta Ouriques

(2005, p. 27), assim, o tempo livre transforma-se num tempo de “consumo produtivo” nas palavras de De Masi (2006).

Tais aspectos impulsionam o crescimento da atividade econômica do turismo que vivemos atualmente, pois a liberação do tempo e o imperativo de consumo deste, transformando o tempo livre em mercadoria, tanto criam as condições para o crescimento dos serviços turísticos como ampliará a geração de emprego neste setor, portanto, aumenta o número de trabalhadores que atuam nos diversos serviços ligados ao turismo, inclusive os serviços de hospedagem.

Ante o exposto, na busca pela compreensão da relação tempo de trabalho e tempo livre, interessam-me as experiências dos trabalhadores que estão envolvidos em seu cotidiano de trabalho com as experiências de lazer de outras pessoas, ou seja, os trabalhadores que tem em sua vivência de labor uma fronteira tênue entre trabalho e lazer, quais sejam os trabalhadores dos serviços de hospitalidade, notadamente os dos serviços de hospedagem.

Estes, por atuarem num setor considerado trabalho-intensivo, ou seja, setor em que no processo de produção é demandada a presença do trabalhador, como os inseridos no setor de serviços, são considerados estratégicos do ponto de vista organizacional. Diferentemente dos setores capital-intensivo, em que as atividades são realizadas com a utilização de maquinário avançado e tecnologia, o que reduz o número de trabalhadores no processo produtivo (ANTUNES, 2007).

Nesse sentido, o trabalho dos sujeitos no setor de hospedagem está fortemente determinado pela busca da qualidade na prestação de serviços, pela hospitalidade e pela imagem da organização. Esses aspectos fazem com que muitas vezes sejam vistos como responsáveis pela atração, manutenção e pelo retorno dos turistas para os empreendimentos prestadores de serviços turísticos (VIEIRA, CÂNDIDO, 1996; ANSARAH, 2002; SHIGUNOV NETO, MACIEL, 2002; DIAS, PIMENTA, 2005; CAON, 2008; SARAIVA, 2009).

Destaco ainda que, em seu cotidiano, esses trabalhadores no seu tempo de trabalho atuam em suas atividades enquanto o cliente está em seu tempo livre, fazendo com que a construção de sentidos sobre a relação trabalho e lazer pareça estar estreitamente influenciada por esta convivência com o tempo livre do outro.

Cabe ressaltar que, para as discussões apresentadas nesta pesquisa, parto das seguintes premissas: a) a centralidade do tempo de trabalho impacta nas vivências do tempo livre dos trabalhadores dos serviços de hospedagem; b) há uma relação dialética

nas vivências do tempo de trabalho e do tempo livre que impactam na construção da identidade e sociabilidade dos trabalhadores dos serviços de hospedagem; c) a relação entre tempo de trabalho e tempo livre está influenciada pelo contexto histórico-social baseado no modo de produção capitalista e pela racionalidade econômica, interferindo nas vivências desta relação para os trabalhadores dos serviços de hospedagem; d) as características do trabalho para o lazer de outras pessoas constroem sentidos interligados a esta atividade, impactando na relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem; e e) os trabalhadores dos serviços de hospedagem evidenciam os sentidos sobre a relação entre o tempo no trabalho e o tempo livre dialogicamente nas relações sociais do trabalho.

A partir das premissas expostas, defino como perguntas norteadoras desta proposta de pesquisa: Quais os sentidos construídos sobre o trabalho? Quais os sentidos construídos sobre o tempo livre? Como os sentidos construídos sobre a relação trabalho e lazer se relacionam para estes trabalhadores? Como dialogicamente os sentidos sobre esta relação são construídos?

Tais questões norteiam esta pesquisa, que, fundamentada na centralidade da linguagem e sua materialidade para compreensão da construção de sentidos segundo a perspectiva Bakhtiniana e nos processos interacionais e dialógicos que permeiam a construção de sentido sobre a relação tempo de trabalho e o tempo livre, busca investigar: **quais os sentidos construídos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem?**

Segundo as concepções bakhtinianas, a linguagem é considerada como processo de interação. Ela se caracteriza não só como língua, mas está ligada ao ambiente, a tudo que comunica e expressa de forma dialógica. Assim, a linguagem é vista como um produto vivo da interação social e das condições materiais e históricas de cada tempo, tendo como propriedade mais marcante a sua dialogicidade.

Este aspecto dialógico indica que é por meio das relações com os outros que nos constituímos e construímos sentidos no decorrer dos diálogos, uma vez que, segundo Bakhtin, toda ação do homem é voltada para o outro e por meio da linguagem há a produção de sentidos (BAKHTIN, 2006). Por meio da análise do discurso, acessa-se o sentido deste. Ressalta-se que o sentido do discurso está sempre em aberto, passível de interpretação por parte do receptor.

Dito isso, a partir desse questionamento maior, tem-se como pressuposto da tese **a relação entre o tempo no trabalho e o tempo livre, considerando as**

**características do trabalho para o lazer de outras pessoas que os trabalhadores do setor de hospedagem possuem, reverbera na construção de sentidos sobre a vivência de sua própria relação entre tempo no trabalho e tempo livre**, pois a racionalidade que transforma a relação com o tempo em mercadoria intensifica o tempo no trabalho e limita o tempo livre, influenciando na construção de sentidos sobre a relação entre tempo de trabalho e o tempo livre, ou seja, tempo dedicado ao lazer e ao ócio.

Dessa forma, o entendimento da relação tempo no trabalho e tempo livre perpassa pela compreensão do percurso histórico que os coloca como parte de um mesmo processo, baseados nas mesmas regras gerais capitalistas e da racionalidade econômica que o permeia denominado por Maya (2008) de *lógica da produção de mercadorias*, que rege tanto o tempo de trabalho como o tempo livre.

Apresento a seguir os objetivos do estudo, tanto geral como específico, além da justificativa e estrutura deste estudo.

## **1.1 Objetivos**

Na busca das respostas aos questionamentos e pressupostos levantados, orientado nas premissas que os baseiam, esta pesquisa visou alcançar os seguintes objetivos:

### **1.1.1 Objetivo geral**

- Compreender a construção de sentido sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores prestadores de serviços de hospedagem.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Identificar os sentidos construídos sobre o tempo de trabalho junto aos trabalhadores do setor de hospedagem;
- Investigar os sentidos construídos acerca do tempo livre desses trabalhadores;
- Analisar os elementos que constituem a relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores do setor supracitado.

## 1.2 Justificativa

Os estudos sobre o mundo do trabalho no setor de serviços ainda são poucos; basicamente os serviços bancários e alguns de empresas prestadoras de serviços de *telemarketing* têm sido objetos de pesquisa neste setor (CARVALHO NETO, 2001; ANTUNES, 1995). Na atividade turística, tais estudos ainda são pouco considerados; apesar de essa atividade ser trabalho-intensivo, como dito anteriormente, a maioria dos estudos vem centrando-se em questões sobre planejamento sustentável do turismo, *marketing* turístico e o crescimento de alguns segmentos da atividade como o turismo de eventos, turismo de negócios, turismo religioso, rural, ecoturismo, entre outros, conforme apresenta os estudos de Rejowski (1998; 2010; 2011) e Lima e Rejowski (2011) sobre a produção científica em turismo.

Embora esses temas tenham grande relevância para uma análise macrocentrada para a compreensão da atividade turística no país, percebe-se a necessidade de se ampliar estudos que se debrucem sobre o mundo do trabalho no turismo, notadamente sobre aspectos do cotidiano do trabalho, no que se refere aos processos de gestão de pessoas, às relações e condições de trabalho, aos sentidos do trabalho, aos aspectos da subjetividade dos trabalhadores, da precarização do trabalho nessa atividade, principalmente quando consideradas as pesquisas qualitativas.

Cabe ressaltar ainda que estudos sobre o mundo do trabalho, nos aspectos microcentrados, em diferentes setores da economia, não têm se voltado para essa área tão importante da economia nacional<sup>3</sup>.

Nessa perspectiva, verifica-se a importância de estudos sobre essas questões em vários setores da economia. Nesse sentido, este estudo se apresenta como uma possibilidade de lançar um “olhar” sobre tais aspectos no setor de serviços, especificamente na atividade turística, voltando-se para o setor de hospedagem.

Assim, esta proposta de pesquisa procurou contribuir para a discussão no âmbito microcentrado da relação existente entre os elementos relacionados ao mundo do trabalho na atividade turística e suas implicações na construção de sentidos sobre o tempo de trabalho e o tempo livre nessa atividade, buscando ampliar os estudos que as ciências administrativas vêm realizando sobre o tema, como os de Soares e Vieira

---

<sup>3</sup> Esta afirmação baseia-se no levantamento realizado nos Anais do Encontro da Associação Nacional das Pós-Graduações em Administração (EnAPAD) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR) a partir dos anos 2000.

(2009), que estudaram a construção de sentidos e identidade sobre o trabalho numa empresa de telefonia celular. Nascimento e Oliveira (2013), que pesquisaram sobre o tema no serviço público. Acrescentam-se ainda as investigações de Paula et al. (2012) sobre os sentidos e significados do trabalho junto a trabalhadores das fábricas de polvilho no sul de Minas Gerais e o de Prates e Silva (2013) sobre operários em fábrica de componentes eletrônicos.

Minha experiência na atividade turística iniciada em 1991, com a formação técnica em turismo, e a inserção no mercado de trabalho no ano de 1994, despertaram-me o desejo de responder aos questionamentos que empiricamente foram surgindo, principalmente os voltados para as questões do trabalho nessa atividade.

Acrescenta-se ainda a necessidade de dar continuidade aos estudos iniciados quando da realização da formação em nível de pós-graduação *stricto sensu*, cujo enfoque se voltou para as relações de trabalho nessa atividade. Esta pesquisa resultou na dissertação intitulada “Relações de trabalho em Serviços de hospitalidade: um estudo sobre a hotelaria em Boa Viagem – Recife/PE” defendida em 2005 na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia da Silva Costa. Destaca-se que este estudo consolidou em mim a escolha pela busca do entendimento sobre o trabalho nessa atividade e o direcionamento de olhar para o sujeito que nela trabalha. Por conseguinte, esta proposta de estudo sobre o mundo do trabalho no turismo, especificamente sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre nessa atividade, visa ampliar a análise de aspectos que se desdobram a partir do estudo desenvolvido no Mestrado sobre as relações de trabalho no turismo, também enfocando o setor de hospedagem.

Dessa forma, busco apresentar, ao final desta pesquisa, contribuições de ordem teórica no sentido de estudar o mundo do trabalho no turismo, por meio de uma perspectiva centrada no homem e não no capital. Pretendo contribuir também com a ampliação de estudos que destaquem o trabalho no turismo, no que se refere às perspectivas relacionais estabelecidas entre trabalho e lazer, principalmente para os trabalhadores do setor de hospitalidade. Busco, ainda, oferecer um panorama sobre tal relação para o mundo do trabalho, especificamente no âmbito da microanálise, compreendendo de forma mais clara a relação entre tempo de trabalho e tempo livre.

Epistemologicamente, o estudo buscou trazer uma visão crítica sobre tal relação, na medida em que poderá levar à reflexão do papel que cada ator envolvido com a atividade turística possui no processo de construção de sentido sobre a relação sócio-

histórica sobre o tempo e a organização social do trabalho nessa atividade, visando minimizar os impactos da razão pragmática e instrumentalista que no geral os estudos sobre a atividade turística possuem. Assim, busquei teorizar em um campo que é pouco teorizado como área do conhecimento, especificamente sobre o mundo do trabalho no turismo.

Em termos de contribuição de ordem prática, acredita-se que os resultados obtidos no estudo possam servir para ampliar as discussões sobre as especificidades do mundo do trabalho no turismo.

Ademais, esta pesquisa visa colaborar com as possibilidades de aproximação nas pesquisas qualitativas dos estudos organizacionais de diferentes perspectivas metodológicas, como se propõe neste estudo, por meio da pesquisa de inspiração netnográfica, e da análise de discurso Bakhtiniana, contribuindo com uso do meio virtual para a realização de estudos na área de turismo e com diferentes possibilidades de estudos dos discursos como recursos metodológicos para geração de conhecimento nessa área. Procura-se também cooperar no avanço dos estudos sobre os aspectos do trabalho na atividade turística e lançar um olhar sobre os trabalhadores dos segmentos dessa atividade, incentivando novos estudos sobre o tema.

A proposta de aliar os preceitos bakhtinianos da linguagem à técnica de netnografia objetivou ampliar as possibilidades de análise das interações estabelecidas na comunicação mediada por computador, buscando uma maior aproximação com os aspectos contextuais das práticas discursivas vivenciadas *on line* e como essa ferramenta se constitui um espaço para a construção de sentidos dos indivíduos que dela se utilizam. Busca-se também colaborar para as discussões dos estudos organizacionais por meio de diferenciadas teorias, métodos e técnicas.

Nesse sentido, busco promover discussões com os trabalhadores que possam contribuir com o debate entre sindicatos e órgãos de classe que representam os atores envolvidos na atividade, notadamente trabalhadores e empresários. Procuo, ainda, contribuir com os estudos sobre as implicações do modelo de organização do trabalho na produção de sentidos sobre o tempo de trabalho e o tempo livre para esses trabalhadores, podendo propiciar discussões que visem melhores condições voltadas para construção de uma política de desenvolvimento do trabalho no turismo, respeitando os indivíduos que buscam contribuir por meio de seu trabalho para o fomento dessa atividade econômica e se constituírem como pessoas.

### 1.3 Estrutura da tese

A tese ora exposta primeiramente apresenta, em sua introdução, a contextualização do problema de pesquisa, os argumentos que lhe dão base, a pergunta de pesquisa, o pressuposto que conduzirá este estudo, seus objetivos, tanto geral como específicos, além de sua justificativa.

A fundamentação teórica apresenta uma discussão sobre a relação tempo e trabalho, no que se refere à constituição de sua racionalidade, e de sua relação com o tempo livre. Em seguida, são realizadas reflexões sobre a constituição da racionalidade econômica e suas implicações no tempo de trabalho no capitalismo. Posteriormente, discuto a relação entre tempo de trabalho e tempo livre, enfocando suas modificações no processo sócio-histórico. Em seguida, o debate sobre tempo e trabalho no contexto da modernidade avançada é descrito. Complementando tal exposição, discuto os aspectos do trabalho no setor de hospedagem na modernidade avançada, a relação tempo de trabalho e tempo livre.

Na terceira parte da tese, apresenta-se o percurso metodológico, que se busca fazer na condução da pesquisa, notadamente no que se refere à caracterização da pesquisa, sua base epistemológica, seu *corpus*, procedimentos de levantamento de interações e proposta de análise do discurso bakhtiniana utilizados neste estudo.

Em seguida, é apresentado o perfil dos sujeitos pesquisados, as análises das interações pesquisadas a partir dos temas: características do trabalho, condições de trabalho, relações sociais no trabalho, relação tempo de trabalho e tempo livre.

Finalmente, são expostas as considerações finais sobre o objeto deste estudo a partir dos achados das análises realizadas no sentido de responder ao questionamento maior, de atingir os objetivos definidos e investigar o pressuposto desta pesquisa.

Ante o exposto, apresento nos itens e subitens que estruturam o pensamento os argumentos e as escolhas definidas para condução desta tese.

## 2 TEMPO E TRABALHO: A CONSTITUIÇÃO DE SUA RACIONALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO LIVRE

---

O tempo é uma categoria que estamos cotidianamente em contato. Nossa vida é contada em dias, meses e anos. A História é constituída no decorrer do tempo. Esses tempos nos influenciam, nos marcam e nos constituem (ATTALI, 1982; WHITROW, 1993; ELIAS, 1998).

Para os gregos, havia duas categorias de tempo, o *Kairós*, que seria o que gera vida, que representa o tempo subjetivo, indicando o momento certo ou oportuno, a qualidade do tempo, e o tempo como *Kronos*, o que gera controle, baseando as palavras cronômetro, cronológico, cronograma, representando e qualificando o tempo vivido (MARTINS et al., 2012)

[a primeira baseia-se em] uma lógica contabilizável, quantificável, comum e previsível, que pode ser mensurada e dividida em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos, um tempo universal e que serve de norteador para vários processos sociais. A segunda categoria é um tempo não racional, qualificável, pessoal, imprevisível e mutável, que não pode ser compartilhado com o outro, que, mesmo enunciado, só pode ser entendido plenamente por aquele que o vive (MARTINS et al., 2012, p. 220).

Segundo Tabboni (2006), a noção que temos sobre o tempo não é simplesmente um dado, mas constitui-se coletivamente e é marcado pela sociedade, que lhe dá vida, sustentando-o e estabelecendo sobre ele uma hierarquia de valores.

Por ser um produto social, Sue (1994 *apud* TABBONI, 2006) lembra que a noção de tempo se fundamenta conforme a noção histórica dos atores sociais num determinado período, constituindo-se como um enredo de aparências objetivas organizados por fatos sociais, mas que expressam um conjunto de valores a ele associados.

Para o entendimento da construção social sobre o tempo, Whitrow (1993) o compreende em uma perspectiva temporal, analisando os fatores que influenciaram a

noção de tempo e a necessidade de torná-lo cada vez mais preciso, regulado e uniformizado no decorrer do tempo histórico.

Na sua discussão sobre o tempo, Elias (1998) questiona a visão de que o tempo é um dado natural. Para ele, é preciso considerar seu estatuto ontológico, o processo civilizador e os elementos simbólicos por ele constituídos e que variam conforme o estágio de desenvolvimento da sociedade, uma vez que

o tempo, que só era apreendido, no patamar anterior, como uma dimensão do universo físico, passa a ser apreendido, a partir do momento em que a sociedade se integra como sujeito do saber no campo da observação, como um símbolo de origem humana e, ainda por cima, sumamente adequado a seu objeto [...]. O tempo traduz os esforços envidados pelos homens para se situarem no interior desse fluxo, em que determinam posições, medem durações de intervalos, velocidades de mudanças etc. (ELIAS, 1998. p. 31)

Fluxo esse que precisa ser compreendido na medida em que ele determina como os instrumentos e símbolos associados ao controle do tempo estão ligados ao domínio, à coerção e à autodisciplina das pessoas no decorrer da história da sociedade, conforme nos indica Rugiu (1998) ao lembrar o uso do Sol como referência para a contagem e o fluxo do tempo.

Weber (2004) também nos traz elementos de análise da discussão sobre a relação com o tempo. Para ele, a partir do século XVII, o contexto social, religioso, cultural e tecnológico acabou por influenciar essa relação. Esse autor, baseado na constituição de um novo *ethos*, notadamente no contexto do protestantismo, indica uma modificação da representação sobre o tempo, pois “a perda de tempo é o primeiro e o principal de todos os pecados”, já que tempo deve ser dedicado ao trabalho e “toda hora perdida no trabalho redundava uma perda de trabalho para a glorificação de Deus” (WEBER, 2004, p. 143)

A construção da imagem do tempo, especialmente nos estudos sobre o trabalho e as organizações, parte, segundo Hassard (2009), de duas visões: uma baseada na filosofia social e outra na teoria social. A primeira apresenta três pontos de vista: o tempo como categoria ontológica; o aspecto relacional do tempo (homogêneo *versus* heterogêneo); e a possibilidade de mensuração, todos pautados nos estudos sobre o tempo feito por Heath (1956), citado nas discussões de Hassard (2009).

Ontologicamente, considera-se que o tempo tanto deve ser visto como algo objetivo e concreto como um conjunto de significados essenciais e abstratos ligados à

subjetividade humana. Com relação à homogeneidade/heterogeneidade do tempo, a filosofia discute se ele deve ser considerado como elemento atomístico e divisível, representando sua equivalência, ou contínuo e infinito, oportunizando assim vivências diversas. Já a questão de sua mensuração deve partir da consideração de tê-lo como referência de uma quantificação capaz de transformar-se numa “mercadoria” a ser vendida e consumida ou como vivências são experienciadas qualitativamente de formas diversificadas por cada indivíduo (HASSARD, 2009).

Na segunda, na teoria social, os sociólogos baseiam suas discussões sobre o tempo por meio de metáforas, destacando-se as metáforas do tempo visto como ciclo ou linha. A metáfora do tempo cíclico está ligada ao “homem arcaico”, uma vez que, para estes, “os acontecimentos desdobravam-se num ritmo sempre recorrente”, desenvolvendo-se por “sua luta contra as estações do ano” (HASSARD, 2009, p. 191).

O tempo linear é a metáfora ligada ao “homem cristão” moderno que passa a considerar o processo histórico humano e, nessa perspectiva, o tempo linear liga-se ao processo histórico do capitalismo que começa a considerar o tempo como mercadoria no processo produtivo industrial, dando ao tempo a noção de valor humano (WEBER, 2004; HASSARD, 2009).

Conforme nos lembra Gasparini (1996), uma nova disciplina do tempo de trabalho surge no sistema fabril a partir da Revolução Industrial exigindo dos trabalhadores pontualidade e produtividade no tempo de trabalho. Esse autor ainda enfoca a visão de Marx (2011) sobre a economia para a lógica da racionalidade econômica e capitalista de produção do tempo ao informar que “a economia do tempo e distribuição programada do tempo de trabalho nos diferentes ramos de produção permanecem, então, como a primeira lei econômica básica da produção social” (GASPARINI, 1996, p. 114), influenciando não só no processo produtivo, como na organização do trabalho.

Segundo Nogueira (2003), o tempo para as organizações é um importante elemento interpretativo e pode contribuir para compreensão da relação com a cultura organizacional.

Ressalta-se que, na sociologia do tempo, tanto a escola francesa quanto a americana atentaram para a visão do tempo como construção coletiva, social, permeada e combinada pela duração, sequência e significados (HASSARD, 2009).

Na escola francesa, há um enfoque na natureza rítmica da vida social, buscando desenvolver a noção qualitativa do tempo, ou seja, essa categoria não teria apenas seu

aspecto mensurável. Destacam-se nessa escola os estudos de Marcel Mauss, Henry Hubert e Émile Durkheim (HASSARD, 2009).

A escola americana também enfatiza o aspecto qualitativo do tempo social, tanto em nível micro como macrocentrados. Destacam-se nessa tradição Robert King Merton e Pitirim Aleksandrovich Sorokin (HASSARD, 2009).

Ressalta-se que o chamado *tempo microssocial* caracteriza grupos e comunidades e o tempo macrossocial está ligado aos sistemas e às instituições e ambos estão inter-relacionados, pois pode-se dizer que a constituição dos tempos coletivos engloba os diversos ritmos particulares de vida (DURKHEIM, 2003).

Ao discutir a construção social do tempo, Cardoso (2009) aborda a constituição dos tempos sociais baseada nas reflexões propostas por William Grossin, o qual considera que a existência de “uma multiplicidade de tempos sociais constitui um fundamento da análise sociológica sobre o tempo” (CARDOSO, 2009, p. 40) e faz-se necessário analisá-lo de forma inter-relacional.

Outro aspecto destacado por Cardoso (2009) é que a experiência com o tempo deve ser considerada pelas diversas experiências cotidianas e a partir dos sujeitos. Dessa forma, para a autora, existem tempos, sejam eles de trabalho, de família, de educação ou de lazer e que cada sujeito os vivenciará de forma diferenciada, considerando as características de cada sociedade em determinado período histórico. É ancorado nessa visão que partimos do argumento que o tempo de trabalho e o tempo livre são considerados como face da mesma moeda e sua inter-relação contribui para o entendimento de como os tempos sociais se apresentam no capitalismo.

Faria e Ramos (2014) acrescentam à discussão sobre o tempo como construção social e histórica a constituição de tempo socialmente necessário. Para eles, o tempo de trabalho necessário não compõe, no sistema de capital, o tempo de trabalho ou o tempo disponível de trabalho, pois este engloba igualmente o tempo necessário e o tempo excedente de trabalho.

Esse aspecto faz com que o tempo livre passe a ser, portanto, aquele compreendido para além do tempo de trabalho necessário e de mais-trabalho, uma vez que o tempo livre torna-se o tempo socialmente supérfluo, o tempo ocioso ou o tempo socialmente disponível e que deveria ser aquele que o trabalhador tem para si e que não está à disposição do capital.

Marx (2011) entende que todo o tempo para além do tempo de trabalho necessário à produção e reprodução das condições materiais de existência é o tempo

livre. Entretanto, sob o modo capitalista de produção, parte desse tempo livre é apropriada pelo capital, pois sob o modo de produção capitalista, o tempo de trabalho não pertence inteiramente ao dono dele. Dessa forma, o tempo livre passa a ser, portanto, aquele compreendido para além do tempo de trabalho necessário e de mais-trabalho, aquele gerador da mais valia (FARIA; RAMOS, 2014).

Tal discussão relembra que, nos setores da economia, estas modificações na utilização do tempo, influenciadas pela racionalidade econômica, implicam a construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre. Nota-se que, para os trabalhadores do turismo, que cotidianamente convivem com a utilização do tempo livre do outro, essa construção parece constituir-se de forma singular.

Acrescenta-se nesta discussão os aspectos subjetivos da relação com o tempo, conforme lembram Vasconcelos, Mascarenhas e Zacarelli (2006), que, na reflexão sobre a dimensão do “tempo vivido”, deve-se considerar que ela está ligada aos diferentes contextos históricos e sociais. Também Grisci, ao debater sobre a relação trabalho, tempo e subjetividade, tratando da experiência com o tempo no contexto da reestruturação produtiva no setor bancário (GRISCI, 1999) e no sujeito contemporâneo (GRISCI, 1999a), informa que esta experiência reestrutura também o sujeito e cobra dele novos modos de experimentar o tempo.

Ante o exposto, pode-se dizer que a categoria tempo, e sua utilização no contexto da racionalidade econômica que conduz às ações do capitalismo, tornam-se o centro para o entendimento da organização e do valor do trabalho no percurso histórico da construção social do tempo, tanto com relação ao tempo dedicado ao trabalho como ao tempo livre, dedicado ao ócio ou ao lazer.

A seguir, tratar-se-á sobre os aspectos históricos e sociais que inter-relacionam o capitalismo e sua racionalidade.

## **2.1 Racionalidade econômica: implicações no tempo de trabalho no capitalismo**

O debate sobre a razão inicia-se com as visões dos filósofos. Ao se resgatar as bases filosóficas sobre o tema, encontram-se os pensamentos de Heráclito, Parmênides, Platão, Aristóteles, além da Escola dos Estoicos e Megáricos (Euclides de Megara) a maioria baseados no princípio da lógica (*logos* como razão) (SILVEIRA, 2007).

Com a publicação da “Enciclopédia” por Denis Diderot e D’Alambert, o foco na razão ganha força na modernidade, embora desde a antiguidade os filósofos gregos como Heráclito, Parmênides, Platão e Aristóteles teceram suas concepções sobre a razão humana (SILVEIRA, 2007).

A Idade Média, baseada no absolutismo, no regime feudal e nas ações sociais conduzidas pela fé, dá lugar, no contexto do Iluminismo, com suas propostas de individualidade, autonomia, universalidade, à razão. Essa mudança permite um maior destaque ao homem e ao conhecimento científico, tornando-se referência na Idade Moderna (SILVEIRA, 2007).

Um autor importante na discussão sobre razão na Idade Moderna é Gottfried Leibniz, que buscou elaborar seu pensamento sobre a razão por meio da criação de uma linguagem racional simbólica pautada em procedimentos matemáticos, ou seja, de caráter calculístico. Ainda no século XVII, o racionalismo de René Descartes e o empirismo de Francis Bacon influenciaram a discussão sobre a razão. August Comte também contribuiu com a discussão por meio da introdução da racionalidade na filosofia com o seu Positivismo (SILVEIRA, 2007).

Voltaire e Jean Jacques Rousseau também, no século XVIII, expuseram suas contribuições sobre razão. No século XIX, o criticismo de Immanuel Kant e o pragmatismo de Charles Pierce, William James e John Dewey ampliaram o debate sobre a racionalidade humana na tentativa de unir razão e ação (SILVEIRA, 2007).

Max Weber traz grande contribuição para a discussão sobre o racionalismo e a vocação, buscando “descobrir a filiação intelectual particular do pensamento racional em sua forma concreta, da qual surgiu a ideia de devoção ao trabalho e de vocação” que para ele é um elemento irracional neste processo, mas que se racionaliza nas ações capitalistas (WEBER, 2009).

Na visão de Weber, a ação social baseia-se em quatro princípios: ação racional no tocante aos fins; ação racional com relação a um valor; ação afetiva; e ação tradicional. As duas primeiras tipologias dão base à Burocracia, caracterizada pela legalidade como fonte de legitimidade e tipo de ação racional-objetiva, correspondendo à racionalidade instrumental, fundamentada num tipo de ação consciente, calculada e deliberada (ALVES, 2004).

Destacam-se ainda no debate sobre a racionalidade humana os pensamentos dos autores da Teoria Crítica propagados pela Escola de Frankfurt. Jurgen Habermas, Max

Horkheimer e Hebert Marcuse propuseram, para o contexto contemporâneo da sociedade, uma visão mais ampla sobre a razão e a racionalidade (SILVEIRA, 2007).

Acrescenta-se que a Escola de Frankfurt busca fazer uma crítica e superar a racionalidade instrumental que “sujeita os indivíduos e a vida social ao conhecimento técnico e empírico apresentado pelas classes dominantes, ocasionando um processo de desumanização” (SCREMIN, 2004, p.12).

Sinteticamente, pode-se dizer que o pensamento de Habermas baseia-se na proposta de coexistência de duas racionalidades: a atividade racional em relação a fins de natureza instrumental e a atividade racional comunicacional que busca a compreensão mútua entre os indivíduos por meios linguísticos (SILVEIRA, 2007).

Horkheimer pauta-se no Iluminismo e compara a razão objetiva e a razão subjetiva com os conceitos de racionalidade formal (funcional) e substantiva de Max Weber. Marcuse propõe a racionalidade do prazer por meio do desenvolvimento integral, permitindo a fruição do prazer, por meio da constituição da noção do indivíduo como *eros* (SILVEIRA, 2007).

Já Marx (2006), contrapondo-se ao pensamento de Hegel, considera a concepção de que a ideia não é anterior ao real. Para ele, a ideia corresponde ao próprio real transposto e traduzido racionalmente no pensamento do homem. Dessa forma, esse autor propõe a dialética materialista pautada na realidade histórica, associando a existência por meio do exame preliminar do real.

Segundo Silveira (2007), a concepção de razão foi sucedida pela concepção de racionalidade durante os séculos XIX e XX. Na busca pela compreensão do mundo e da natureza, o caráter pragmático, metódico e sistemático, mas ainda submisso ao entendimento do real e dos fatos como a razão, a racionalidade baseia-se numa inteligência crítica que visa constantemente identificar e propor reparos, revisões e refutações sobre o mundo.

Ressalta-se que vários estudiosos das ciências sociais têm se debruçado sobre o entendimento da noção de racionalidade (WEBER, 2009; RAMOS, 1989; BOUDON, BOURRICAUD, 2002; GORZ, 2007).

A racionalidade econômica, segundo Gorz (2007), baseia-se no cálculo contábil das atividades da vida social, que passa a ser regulada pelos cálculos demandados pelo mercado, fazendo com que o tempo e o ritmo da vida dos indivíduos percam o sentido e o objetivo primeiro de prover o autoconsumo e, dessa maneira,

com a racionalidade econômica – desenvolvida com o capitalismo – o trabalho tem por fim a troca de mercadorias no interior da lógica do capital e não mais a subsistência [...]. Assim, também a vida dos homens passa a ser regida por essa lógica e a eficácia do homem passa a ser avaliada por critérios cada vez mais quantificáveis (PADILHA, 2000, p. 73).

Sobre o tema, Weber (2004), informa que a sociedade de mercado constitui-se historicamente baseada no funcionamento eficaz do desempenho dos indivíduos que, como membros dos ambientes de trabalho, devem atuar de forma impessoal.

Acrescenta-se que, de acordo com Ramos (1989), a racionalidade econômica influencia a sociedade de mercado e o ser humano passa a ser visto como um ser despersonalizado, pois

os atos que o indivíduo pratica em sua qualidade de detentor de um emprego são de importância secundária, relativamente à sua verdadeira atualização pessoal. Se uma pessoa permite que a organização se torne a referência primordial de sua existência, perde o contato com sua verdadeira individualidade e, em vez disso, adapta-se a uma realidade fabricada (RAMOS, 1989, p.99).

Assim, termos como *racionalidade funcional*, *racionalidade instrumental*, *racionalidade substantiva*, *racionalidade substancial*, *racionalidade objetiva*, *subjetiva*, *procedimental*, *formal* e *racionalidade econômica* apresentam as visões sobre a forma de considerar a ação e a *psique* humanas no decorrer do tempo, mas, conforme discutido por Ramos (1989), Gorz (2007) e Weber (2004), há uma prevalência da racionalidade instrumental no contexto da racionalidade econômica consolidada no capitalismo. Tais racionalidades baseiam-se na visão de que a ação humana se dá pela expectativa dos resultados a serem alcançados, ou seja, por fins calculados.

Conforme termo utilizado por Gorz (2007), a racionalidade econômica é uma forma de racionalidade “cognitiva-instrumental”, que tem no cálculo contábil sua base e vai permear as ações no âmbito produtivo e social. Tal racionalidade ganha força no capitalismo a partir do momento que o trabalho deixa de ser exercido para o autoconsumo e passa a ter como finalidade a troca no mercado e a produção deve ser ofertada num mercado livre (GORZ, 2007).

Nesse contexto, ressalta-se que, dentre as principais mudanças históricas acerca do tempo de trabalho e do tempo livre, além do papel social que ambos desempenham, nota-se que a influência da lógica econômica parece ser significativa, ou seja, pode-se

considerar que a racionalidade que transforma o tempo numa mercadoria passa a construir novas relações sobre esta categoria, notadamente no sistema capitalista de produção.

## **2.2 Relação entre o tempo de trabalho e tempo livre: modificações no processo sócio-histórico**

Para a compreensão do papel que o trabalho possui na vida dos homens, faz-se necessário apresentar um breve percurso histórico sobre o significado dessa categoria. O trabalho possui uma função central na ação e sociabilidade humanas, mas nem sempre foi assim (THOMPSON, 1998; ELIAS, 1998; BENDASSOLLI, 2007; MERCURE, SPURK, 2005).

O trabalho em sua etimologia está ligado ao sacrifício, uma vez que a palavra se origina do latim *tripalium*, instrumento em que os agricultores batiam o trigo, milho, linho para rasgá-los e esfiapá-los. A palavra está também associada ao instrumento utilizado em torturas, ou seja, está ligada em sua origem ao padecimento e ao cativo que essa atividade poderia gerar (ALBANOZ, 2004).

Neste estudo, concebe-se trabalho como categoria central para o homem e parte-se da concepção marxiana sobre essa categoria, considerando-o como

[...] um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 2006, p. 211)

Nesta perspectiva, esse pensamento nos revela que o trabalho, além de ser estabelecido a partir da relação entre homem e natureza, também nos informa que ele particulariza sua função social, pois, ainda segundo Marx (2006, p. 211),

[...] o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existiu antes idealmente na imaginação do trabalhador.

Além do aspecto de relação com a natureza, o trabalho se apresenta não só como a base da atividade econômica, mas também é uma categoria que faz referência ao próprio modo de ser dos homens e da sociedade, sendo visto como uma categoria central para o entendimento do próprio fenômeno humano-social (NETTO, BRAZ, 2006; LESSA, 2002).

Acrescenta-se que, conforme nos lembra Marx (2006), há uma relação estabelecida entre formação social, capital e trabalho e que há uma dependência entre todas formas sociais e o trabalho.

Por muito tempo na história da humanidade, o trabalho foi considerado um demérito para os homens, sendo realizado por servos e escravos, notadamente na Grécia antiga e no período medieval. É apenas no século XVIII, com a constituição do capitalismo manufatureiro, que surge a concepção de trabalho que temos conhecida na atualidade (BENDASSOLLI, 2007).

Os estudos dos principais filósofos gregos que influenciaram o pensamento ocidental apresentam o trabalho como uma categoria sem valor ou virtude moral, uma vez que era realizado por escravos e homens não livres e, portanto, atrapalhava a ação dos homens livres em suas práticas políticas ou filosóficas, brutalizando-os (BENDASSOLLI, 2007).

Nas obras *Política e Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, ou em *A República e As Leis*, de Platão, o trabalho aparece como obstáculo ao desenvolvimento do homem e de suas virtudes, e, para esses autores, as atividades políticas se constituíam da expressão do homem virtuoso, conforme indica Bendassolli (2007), e não da realização de atividades de sobrevivência, ou seja, para os antigos, a vida não poderia se resumir ao trabalho e este não poderia ser um fim em si mesmo.

Outro aspecto que se destaca nesse período é a escravidão que ajuda a desvalorizar o trabalho no mundo antigo, notadamente o trabalho manual. Só quando no percurso histórico há um declínio da escravidão que o trabalho inicia sua revalorização (BENDASSOLLI, 2007).

Ainda segundo Bendassolli (2007), na Idade Média a visão sobre o trabalho sofre influência religiosa. Primeiramente com o catolicismo, e num segundo momento com o protestantismo. A visão inicialmente negativa sobre o trabalho expressa por meio do texto de Gênesis diz “*No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra*” (Gn. 3:19) (BÍBLIA, 1993), apresentando o trabalho como um castigo dado pela

desobediência e como maldição pelo pecado original, começa a ser transformada pelos trabalhos de teólogos como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, que oferecem uma visão alternativa e positiva sobre ele.

Para Santo Tomás de Aquino, todas as possibilidades de trabalho, sejam elas manuais ou intelectuais, manifestavam-se como meio para se alcançar a salvação, dessa forma, ele não pode ser considerado como um fim em si mesmo, mas como atividade útil, em pelo menos três formas: para evitar a ociosidade, como forma de submissão do corpo às faculdades mentais e como meio de sobrevivência do homem. Já para Santo Agostinho, o trabalho se dá pela necessidade de amor ao próximo materializado pelo serviço, buscando-se, nesse servir, retribuir o sacrifício de Jesus Cristo por meio do trabalho. Para ele, ainda era necessário o equilíbrio entre a vida ativa e a contemplativa (BENDASSOLLI, 2007) para que o homem nem ocupasse muito tempo nos pensamentos sobre o próximo nem nas atividades relacionadas ao seu servir, para que não fosse impedido de pensar e contemplar Deus.

A Reforma Protestante influenciou a forma de considerar o trabalho. Lutero, Calvino e os puritanos trouxeram, em seus pensamentos, pautados na ética protestante, a discussão sobre esta influência na constituição do espírito capitalista conforme exposto na obra *A Ética Protestante e o 'Espírito' do Capitalismo* (WEBER, 2004).

Nessa obra, Weber aproxima o homem religioso do homem econômico, aspectos dissociados no mundo antigo, na Idade Média e no renascimento (BENDASSOLLI, 2007) e estabelece uma relação entre a religião protestante e o capitalismo e como estes aspectos influenciaram na organização do trabalho livre, focando principalmente no Ocidente. Neste trabalho, o autor percebe que, influenciado pelo protestantismo ascético, o trabalho era considerado um fim em si mesmo, ou seja, ele era visto como a finalidade da vida e como forma de alcançar a glória de Deus. Dessa forma, com o protestantismo, o trabalho passou a se constituir como o principal meio de servir a Deus e os livrar da ociosidade, uma vez que, conforme já mencionado, “toda hora perdida no trabalho redundava uma perda de trabalho para a glorificação de Deus” (WEBER, 2004, p. 143).

Na visão do autor, o asceticismo protestante influenciou a formação do capitalismo indicando ainda que “está claro que a participação dos protestantes na propriedade do capital, na direção e nos postos de trabalho mais elevados das grandes empresas modernas industriais e comerciais é relativamente mais forte” (WEBER,

2004, p. 29), o que demonstra que na estratificação social os protestantes ocupavam lugar de destaque na economia.

Embora o pensamento acima discutido tenha base em aspectos religiosos, ele fundamenta os elementos iniciais para centralidade do trabalho na modernidade, pois essa categoria passa a ser fortalecida por seus enfoques: econômico, moral, ideológico, existencial e legal (BENDASSOLLI, 2007).

Além disso, a racionalidade econômica ganha força com a influência da formação e de dogmas religiosos protestantes na economia do século XVIII, ao buscar apresentar uma visão sobre o que ele denomina de “espírito do capitalismo” (WEBER, 2009).

Como resultado, para os que adotaram o protestantismo, a representação e a relação com o tempo modificaram-se, transformando-se numa categoria passível de consumo, de utilização racional e com o objetivo de alcançar riqueza, lucro e a possibilidade de salvação divina (CARDOSO, 2009). Pode-se dizer que esses aspectos parecem centrais, sobretudo na relação dos sujeitos com o tempo na constituição da sociedade moderna.

Cabe ressaltar que a ênfase dada à tradição linear-quantitativa do tempo fez com que sua mensuração qualitativa fosse negligenciada, mas experiências como o trabalho em grupo e aspectos presentes no sistema sociotécnico indicam que o aumento da produtividade e da qualidade de vida no trabalho consiste na permissão de maior autonomia sobre o tempo. Acrescenta-se a esses aspectos que “para as organizações contemporâneas baseadas no mercado, os controles do tempo não são tão finitos e determinados como pretendem retratar os modelos ‘racionais’” (HASSARD, 2009, p.196).

O trabalho, antes considerado como atividade realizada para proveito próprio, inserido na esfera privada, com o objetivo de garantir a subsistência e constituir a identidade do indivíduo, passa, com a racionalização econômica, a ser realizado na esfera pública e por meio de remuneração. Tal racionalização percebe o trabalho por meio da contabilização racional do valor monetário que ele adquire nesse novo contexto (BENDASSOLLI, 2007).

O pensamento de Adam Smith sobre a teoria do valor trabalho, a função da divisão do trabalho, sua potencialização por meio dessa divisão, o papel do mercado e os fundamentos do *Homo Economicus* contribuem para a ampliação da racionalidade do

trabalho no contexto de racionalidade econômica na modernidade (BENDASSOLLI, 2007).

Nesse sentido, a lógica econômica ganha força no debate sobre a relação tempo e trabalho. Segundo Méda (1999, p. 66) “o trabalho não é, portanto, simplesmente como o tempo, é o tempo, esta é a sua matéria-prima, o seu constituinte último”, reforçando os aspectos da relação tempo e trabalho discutidos por diversos autores que buscam compreender a construção social que tempo e trabalho possuem no contexto do capitalismo (WEBER, 2004; ELIAS, 1998; WHITROW, 1993; THOMPSON, 1998).

Surge, então, a tradição linear-quantitativa do tempo que une os aspectos da linearidade e do valor do tempo e que se apresenta como um subproduto do industrialismo, surgindo daí as metáforas do tempo como dinheiro, recurso limitado e mercadoria valiosa no contexto produtivo do capitalismo, transformando o relógio na “principal máquina na Era Industrial”, segundo análise de Lewis Mumford (1934 *apud* HASSARD, 2009, p. 193), enfatizando o aspecto em que o tempo passa a ser considerado como elemento central do planejamento da produção e como resultado do trabalho humano no industrialismo.

Segundo Cardoso (2009), a preocupação com o controle do tempo e do trabalho no capitalismo industrial fez com que fossem implantadas várias estratégias para tal, destacando-se:

a invenção do trabalho fora do domicílio, a criação das fábricas, a introdução das máquinas, a baixa remuneração, os diversos códigos de conduta, as multas, o controle rígido dos horários dentro e fora do local de trabalho, e até mesmo, o surgimento do relógio de ponto [...] a remuneração por tarefa e o pagamento de salários baixos foram amplamente utilizados para obrigar os trabalhadores a trabalharem mais (CARDOSO, 2009, p.34).

Esses aspectos contribuíram para a construção social do tempo, do trabalho e do tempo de trabalho expresso nas discussões e resistências dos trabalhadores sobre a organização e intensidade da jornada de trabalho.

Araújo e Ouriques (2009), ao pesquisar professores e funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e sua percepção sobre trabalho e tempo livre no capitalismo contemporâneo, buscou entender o lugar do tempo livre neste contexto. Eles informam que o tempo livre, ao existir, é utilizado para mais trabalho ou para o consumo, reproduzindo a lógica do capitalismo na sociedade.

Embora Adam Smith e David Ricardo tenham iniciado a abordagem sobre o conceito do valor trabalho em relação ao tempo médio socialmente necessário para a produção, é com Karl Marx, notadamente no primeiro volume de *O Capital*, em que apresenta a teoria do valor fundamentada na noção de tempo, pois, no capitalismo, a produção de valor é uma grandeza diretamente ligada ao número de horas de trabalho e, dessa forma, sua elevação deve ocorrer ao máximo suportável pelo indivíduo para que possa haver aumento de lucro (DAL ROSSO, 2008).

Neste início, destacam-se os estudos de tempos e movimentos de Frederick Winslow Taylor, que buscou, por meio do controle das ações humanas, o controle da produção e principalmente do trabalho, uma vez que “os ritmos do relógio substituem o ritmo flutuante; o andamento da máquina substitui o andamento pessoal, o trabalho serve à tecnologia” e, assim, o tempo passou a ser “o maior símbolo para a produção da riqueza econômica” (HASSARD, 2009, p. 194).

No capitalismo, tanto a economia industrial como o processo de trabalho consideram o tempo de trabalho como “um bem limitado cujo valor aumenta à medida em que se rarefaz”. Esse tempo precisa, então, ser cada vez mais preciso, uma vez que sua remuneração passa a ser baseada na unidade tempo, seja por hora, por jornada, por mês ou por ano e, dessa forma, o tempo tornou-se um bem de consumo.

Para os especialistas da Sociologia Industrial, a concepção linear do tempo tornou-se ademais, quantitativa, porque ocorreu esse acontecimento fundamental da história econômica: a descoberta do tempo como fator de produção. O tempo se apresentava daí para frente como um valor que podia ser expresso em termos econômicos: se tornava ‘o meio pelo qual as atividades humanas, e em particular as atividades econômicas, podiam ser intensificadas para atingirem uma taxa de crescimento até então inconcebível’ (HASSARD, 2007, p. 182).

Os aspectos supracitados reforçam a necessidade de compreensão do tempo qualitativo e suas possibilidades de análise, além de como o tempo no trabalho e, de modo consequente, as experiências vividas nele tornam-se centrais na construção de significados e sentidos do trabalho para os sujeitos.

Já na análise do trabalho e o tempo a ele dedicado na visão de Gorz (2007) se considera a influência da revolução tecnológica que permitiu a ampliação da produção e, na sua visão, a diminuição do trabalho necessário, oportunizando a liberação e redistribuição do tempo de trabalho. O autor ainda acrescenta que a liberdade humana

só se dará pela conquista da liberação do trabalho pelos trabalhadores, por meio da ampliação do tempo livre. O autor reforça que a redistribuição do tempo de trabalho teria como objetivos:

a) que todos trabalhem cada vez menos para que todos possam trabalhar e desenvolver fora de seu trabalho as potencialidades pessoais que não conseguem nele desenvolver; b) que uma proporção muito maior da população possa aceder a tarefas profissionais qualificadas, complexas, criativas, responsáveis que permitam evoluir e renovar-se continuamente (GORZ, 2007, p.187).

O alcance dos objetivos supracitados proporcionou, nas ideias do autor, a emancipação do homem e a constituição de uma sociedade do tempo liberado, por meio da diminuição da importância do trabalho. Dessa forma, a análise qualitativa do tempo deve considerar tanto seu aspecto cíclico como sua diversidade de uso nas diferentes sociedades.

Complementa-se que o modelo de acumulação baseado na racionalidade econômica implicou modificações no mundo do trabalho (ALVES, 2000; ANTUNES, 2003; ANTUNES, 2003b; ANTUNES, 2005; CASTEL, 1998; HARVEY, 1994; POCHMANN, 2001; POCHMANN, 2004; IANNI, 2007; LEITE, 2003), demandando práticas e regimes contemporâneos de relações de trabalho que surgiram no sentido de obter a adaptação necessária ao novo cenário de competitividade e flexibilidade do processo de produção (MATTOSO, 1995; SANTANA, RAMALHO, 2003; CARDOSO, 2003; BERNARDO, 2000; SALAMA, 1998), implicando a organização tanto do tempo de trabalho como do tempo de não trabalho, notadamente do tempo livre.

Esse novo ambiente ainda solicita formas mais ‘adequadas’ de aplicação da força de trabalho, baseadas agora no emprego de contratos temporários de trabalho, do contrato “*part time*”<sup>4</sup>, da terceirização de mão de obra, da criação de sindicatos de empresa, entre outras práticas de flexibilização. Ele também exigiu a constituição de um novo sistema de acumulação, em função do momento de incertezas e mudanças na sociedade. As transformações pautaram um modelo mais flexível de acumulação, capaz de desconstruir as relações de trabalho asseguradas até então e solicita uma

---

<sup>4</sup>Trata-se do contrato de trabalho a tempo parcial, previsto na Consolidação das Leis do Trabalho- CLT em seu Art. 58-A, conforme segue: “considera-se trabalho em regime de tempo parcial aquele cuja duração não exceda a vinte e cinco horas” (BRASIL, 2004, p. 415).

reestruturação produtiva em diversos setores da economia (HARVEY, 1994; DRUCK, 1999; ALVES, 2000; ANTUNES, 2003), também influenciando na relação tempo de trabalho e tempo de não trabalho na sociedade atual.

Adiciona-se ao aspecto supracitado que a acumulação flexível, pauta da também numa racionalidade em que pudesse otimizar os ganhos econômicos, promoveu as condições para o estabelecimento de uma nova estrutura no mercado de trabalho.

Essa estrutura pauta-se no aumento de mão de obra excedente (desempregados ou subempregados), fazendo com que os condutores desta nova forma de acumulação de riqueza pudessem tirar proveito e impor as estratégias predatórias de competitividade.

Esta mão de obra passa a ser utilizada por meio de subcontratação, contrato de curto prazo, trabalho em tempo parcial. Utilizam-se também autônomos e treinandos de baixos salários e com subsídios do governo. Tal cenário promove a diminuição da parcela dos empregados com maior segurança no emprego, perspectivas de promoção e reciclagem profissional, além de direitos trabalhistas garantidos, aspectos intensificados com o processo de globalização da economia (BERNARDO, 2000; PORCHMANN, 2001).

Esses pontos vão basear também o trabalho na hotelaria e na restauração (alimentação), em que os serviços de hospitalidade estão inseridos, pois, segundo Fonseca e Petit (2002), baseadas em dados da Organização Mundial de Turismo (OMT), essas atividades apresentam características como: a) grande número de trabalhadores temporários; b) elevado número de trabalhadores clandestinos; c) grande presença de jovens; d) baixa remuneração, comparativamente a outros segmentos econômicos; e) elevado número de horas de trabalho semanais; e f) baixo grau de sindicalização.

Tais características faz inferir que este é um setor mais vulnerável aos ditames da racionalidade econômica que permeia as práticas de organização do trabalho no contexto de acumulação flexível mencionada por Harvey (1994) e pode influenciar na construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre para estes trabalhadores.

Dando continuidade, ressalta-se que a concepção do tempo como algo objetivo, racional, capaz de ser mensurado, raro e, assim sendo, precioso e visto como mercadoria, não deve ser a única forma de conceber o tempo, deve-se considerar também o aspecto qualitativo do tempo, representado pelos aspectos subjetivos,

abstratos, heterogêneos e que dão base à construção de significados sobre o que é vivido em cada tempo, qual sejam tempo de trabalho e tempo livre, pois, segundo Hassard (2007, p.193), “a experiência do trabalho está inextricavelmente ligada à maneira pela qual os trabalhadores representam para si mesmos, individualmente ou coletivamente, o tempo”. Esse aspecto corrobora o pensamento de Provonost (1986 *apud* HASSARD, 2007, p. 192) ao informar que “o tempo consagrado ao trabalho ocupa em nossas vidas um lugar central em torno do qual se organizam todos os outros tempos de nossa existência social”. Esse pensamento também baseia os argumentos deste estudo, uma vez que se considera a centralidade do trabalho na sociabilidade e identidade do trabalho.

Os aspectos supracitados reforçam a necessidade de compreensão do tempo qualitativo e suas possibilidades de análise, além de como o tempo no trabalho e, assim, as experiências vividas nele tornam-se centrais na construção de sentidos sobre o tempo de trabalho e o tempo livre para as pessoas.

Para Elias (1998), em sua discussão sobre o tempo, é preciso fazer uma reflexão crítica sobre essa categoria, buscando entender como o tempo se tornou simbólico universalmente, buscando compreender como os calendários, os relógios, as agendas atuam como fator de coerção no sentido de disciplinar as pessoas tanto no trabalho como nas demais ações sociais.

Nessa relação entre tempo e trabalho, a unidade de tempo passa, a partir desse contexto, a ser base para remuneração dos trabalhadores, sendo estes pagos por hora, dia, semana, mês ou ano, pois “o tempo do relógio assegura vantagens para o capital, uma vez que ele é visível e padronizado, possuindo duas forças em particular: o fornecimento de um quadro organizador e comum para sincronizar atividades e a mercantilização do trabalho como um fator de produção”, tornando-se a referência para o assalariamento do trabalhador e forma de pagamento da mercadoria força de trabalho (HASSARD, 2009, p. 194).

Esses aspectos também são discutidos por Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994) ao tratar da forma como a organização do trabalho e a utilização do tempo no trabalho se apresentam cada vez mais de modo autoritário, rígido, parcializado e intensificado, tornando-o possível fonte de sofrimento, influenciando na construção de sentidos e identidade por meio do trabalho.

Outro aspecto a ser considerado refere-se à forma como o tempo de trabalho tem sido utilizado no capitalismo. Conforme exposto por Cardoso (2009), Dal Rosso (2008),

Gorz (2007), Antunes (2003), a intensificação, as disputas e as metamorfoses que o trabalho vem sofrendo nos últimos anos relacionam-se com a precarização dele.

Esse cenário corrobora as concepções de Marx (2004) sobre trabalho alienado, e a forma de trabalho pautada na relação de exploração entre o capitalista e o trabalhador vai se agravando à medida que o capitalismo vai atingindo novos estágios. Complementando, Luz e Bavaresco (2010, p. 146) reforçam que “o trabalho alienado aliena o homem do produto do seu trabalho, do seu próprio trabalho, do seu ser genérico e dos demais seres humanos” e conseqüentemente impacta no desenvolvimento de sua humanidade.

Esse contexto será um dos elementos que caracterizará os aspectos do trabalho mais recentemente e que será objeto de discussão no item a seguir.

### 2.2.1 Tempo e Trabalho no contexto da modernidade avançada

O conceito de *modernidade avançada* está associado a critérios e termos ligados a diferentes autores, tais como pós-modernidade (LYOTARD, 2009), hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), modernidade líquida (BAUMAN, 2001), modernidade tardia (GIDDENS, 1991), modernidade reflexiva (BECK, GIDDENS, LASH, 1997), pós-modernismo (JAMESON, 2004).

Ao discutir a pós-modernidade, Lyotard desenvolve esse conceito ao questionar o saber e a construção de conhecimento inserido num contexto em que foram indagados os grandes relatos que afetam as regras do jogo da ciência, da literatura e das artes no final do século XIX (MARINHO, 2008), conforme explicitado pelo autor

considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos “metarrelatos”. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia (LYOTARD, 2009, p. 16)

Esta descrença permite o surgimento de diversos jogos de linguagem focados notadamente na eficácia do sistema (MARINHO, 2008). Em sua obra, o autor ainda discute a influência no saber tanto do avanço tecnológico como da sua transformação em mercadoria e como esses aspectos constituem as novas formas de poder, assim

Na idade pós-industrial e pós-moderna, a ciência conservará e sem dúvida reforçará ainda mais sua importância na disputa das capacidades produtivas dos Estados-nações. [...]. Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial pelo poder. Do mesmo modo que os Estados-nações se bateram para dominar territórios, e com isto dominar o acesso e a exploração das matérias-primas e da mão-de-obra barata, é concebível que eles se batam no futuro para dominar as informações. Assim encontra-se aberto um novo campo para as estratégias industriais e comerciais e para as estratégias militares e políticas (MARINHO, 2008, p. 4).

Embora Lyotard enfoque em sua obra o tema saber, ele desenvolve seu pensamento no sentido de mostrar as inter-relações com demais aspectos da sociedade pós-moderna. Ressalta-se que foi na obra *A condição pós-moderna*, publicada em 1979, que o termo *pós-modernidade* foi utilizado e provocado seu debate (APPEL-SILVA, BIEHL, 2006); a partir dessa obra, outros autores apresentaram suas visões sobre este período histórico.

Lipovetsky (2004), ao discutir sobre corpo e moda, traz sua perspectiva sobre o que ele denomina de *hipermodernidade* e a qualifica como “uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer” (LIPOVETSKY, 2004, p. 26).

Para esse autor, o moderno e o pós-moderno são categorias que já passaram e que se vivenciam novos tempos, por ele denominados de *hipermodernos*, pois para ele

hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é *hiper*? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. Tudo foi muito rápido: a Coruja de Minerva anunciava o nascimento do pós-moderno no momento mesmo em que se esboçava a hipermodernização do mundo (LIPOVETSKY, 2004, p.53)

Os anos 1980 são, para o autor, o tempo cronológico da hipermodernidade, quando se intensifica a vivência das categorias que configuraram a modernidade, quais sejam o mercado, o indivíduo e o progresso técnico-científico. Para o autor, o excesso no consumo, nas ações individuais e na corrida pela atualização e pelo uso de novas tecnologias cria os paradoxos característicos da hipermodernidade.

Delineiam-se duas tendências contraditórias. De um lado indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas sanitárias. De um lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. O hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico. No universo funcional da técnica, acumulam-se os comportamentos disfuncionais. [...] Por meio de suas operações de normatização técnica e desligação social, a era hipermoderna produz num só movimento a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação. (LIPOVETSKY, 2004, pp.55-56)

Tais aspectos expõem os paradoxos vividos na sociedade hipermoderna e como a imprevisibilidade do futuro demanda que ele seja coletivamente construído (CHARLES, 2004).

Já Bauman (2001) utiliza-se da metáfora da “fluidez” para caracterizar a etapa vivida na era pós-moderna. Em sua obra *Modernidade Líquida*, publicada após a década de 1990, período em que crises econômicas, intensificação da globalização, guerras, fortalecimento da internet, excessos no consumo, ampliação do discurso da sustentabilidade e das questões ambientais, o autor discute conceitos como emancipação, individualidade, tempo e espaço, trabalho e comunidade e a influência dessa fluidez nos temas citados.

O que torna a modernidade líquida, segundo o autor, é a capacidade fluida que os líquidos e os gases possuem, pois

os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respigam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (BAUMAN, 2001, p.8)

Essa fluidez aparece tanto nas relações de trabalho como nas relações sociais (BAUMAN, 2001; LEAL, 2015; SENNET, 2006). As relações sociais baseiam-se na sociedade de consumidores individualizados (BAUMAN, 2001). Já as relações de trabalho pautam-se nas incertezas, na fragilidade, na flexibilidade, por meio de contratos em tempo parcial, individualizados e terceirizados, flexibilidade do tempo de trabalho, por meio de banco de horas. Acrescentam-se a flexibilidade funcional (polivalência) e flexibilidade quantitativa (volume de emprego, duração do tempo de trabalho), além da precarização social decorrente de atuais modelos de produção como a produção flexível que oportuniza a existência de diversas formas de trabalho como o trabalho domiciliar, a distância, em empresas terceirizadas, teletrabalho e o trabalho informacional (LEAL, 2015; ANTUNES, BRAGA, 2009).

O debate sobre a modernidade avançada continua nas obras de Giddens (1991) *As consequências da modernidade* e Beck, Giddens, Lars (1997), *Modernização reflexiva*. Para Giddens,

os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilhara, de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes (GIDDENS, 1991, p.14)

Estas características indicam a chamada *modernização reflexiva* nos termos de Beck, Giddens, Lars (1997) e *modernidade tardia* para Giddens (1991). Para Beck, Giddens, Lars (1997, p. 12), a modernização reflexiva “significa a possibilidade de uma (auto)destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. O “sujeito” destruição criativa não é a revolução, não é crise, mas a vitória da modernização ocidental”. Para Giddens (1991), o dinamismo caracteriza a modernidade tardia e está baseado em três fontes dominantes, vinculadas entre si, são elas: a separação entre tempo e espaço, o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe e a apropriação reflexiva do conhecimento.

Os aspectos da modernidade avançada apresentados pelos autores citados influenciaram no papel que o trabalho desempenha nesse contexto. Novas configurações de trabalho mais flexíveis, fluidas, de curto prazo e precarizadas se apresentam. Segundo Leal (2015), a flexibilidade aparece em várias esferas da produção, mas na força de trabalho ela se destaca. A flexibilidade nas relações de trabalho aparece, de

acordo com Alves (2011), nos contratos de trabalho, na regulamentação e legislação, polivalência, nos salários, na variação de horário e no local de trabalho. Acrescentam-se a instabilidade do trabalho, conforme lembra Bauman (2001), além das implicações subjetivas do trabalho discutidas em Sennet (2006). Complementando, Bauman (2008, p. 35) diz que a “Flexibilidade” é o *slogan* do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho significa o fim do emprego “como conhecemos”, trabalhar com contratos de curto prazo, contratos precários ou sem contratos, cargos sem estabilidade e com cláusula de “até novo aviso”.

Segundo Apel-Silva, Biehl (2006, p. 524), na pós-modernidade, “o foco do trabalho passou a ser a eficácia e os resultados dele, não tendo importância a maneira como esses resultados viessem a ser alcançados”. Destaca-se que, nesse contexto, exige-se do trabalhador um perfil profissional diferenciado, solicitando deste uma postura maleável, ágil, aberta a mudanças em curto prazo, baixo apego emocional ao trabalho (BAUMAN, 1999), um trabalhador multitarefas, sem fortes laços com os pares e preparado para atuar em qualquer espaço interno ou externo que a organização atue.

Santos (2012) acrescenta que na sociedade moderna a incerteza de se obter trabalhos assalariados e o risco de precariedade afetam as relações de trabalho e as relações entre os indivíduos.

Lipovetsky (2004, p. 71) lembra que, na hipermodernidade, “com a precarização do emprego e desemprego persistente, crescem os sentimentos de vulnerabilidade, a insegurança profissional e material, o medo da desvalorização dos diplomas, as atividades subqualificadas, a degradação da vida social”, esses aspectos criam incertezas e deixa o trabalhador vulnerável às normas do capitalismo flexível.

Conforme lembra Bauman (2001, p. 160) na pós-modernidade, “o trabalho já não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida”, por conseguinte, cria-se um sentimento de falta de garantias, incerteza, insegurança e indefinição sobre o futuro, como também traz implicações nas relações sociais e de trabalho. O aspecto da fluidez indicada em Bauman (2001, 2008) também aparece na relação tempo e trabalho.

No contexto da modernidade avançada, a relação tempo ganha novos contornos nos diversos tempos sociais. Estar com a “agenda cheia” ocupando o máximo de tempo possível é o discurso de crianças, jovens e adultos, consumir o tempo torna-se quase uma obrigação na pós-modernidade, pois não se tem “tempo a perder”, uma vez que ainda “tempo é dinheiro”.

Disso decorre, conforme lembra Lipovetsky (2004, p. 76), que “o estado de guerra contra o tempo implica que os indivíduos estão cada vez menos encerrados só no presente, com a dinâmica de individualização e os meios de informação funcionando como instrumentos de distanciamento, de introspecção, de retorno ao eu”, uma vez que “ao mesmo tempo em que há o imediatismo do prazer, existe a incapacidade de viver o presente em plenitude. Já não há tempo para o indivíduo refletir sobre o mundo, seus propósitos, seus sonhos, seus desejos, seu futuro. Na ditadura do tempo presente, o vir a ser torna-se supérfluo.

Como o tempo do indivíduo torna-se mais valioso e escasso e dessa forma deve ser maximizado ao máximo, o tempo de trabalho também irá refletir esse aspecto, fazendo com que o indivíduo o utilize até os limites que podem seu corpo e sua mente suportar.

Segundo Harvey (1992, p. 257), “a aceleração na produção foi alcançada por mudanças organizacionais [...]. A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo”. Destaca-se que, ainda segundo o autor, “para os trabalhadores, tudo isso implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho”.

Dessa forma, na modernidade avançada, a relação tempo e trabalho intensificam as incertezas, pois, segundo Lipovetsky (2004, p. 63), “por toda parte, as palavras-chaves das organizações são flexibilidade, rentabilidade, *just in time*, ‘concorrência temporal’, atraso-zero – tantas orientações que são testemunho de uma modernização exacerbada que contrai o tempo numa lógica urgentista”. O autor acrescenta que esta urgência acarreta “sentimentos de vulnerabilidade, a insegurança profissional e material, o medo da desvalorização dos diplomas, as atividades subqualificadas, a degradação da vida social” (LIPOVETSKY, 2004, p.71) fruto da precarização do emprego e o desemprego persistente, consequência do “turbocapitalismo” de que trata esse autor.

Essa intensidade estabelecida entre tempo e trabalho se apresenta em todos os setores da economia, isso não seria diferente na atividade econômica do turismo, inclusive no setor de hospedagem.

Ao considerar a função do trabalho na lógica capitalista e a visão do tempo na racionalidade capitalista, essa categoria, como nos diz Marx (2006), torna-se mais uma mercadoria capaz de gerar riqueza por meio do estabelecimento da quantidade de

trabalho, que será medida pelo tempo de sua duração, por meio de suas frações como hora, dia, mês, gerando mais-valia e valor de troca.

Mesmo inserido nessa lógica, conforme nos lembra Padilha (2000, p. 43), o trabalho coletivo não perde sua função “na produção de valores de troca”, corroborando o pensamento de Antunes (2003) sobre a centralidade do trabalho.

Ressalta-se que, no decorrer do tempo, o trabalho, sem perder seu papel central na racionalidade econômica, na ação e na sociabilidade humana, segundo o termo de Antunes (2003b), metamorfoseou-se como mercadoria inserida no sistema capitalista de acumulação de riqueza e sua racionalidade.

Uma das expressões desse trabalho metamorfoseado se apresenta no período de consolidação do capitalismo produtivo pelo que Antônio Gramsci denominou de *Fordismo* como referência ao modelo industrial de produção hegemônico no período do capitalismo monopolista, ao tecer uma crítica ao americanismo, considerando-o “uma forma de racionalização da produção capitalista baseado em inovações técnicas e organizacionais que se articulam tendo em vista a produção e o consumo em massa” (ALVES, 2005).

Esse sistema se caracteriza por meio de duas concepções: uma relacionada à forma de acumulação produtiva reproduzida na sociedade, associando tal sistema de produção à forma de racionalização que define um modo de vida; outra relacionada aos aspectos tecnológicos e de gestão do processo produtivo e da organização do trabalho ligados ao sistema de produção e gestão empregado por Henry Ford (ALVES, 2005).

Ele ganha força e se torna referência como elemento constituinte da esfera social produtiva, na medida em que faz parte do arcabouço que espraia a concepção capitalista na sociedade, ou seja, torna-se referência de um modo de vida global (ALVES, 2005).

Numa perspectiva global o Fordismo apresenta-se como forma das inter-relações estabelecidas entre capital e trabalho, reconhecendo tanto o papel dos representantes das organizações nas decisões ligadas à organização do processo produtivo como o papel dos sindicatos na luta por conquistas que garantam ganhos de produtividade associados à difusão e consolidação das normas fordistas de produção e consumo (BENDASSOLI, 2007)

Em seu aspecto micro, o Fordismo está ligado às propostas de Frederick Wislow Taylor no que se refere à organização do processo produtivo e como resultado do trabalho, o chamado *Taylorismo*, que se caracteriza pela separação entre concepção e execução das tarefas, acarretando fragmentação, rotinização e esvaziamento do sentido

do trabalho; pela especialização desqualificante do trabalhador, promovendo a pouca ou nenhuma aceitação do saber dos trabalhadores; e pelo controle do tempo e execução das tarefas (ALVES, 2005; BENDASSOLI, 2007).

Ressalta-se o papel do Estado como agente consolidador, notadamente após a Segunda Guerra Mundial, do Fordismo como promotor dos efeitos benéficos do pacto social estabelecido nesse período, chamados de políticas Keynesianas ou políticas de Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*), propagadas principalmente nos países desenvolvidos (LESSA, 2002; ANTUNES, 2003);

Tais políticas perderam a força a partir da década de 1960 e entraram em crise devido à diminuição dos níveis de produtividade, elevação da composição orgânica do capital, saturação da norma social de consumo, desenvolvimento do trabalho improdutivo e o agravamento da luta de classes (SILVA, 2001).

Já a partir da década de 1970, propagam-se as chamadas *políticas neoliberais* como resposta à crise do capitalismo apresentada na década anterior. Elas foram disseminadas principalmente nos Governos de Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos. Essas políticas caracterizam-se pela hegemonia do caráter financeiro sobre o caráter produtivo no processo de acumulação de capital; pela redução da intervenção do Estado, que inicia o enfraquecimento das conquistas provenientes das políticas Keynesianas e do Estado do *Welfare State*, promotoras de maior segurança socioeconômica aos trabalhadores, permitindo a flexibilização do processo produtivo e das relações de trabalho no mundo (ANTUNES, 2003).

Esse cenário propiciou as transformações no processo produtivo e da organização do trabalho por meio do Toyotismo (OHNO, 1997) e pelas transformações do capitalismo que propiciaram novas expressões na organização industrial e da vida social e política notadamente a partir da década de 1970 como resposta a mais uma crise do capitalismo. Essas modificações estão associadas a termos como *Pós-Fordismo* (SILVA, 2005), *Neofordismo* (CATTANI, 2002) ou *Acumulação Flexível* (HARVEY, 1994), que para o autor

[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos; novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual tanto de setores como entre regiões

geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços” (HARVEY, 1994, p. 140).

As características do Toyotismo estão ligadas à organização produtiva e apresentam-se por meio da produção voltada e conduzida diretamente pela demanda, reverberando na produção flexibilizada; horizontalização da produção; uso do conceito *dejust in time* (forma de garantir o melhor aproveitamento do tempo de produção, eliminando desperdício); polivalência das funções; incentivo ao trabalho em equipe, promoção da gestão participativa; uso de Novas técnicas como o CCQ (Círculos de Controle da Qualidade) e o *Kanban* (controle de fluxo de produção) (OHNO, 1997).

Harvey (1994) ressalta em sua obra que a acumulação flexível acarreta níveis relativamente altos de desemprego estrutural, rápida destruição e reconstrução de habilidades (qualificação), ganhos modestos (quando há) de salários reais e o retrocesso do poder sindical – uma das colunas políticas do regime fordista, além de propiciar o aparecimento de novos setores de produção, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

Outro aspecto é a fragmentação do processo produtivo que passa a ser distribuído em vários países no sentido de reduzir custos e aumentar a vantagem competitiva das organizações (STIGLITZ, 2002; BECK, 1999; IANNI, 2007).

Mais uma consequência dessa reestruturação foi o crescimento dos empregos no setor de serviços, incentivando a criação de empregos em países que oferecem mão de obra mais barata para os realizarem. Destaca-se que esse setor caracteriza-se pela baixa qualificação, precárias condições de trabalho, notadamente em aspectos como remuneração, garantias de emprego e relações de trabalho, (POCHMANN, 2001; PORCHMANN, 2004; SANTANA, RAMALHO, 2003; CARDOSO, 2003; ANTUNES et al., 2002; LEITE, 2003). Esse aspecto é também destacado por Santos (2010) ao discutir a divisão internacional do trabalho, evidenciando que

nos países industrializados, em razão de sua primazia sobre a urbanização, precedeu a ‘inchação’ do setor terciário evoluído. Nos países subdesenvolvidos, a urbanização se manifesta, em primeiro lugar, por um crescimento do terciário primitivo, que ultrapassa a industrialização (SANTOS, 2010, p.87).

A tendência de ampliação dos empregos no setor terciário, tanto nos países industrializados como nos países subdesenvolvidos, é também ressaltado por Porchmann (2001), ao expor o aumento na participação das ocupações no setor de serviços. Ele divide esse setor em quatro classes ocupacionais:

- i. *distribuição*, responsável principalmente pelas ocupações em comunicação, transporte e comércio;
- ii. *produção*, segmento moderno da sociedade pós-industrial que envolve as ocupações de atendimento dos insumos e serviços diretos à produção (indústrias);
- iii. *social*, responsável pelas ocupações de atendimento ao consumo coletivo, como educação, segurança e saúde; e
- iv. *pessoal*, representada pelas ocupações de atendimento do consumo individual, como lazer, alimentos e embelezamento (PORCHMANN, 2001, p. 57)

Destaca-se que a partir de 1990 houve a criação de novos empregos em serviços como comércio, finanças, transportes, saúde, educação, publicidade e propaganda, administração pública e privada, comunicações, artes e cultura, lazer, lanchonetes, supermercados, hotéis e turismo, via de regra, com baixos salários e pouca qualificação, conforme indicam os estudos de Carvalho Neto (2001), Castells (2002) e Trigo (1998).

Esse aspecto vem influenciando o contexto de trabalho em que vivemos, pois pode-se dizer que a existência de um número maior de ocupações nesse setor amplia o potencial de precarização do trabalho, interfere no processo de desmobilização de categorias de trabalho no sentido de lutarem por seus direitos, contribuindo para acrescer o poder discricionário dos patrões (BERNARDO, 2000; ANTUNES et al., 2002; CARDOSO, 2003; SILVA, 2005).

A distribuição de cada classe ocupacional de serviço se apresenta de forma diferenciada tanto nos países centrais como periféricos (PORCHMANN, 2001). Nesse estudo, enfocaremos os serviços prestados principalmente às famílias (IBGE, 2012) em que se situam os serviços de hospitalidade, especificamente os serviços de hospedagem.

Ressalta-se que os estudos de Vasopolo (2005), Tavares (2004), Antunes (2003), Antunes (2005), Antunes (2003), Pochmann (2000), Carvalho Neto (2001) revelam a existência de um crescente processo de precarização dos empregos e das condições de trabalho. Tal precarização apresenta-se, por exemplo, nos baixos rendimentos, na elevada rotatividade, no reduzido poder de negociação e participação dos trabalhadores nos processos de reestruturação das empresas.

Outro aspecto a ser considerado refere-se à forma como o tempo de trabalho tem sido utilizado no capitalismo. Conforme exposto por Cardoso (2009), Dal Rosso (2008), Gorz (2007), Antunes (2003), a intensificação, as disputas e as metamorfoses que o trabalho vem sofrendo nos últimos anos potencializa a precarização dele.

Tal precarização está relacionada à configuração do trabalho a partir das alterações estruturais do sistema capitalista de produção e da reestruturação produtiva delas decorrentes, baseada em modelos flexíveis de produção, conforme sinaliza Harvey (1994).

Uma das principais consequências da racionalização econômica do trabalho é que ele se transforma no meio cujo fim é o dinheiro, afastando o indivíduo do sentido inicial que o trabalho possuía, tornando a produção e o consumo atividades alienadas e sem sentido, transformando o trabalho em mercadoria a ser comprada pelo capital em troca de um salário que possa prover a sobrevivência (GORZ, 2007). Tais características representam o papel do trabalho na modernidade.

Nesse contexto, ressalta-se que, dentre as principais mudanças históricas acerca do trabalho e seu papel social, a influência da lógica econômica parece ser uma das mais significantes. Com a constituição do capitalismo manufatureiro, esse tipo específico de lógica passou a influenciar tanto a forma de organização da produção como a do trabalho.

Pode-se dizer que, na contemporaneidade, o desenvolvimento do modo de produção capitalista cria as condições que dá ao trabalho, tanto nos aspectos de sua organização como no papel que os indivíduos possuem na geração de mais valia, segundo a concepção marxista, uma centralidade na ação e na sociabilidade dos indivíduos (ANTUNES, 2003).

As principais características da modernidade na produção industrial relacionam-se ao grande número de trabalhadores assalariados confinados em fábricas; à predominância de trabalhadores inseridos no setor secundário, tornando a indústria como principal gerador de renda; ao progresso da ciência, contribuindo para a otimização de processos na indústria; ao trabalho racionalizado e fragmentado; à clara divisão entre casa e trabalho, criando a fragmentação entre os sistemas familiar e profissional; à definição dos espaços de produção e consumo dos produtos industrializados; à massificação da escolarização e da urbanização; à maior mobilidade; ao crescimento do consumo por meio da massificação da produção; à crença no

progresso e à ampliação de um bem-estar crescente e irreversível, conforme indicado por Dias (2003).

Nesse sentido, pode-se dizer também que o capitalismo dá ao trabalho, enquanto categoria social, uma função dialética, pois, ao mesmo tempo em que o torna central na sociabilidade e humanização, caracterizando-o como fundante do ser social, ele também, sob essa lógica, torna-se estranhado, alienado, precarizado, degradante e fonte de adoecimento físico e psíquico (NAVARRO, PADILHA, 2007; DEJOURS, 1992; LESSA, 2002).

Assim, a expressão da precarização do trabalho surge pela terceirização na contratação de trabalhadores, pelo desassalariamento, ocorridos nas novas contratações, pela geração de postos de trabalho precários, por meio da substituição de trabalhadores por ocupações autônomas ou temporárias, principalmente na indústria nacional, ocasionando a diminuição do número de emprego com registro em carteira e assalariamento regulamentado (POCHMANN, 2001).

O que se percebe contemporaneamente é que, embora sempre tenha havido trabalho precarizado no sistema capitalista, segundo ressalta Antunes (2003), essa “precariedade se ‘metamorfoseou’, pois passou a ter um lugar estratégico na lógica de dominação capitalista” e “deixou de ser algo periférico ou residual, para se institucionalizar em todo o mundo”, fazendo com que a concorrência intensifique a legitimação dos processos e ações ora indicados por meio da globalização.

Para Fernandes e Helal (2010), a precarização, assim, “deve ser entendida como algo inserido em um contexto liberalizante que busca, dentre outras coisas, transferir responsabilidades ao trabalhador” na medida em que resulta “da síndrome objetiva da insegurança de classe (insegurança de emprego, de representação, de contrato), que emerge como numa textura histórica específica – a temporalidade neoliberal”.

Esses aspectos, ligados ao novo modelo de produção e acumulação flexível de capital e conseqüente flexibilização no mundo trabalho, vêm influenciando não só as políticas voltadas para os trabalhadores, como também na construção de sentido sobre o trabalho destes indivíduos (ANTUNES, 2003b; SENNETT, 2006; TITTONI, 2007).

No Brasil, esta precarização se dá pelas alterações no mercado de trabalho, notadamente pelo “crescimento da informalidade, de formas flexíveis de contratação e do desemprego em determinados setores e ocupações – e suas implicações para o indivíduo” conforme ressalta Fernandes e Helal (2010).

Acrescenta-se que o trabalho está inserido num cenário que reverbera nos indivíduos de forma mais firme e com maiores implicações (SENNETT, 2006) e entendê-las faz parte da inquietação na busca por repostas de quem busca ampliar a compreensão sobre o trabalho, sua precarização e a possibilidade de geração de sofrimento e que podem influenciar na construção de sentido do trabalho na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, o trabalho alienado tem distanciado o homem, no geral, desses objetivos, pois o modelo capitalista de acumulação de riqueza tem fragmentado o processo de pensar a ação do trabalho de sua execução, como aconteceu no processo fordista de acumulação e mais recentemente no regime pós-fordista e esse quadro reverbera na construção de sentido do trabalho, e do não trabalho e, portanto, na subjetividade dos homens na atualidade.

Entender esses aspectos ajuda a compreender suas peculiaridades nos diversos setores da economia, notadamente em função do contexto atual da sua organização, seja na indústria, no comércio ou em serviços, como também amplia a visão sobre o entendimento da centralidade deste conceito para a constituição da subjetividade dos indivíduos e de modo consequente, dos sentidos construídos por estes em suas ações no trabalho.

Destaca-se ainda que o trabalho tem sido objeto de várias ciências, como a sociologia, a economia, a antropologia, o serviço social e a psicologia na tentativa de, sob diferentes ângulos, compreender as influências não só na acumulação de capital, e neste sentido como um fenômeno econômico, mas também nas suas implicações nos indivíduos (MARX, 2006; ALVES, 2011; TITTONI, 2007; DEJOURS, 1992; DEJOURS, 2007; SENNETT, 2006).

Assim, o estudo ora exposto busca contribuir com as reflexões necessárias para a compreensão do trabalho, não só considerando sua função no percurso histórico, nem só nos conceitos e visões a ele associados, mas, principalmente, no entendimento das relações dialéticas que o constituíram e consolidaram as características que ele apresenta no contexto atual, enfatizando a racionalidade que o fundamenta, ressaltando a necessidade de entendimento da relação estabelecida entre o tempo no/de trabalho e o tempo livre, vendo-os como faces da mesma moeda e constituídos sob uma mesma lógica baseada na racionalidade econômica e no modo de produção e acumulação de riqueza que predominantemente vivenciamos, o capitalismo.

Ressalta-se que o trabalho alienado tem distanciado o homem, no geral, dos objetivos que permeiam a ação humana para o trabalho, pois o modelo capitalista de acumulação de riqueza tem fragmentado o processo de pensar a ação do trabalho de sua execução, o que reverbera na construção de sentido do trabalho, e do não trabalho e por conseguinte na subjetividade dos homens.

Vale destacar ainda que, nesse estudo, embora se considere a importância do trabalho para o ser humano como condição de sua existência social, enfatizando sua centralidade para a sociabilidade e identidade dos sujeitos, é significativo perceber que: “se a vida humana se resumisse exclusivamente ao trabalho, seria a efetivação de um esforço penoso, aprisionando o ser social em uma única de suas múltiplas dimensões” (ANTUNES 2005, p. 2), por isso, faz-se necessário entender a utilização do tempo no trabalho e do tempo livre de forma relacional.

### *2.2.1.1 O trabalho no setor de hospedagem na modernidade avançada*

A modernidade avançada implicou modificações na configuração do trabalho. Segundo Harvey (2003, p. 140), ao se confrontar com “a rigidez do fordismo” da modernidade, a pós-modernidade apoiou-se na acumulação flexível como forma de reconfiguração tanto do processo produtivo como da organização do trabalho, pautada na “flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”.

Acrescenta-se que a acumulação flexível também acarretou, de acordo com Harvey (2003), rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto em setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego para o chamado *setor de serviços*. Além disso, esta forma flexível de acumulação de capital, baseada em conceitos como reestruturação produtiva, *downsizing* (empresa enxuta), *just in time*, *kanban*, ocasionou transformações importantes no mundo do trabalho.

As principais transformações ocorridas foram a fragmentação da classe trabalhadora, sua heterogeneização e ampliação de sua complexidade, pois, embora ela tenha se tornado mais qualificada, tornou-se também mais desqualificada e precarizada em diversos aspectos, criando dualidades que convivem no mundo do trabalho, tais

como: formalidade e informalidade, emprego/desemprego de jovens e idosos, trabalho para nacionais e imigrantes, além da divisão de trabalho para homens e mulheres e brancos e negros (ALVES, 2000; ANTUNES, 2003).

Complementando, Cavalcante e Costa (2011) ressaltam que a flexibilidade que caracteriza este modo de acumulação de riqueza implica flexibilização dos mercados de trabalho, das relações de trabalho, da seguridade do trabalhador, da produção, dos produtos, dos consumidores e seus comportamentos, da relação e mobilização sindical e das negociações coletivas.

Tais aspectos vão reverberar na atividade turística e, claro, em todos os setores que a compõem. Ressalta-se que os empregos gerados nesta atividade são caracteristicamente precários (CAVALCANTE, COSTA, 2011; SILVA, 2005; ARBACHE, 2001). Acrescenta-se que a flexibilidade também vai compor a lógica na organização do trabalho, buscando ajustar o trabalho às novas exigências das organizações, como o que se apresenta no setor, segundo Sancho (2001, p. 354):

a) **O trabalho por estações climáticas** – para fazer frente às variações cíclicas e previsíveis da atividade [trata-se da característica da sazonalidade do turismo, que influencia na sazonalidade na contratação de trabalhadores];

b) **O trabalho em tempo parcial** – desempenhado durante uma quantidade de horas inferior à que se considera normal numa empresa determinada ou segundo um contrato coletivo do setor. Ainda que a porcentagem desse tipo de emprego, em relação ao total do setor, possa variar muito de um país a outro, situa-se entre 12 e 52% do total de empregos no setor hoteleiro;

c) **O trabalho temporário** – necessidades imprevisíveis de mão de obra devido, por exemplo, a aumentos de atividade inesperadas ou circunstanciais;

d) Essas possibilidades de contratação se complementam com o recurso de **horas extras**.

Tais aspectos indicam que na atividade turística na modernidade avançada houve uma adaptação do trabalho no turismo às exigências da lógica pós-moderna, baseada na flexibilidade e na conseqüente precarização das condições de trabalho, conforme indica Urry (1996, p.110) que a “nova estratégia de reestruturação dos anos oitenta, o uso flexível da mão de obra, é algo que caracterizou muitos serviços relacionados com o turismo durante algumas décadas”.

Baseado no estudo realizado por John Atkinson (1984) no Reino Unido, Urry (1996, p. 111) expõe quatro formas de flexibilidades utilizadas na atividade turística, quais sejam:

a) *Flexibilidade numérica*, na qual as empresas variam o nível de participação da mão de obra em reação a modificações no nível daquilo que ela produz. Isso pode envolver o recurso ao turno parcial, à contratação temporária, ao contrato de curto prazo e à contratação de trabalhadores ocasionais.

b) *Flexibilidade funcional*, que se refere à capacidade dos empregadores de alocar os empregados em diferentes tarefas funcionais, de acordo com as mudanças ocorridas na organização do trabalho.

c) *Estratégia de distanciamento*, que envolve o deslocamento das relações internas da política de empregos através de relações comerciais do mercado, por meio da subcontratação e de outros procedimentos semelhantes.

d) *Flexibilidade de pagamento*, por meio do qual os empregadores tentam recompensar os empregados que, por exemplo, tornaram-se “multicapacitados” e funcionalmente flexíveis.

Comparando com o estudo feito por Arbache (2001, p. 24) sobre o perfil do mercado de trabalho no turismo nacional, percebe-se que tais classificações de flexibilidade também aparecem quando analisado o setor de hospedagem no Brasil. Por exemplo, a *Estratégia de distanciamento* está indicada quando “46% dos estabelecimentos de hospedagem utilizam-se de algum tipo de terceirização de serviços”. A *flexibilidade numérica* aparece quando o autor informa que na década de 1990 “houve um significativo crescimento na proporção de trabalhadores por conta própria e empregadores”, que pode estar ligado ao desenvolvimento do turismo “em torno de pequenas firmas e negócios de empreendedores que trabalham para si próprios” (ARBACHE, 2001, p.59).

Já o estudo de Silva (2005, p. 84) sobre as relações de trabalho na hotelaria em Boa Viagem – PE indicam a existência da flexibilidade numérica, ao informar que as convenções coletivas do setor de hospedagem compreendidas entre os anos de 1994 e 1996 já previam a adoção de contrato de trabalho *part time*, *contrato de trabalho com jornada reduzida*, “*contrato de locação de empreitada*, além da implantação do *sistema de jornada reduzida*.”

A flexibilidade no pagamento também é expressa nas convenções do setor, segundo Silva (2005, p. 91), uma vez que

A partir de 1997, as convenções preveem a livre negociação para concessão de ajustes salariais em razão de **merecimento** ou promoções. A cláusula não estabelece os critérios de meritocracia para tal concessão, o que indica a utilização de critérios pessoais estabelecidos arbitrariamente pelos empregadores na concessão de tais ajustes para determinados trabalhadores e não para todos os funcionários.

Complementando, o estudo feito por Cavalcante e Costa (2011) sobre as condições e relações de trabalho em Canoa Quebrada – CE também expressam a existência de processos flexíveis de organização do trabalho no setor. Ao estudar a função dos trabalhadores do setor, a pesquisa de campo indica “que os empregados (tanto homens como mulheres) exercem, em 100% dos casos, mais de uma função dentro da empresa, isto é, são polivalentes” (CAVALCANTE; COSTA, 2011, p. 87), indicando a flexibilidade funcional nesta realidade de trabalho.

Também o estudo de Padilha e Grande (2011), ao refletir sobre o trabalho de gerentes, recepcionistas e camareiras de hotéis, conclui que os objetivos de vida desses trabalhadores estão ligados ao seu trabalho, expressando sua importância na vida destes sujeitos, mesmo esse trabalho sendo visto como precário no que diz respeito à jornada extensa e intensa que vivenciam e aos baixos salários que recebem.

Padilha e Zaratini (2010) contribuem também com a discussão sobre trabalho e tempo livre junto aos gerentes do setor hoteleiro. Eles concluem que os compromissos profissionais dos gerentes pesquisados determinam a agenda dentro e fora do trabalho, impactando em sua qualidade de vida, pois prejudica a conciliação entre trabalho e vida privada. Isso indica que tempo de trabalho interfere no tempo livre, comprometendo-o.

As transformações no mercado de trabalho na atividade turística e sua precarização também são discutidas por Cruz e Gouveia Júnior (2012) ao enfocarem os aspectos da sazonalidade e informalidade dessa atividade.

Além disso, as metamorfoses do trabalho no setor turístico por meio de estudo junto a trabalhadores deste setor no Rio de Janeiro indicam, segundo Melo, Félix e Conceição (2012), insegurança pela instabilidade no emprego, intensificação do trabalho pela extensão da jornada, dificuldade de reivindicação de direitos que se dá pelo enfraquecimento da organização dos trabalhadores e de sua representação.

Ressalta-se que, ao se considerar o emprego no turismo na contemporaneidade segundo a Organização Internacional do Trabalho, o setor de hotelaria, alimentação e o turismo em geral apresenta as seguintes características, conforme expresso em Sancho (2001, p. 352):

1. Elevada porcentagem de trabalhadores em meio período;
2. Elevada porcentagem de trabalhadores temporários e ocasionais;
3. Importante presença de mulheres com contratos de meio período em hotelaria e restaurantes, maior que em outros setores econômicos;
4. Escasso número de mulheres em cargos de maior responsabilidade;
5. Presença importante de trabalhadores estrangeiros com contratos de meio período. Por exemplo, na Suíça os trabalhadores estrangeiros representam aproximadamente 40% em hotelaria e restaurantes e na França, 16%. Nos países em desenvolvimento, os estrangeiros geralmente ocupam os cargos de responsabilidade;
6. Também em hotelaria e alimentação se observa uma importante presença de jovens com escassa qualificação ou estudantes empregados no setor esporadicamente;
7. Grande número de trabalhadores clandestinos;
8. Menor retribuição que em outros setores econômicos;
9. Maior número de horas semanais trabalhadas para os empregados do setor, com horários e turnos de trabalhos especiais;
10. Grau de sindicalização inferior a outros setores.

No Brasil, os estudos de Arbache (2001), Silva (2005) e Cavalcante e Costa (2011) corroboram as características supracitadas no que se refere à importante presença de mulheres, presença de uma força de trabalho de jovens, baixos salários, maior número de horas semanais trabalhadas e baixo grau de mobilização e sindicalização dos trabalhadores no setor.

Dessa forma, o trabalho no setor de hospedagem na modernidade avançada expressa as práticas de flexibilização, reestruturação, crise da ação sindical e precarização das condições e relações gerais de trabalho impostas pela racionalidade neste contexto histórico.

## 2.2.2 Tempo de trabalho e sua relação com o tempo livre

Ressalta-se que, no decorrer do tempo, o trabalho, sem perder seu papel central na racionalidade econômica, na ação e na sociabilidade humana, segundo o termo de Antunes (2003), metamorfoseou-se como mercadoria inserida no sistema capitalista de acumulação de riqueza e sua racionalidade.

Destaca-se ainda que uma análise sobre o tempo faz evidenciar a relação do tempo social dedicado ao trabalho e o tempo livre, ou seja, o tempo de ócio ou de lazer, como um dos seus aspectos centrais.

A flexibilização, exploração, intensificação e a precarização do trabalho traz implicação sobre a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre, na medida em que, nessa relação, o controle da organização do trabalho passa a ser sincronizado pelas horas necessárias para a produção, enquanto a cronometrização do tempo de trabalho torna-se o aspecto pivô em torno do qual os demais tempos sociais foram estruturados, inclusive o tempo livre (HASSARD, 2009; CARDOSO, 2009).

A questão do tempo social de certa forma está ligada à separação entre o tempo de trabalho e o tempo livre, principalmente a partir do processo de industrialização iniciado no século XVIII, modificando a relação do homem com o tempo natural. Nesse tempo, há um maior respeito ao tempo da natureza no processo de produção, pois o trabalho iniciava ao amanhecer e terminava ao anoitecer (BENDASSOLLI, 2007).

Havia também a definição mais autônoma das pausas para descanso nos domingos, feriados, na chuva, uma pausa forçada pela natureza, além do período de entressafra, que permitia um descanso para reposição de energia devido à jornada de trabalho duro no período de safra (CAMARGO, 2003).

A partir do tempo livre, inicia-se a discussão sobre o lazer como um tempo de reposição de energia para o trabalho, exercido à margem das obrigações sociais. Para Dumazedier (1999), o lazer está ligado ao chamado três “D”s: descanso, diversão e desenvolvimento pessoal realizado num tempo liberado de obrigações.

Gomes (2004) lembra que Joffre Dumazedier é a principal influência internacional na literatura sobre lazer no Brasil. Já Gomes (2007) discute sobre o ócio como objeto de estudo no país. Resgata sua natureza multidisciplinar e a sua ocorrência histórico-social e propõe para a ampliação do entendimento deste objeto o intercâmbio entre pesquisadores latino-americanos para a discussão do tema na contemporaneidade.

Já segundo Marcellino (1983), o conceito de lazer está ligado à realização de atividades desinteressadas, sem fins lucrativos, relaxante, socializante e de caráter liberatório, no sentido de estar liberado de obrigações e definido de forma mais autônoma. Essas atividades estão ligadas a práticas culturais, como cinema, espetáculos artísticos, leitura, música e atividades socioeducativas (PRONOVOST, 2011).

Para Camargo (2003), o lazer deve ser gratuito, prazeroso, fruto de ações voluntárias e liberatórias e deve acontecer a partir de interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos.

Numa visão crítica, o lazer é visto como fruto de um processo econômico social específico, elaborado socialmente, orientado pela dominação, alienação produzida pela relação capital-trabalho da qual não se pode fugir e, atualmente, torna-se mais uma mercadoria a ser consumida na sociedade capitalista (AQUINO, MARTINS, 2007).

Ströher (2010, p. 5) acrescenta que a relação entre lazer e as modificações sociais ocorridas na Revolução Industrial dá as condições para transformar o ócio em mais um negócio vivenciado no tempo livre organizado na lógica capitalista, uma vez que “além de controlar o corpo e a mente dos trabalhadores [...] controlou ‘as conquistas proletárias sobre o tempo de descanso, ou o chamado tempo livre’”. Para ele, esses aspectos promoveram a constituição da indústria cultural, da moda, do esporte, além da indústria do turismo, entretenimento e lazer.

Paul Lafargue (2003, p. 43), em sua visão socialista sobre a importância da definição de um tempo a ser dedicado ao lazer, propõe “que o trabalho só se tornará um condimento de prazer, da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social, quando for devidamente regulamentado e limitado a um máximo de três horas por dia [...]”, fundamentando a discussão sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre na sociedade capitalista.

Albanoz (2008), ao refletir sobre a obra de Lafargue (2003), complementa que é preciso reconsiderar, baseadas nas tradições do humanismo e religiosas, a diminuição do trabalho como promotor do ócio da contemplação, do espírito, do pensamento, da cultura e da saúde, possibilitando o desenvolvimento pleno do sujeito. Para isso, faz-se necessária a educação para novas atitudes na sociedade.

Os autores supracitados trazem em comum a consideração do tempo de lazer como o tempo capaz de construir sociabilidade por meio de atividades desinteressadas que desenvolvam os indivíduos e possibilitem uma nova forma de utilização dos tempos sociais. Associam à liberdade plena do homem e à sua capacidade de escolha e prática

de atividades sociais, lúdicas, recreacionais, de ócio e de lazer no seu tempo liberado do trabalho.

Barbosa e Silva (2011) discutem sobre a relação trabalho e lazer refletindo sobre as visões de Karl Marx, Max Weber e Stanley Parker e conclui que tanto o lazer como os espaços para suas práticas precisam ser democratizados.

Já Snir (2002), ao estudar a relação entre trabalho e lazer, considerou as seguintes variáveis: centralidade absoluta do trabalho, contatos interpessoais, orientação intrínseca, norma de obrigação e horas de trabalho semanais, destacando que a remuneração proveniente do trabalho para o lazer caracterizou a relação entre satisfação do trabalho e orientação ao lazer, mas ressalta que é preciso estudar os efeitos do lazer e do trabalho nas atitudes e nos comportamentos dos trabalhadores.

Ressalta-se que, embora se considere a centralidade do trabalho na sociabilidade humana, conforme expresso por Pronovost (2011, p. 32), o lazer se constitui de “uma referência cultural importante na representação de certas maneiras de agir consideradas como as mais desejáveis”, criando valores sociais que legitimam o lazer como prática e motivação capazes de ampliar o sentido da vida.

Elizalde e Gomes (2014), por meio de pesquisa realizada com estudantes vinculados a programas de mestrado em lazer/tempo livre/recreação do Brasil, da Costa Rica, de Equador e do México, apresentaram resultados que indicam que os estudantes associam o tempo livre como tempo contrário ao trabalho, ou seja, um tempo em que se está liberado das obrigações de trabalho.

Já Severiano e Estramiana (2012) discutem sobre a dissolução de fronteiras entre o tempo livre e do tempo de trabalho baseado na lógica capitalista na modernidade avançada. Para eles, no sistema capitalista, há uma invasão do tempo livre pelo tempo de trabalho, uma vez que o tempo se torna subproduto da mercantilização.

Vários autores buscam entender a relação de tempo de trabalho e o tempo livre, ou seja, tempo dedicado ao ócio e ao lazer e buscaram discutir os elementos históricos que relegaram o ócio e o lazer ao segundo plano no entendimento da sociedade moderna (PRONOVOST, 2011; SANTOS, GAMA, 2008; FOGLIA, 2013; GOMES, 2008).

Guerrier e Adib (2003), ao explorar os paradoxos vivenciados por trabalhadores de uma Operadora Turística Inglesa que atuam em Maiorca, Espanha, que paradoxalmente ofertam um trabalho denominado pelos autores de “emocional”, ao entregar o divertimento, também vivenciam o “trabalho sujo” de controlar as queixas e os excessos dos visitantes, o que os faz viver numa linha tênue entre o trabalho e o

lazer. Para eles, isso gera nos trabalhadores uma necessidade de comprar um estilo de vida que eles veem como refletindo seus 'eus' autênticos e isso lhes permite aceitar a parte negativa de seu trabalho, tornando-os trabalhadores disciplinados.

Já Boon (2006) realizou estudo com esquiadores do hotel de uma estância turística de Queenstown, na Nova Zelândia, e argumentam que trabalho e lazer podem funcionar como aliados. Mas os resultados indicam que o que os liga ao trabalho é o salário e os recursos de tempo que recebem no hotel. Para os hotéis estudados, a vantagem é ter acesso a um *pool* de mão de obra sazonal, não padronizado e de lazer do que se pode inferir a possibilidade de precarização nesta relação.

A mitificação do trabalho na sociedade ocidental foi por muito tempo responsável pela desvalorização do lazer, pois o apresentava como negação do trabalho; a 'Ideologia do Trabalho' e a 'Ética Cristã' foram responsáveis por essa mitificação e reduziram o lazer a uma simples pausa entre dois momentos de trabalho (WEBER, 2004). Esse autor informa ainda que "a ideologia do trabalho, que vê no lazer a sua negação, apresenta o trabalho como única forma do homem realizar-se como tal e através dele conquistar a sua liberdade" (WEBER, 200).

Outros autores como Lafargue (2003), Russell (2002) e De Masi (2000) questionam a centralidade do trabalho como elemento fundamental e fundante da sociabilidade humana, colocando-o em segundo plano, buscando discutir de forma mais crítica a função social que o ócio e o lazer possuem para a constituição dos indivíduos e da sociedade.

Para Lafargue (2003), a preguiça é uma virtude, um elemento capaz de fortalecer o corpo e o espírito dos operários, sendo esta o meio para se preparar para a revolução, objetivando emancipação humana.

Ainda segundo este autor, o mais importante da virtude da preguiça é propiciar a denúncia da maldição do trabalho assalariado e expor a necessidade de superá-lo. Para ele, a liberdade e o lazer da humanidade serão conquistas que acontecerão com a implantação crescente e massiva de máquinas. Ele ainda faz uma crítica à sacrossantificação do trabalho, pois, segundo Lafargue (2003, p. 9), "nossa época é, dizem, o século do trabalho; na verdade é o século da dor, da miséria e da corrupção [...]”, lembrando que seu panfleto foi publicado em 1880.

O que se percebe na obra de Lafargue (2003) é que o autor caracteriza "O direito à preguiça" como "refutação do direito ao trabalho", contrariando a moral cristã do trabalho e fazendo o elogio à preguiça, defendendo sua postura ao examinar as relações

entre trabalho e lazer, colocando seu desencanto com relação ao primeiro e analisando as possibilidades do segundo.

Nessa perspectiva, Lafargue (2003, p. 43) baseia-se no pressuposto de que o trabalho é um dogma desastroso e analisa de forma crítica suas ‘bênçãos’, considerando que “o trabalho só se tornará um condimento de prazer da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social, quando for prudentemente regulamentado e limitado a um máximo de três horas por dia”.

Na discussão sobre o tema, Russell (2002) questiona o ócio como ‘pai’ de todos os vícios, refletindo ainda sobre o papel do trabalho, ao dizer que se trabalha demais no mundo de hoje, que a crença nas virtudes do trabalho produz males sem conta e que nos modernos países industriais é preciso lutar por algo totalmente diferente do que sempre se apregouou (RUSSELL, 2002, p. 23), pensamento que contrapõe os argumentos de Weber (2004) sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre.

Nessa citação, o autor busca expressar que o trabalho não deve ser o objetivo central da vida e o ócio se apresenta como a alternativa capaz de gerar atividades como o trabalho intelectual, atividades compensadoras e agradáveis, usando tempo livre não só para a diversão, mas para a ampliação de conhecimento e reflexão.

No seu pensamento, Russell nos diz que os operários “consideram o trabalho como deve ser considerado. Isto é, um meio de ganhar a vida, e é de seu tempo de lazer que eles obtêm qualquer possibilidade que possam desfrutar” (RUSSEL, 2002, p. 20), defendendo a redução do trabalho diário a quatro horas semanais (RUSSEL, 2002, p. 14), e considera que o “emprego sábio” do lazer “é fruto da civilização e da educação” (RUSSEL, 2002, p. 17).

Kelly (2009), ao discutir a relação entre trabalho e lazer, questiona a simplificação paradigmática que esta relação é considerada. Para ele, existem quatro dimensões de olhares sobre esta relação: a) sem interferência do trabalho, baseada na livre escolha; b) dependentes da relação com o trabalho; c) complementares entre o conteúdo do trabalho e pelos papéis sociais; d) como recuperação ou preparação para o trabalho. Essas dimensões simplificam as análises teóricas do tema para esse autor, demandando uma maior distinção nas análises entre tempo de não trabalho, tempo de trabalho e tempo livre.

Peixoto (2008) acrescenta as contribuições de Marx e Engels para os estudos do lazer e informa que estes autores são subutilizados e mal interpretados nas pesquisas sobre o lazer. Para ela, as obras desses clássicos podem trazer luzes sobre a

compreensão da problemática do lazer no capitalismo, segundo a autora “a compreensão da problemática do lazer depende da apreensão das relações de produção típicas do capitalismo” (PEIXOTO, 2008, p.13).

Outro autor que busca contribuir com a discussão sobre ócio e lazer é Thorstein Veblen, em seu livro *A Teoria da Classe Ociosa*, em que defende a ideia de que o ócio não quer dizer indolência, mas tão somente “tempo gasto de modo não produtivo” (VEBLEN, 1987, p. 54), distinguindo também o ócio vicário (feito em nome de outrem).

O ócio vicário é na visão do autor uma forma de comparação feita na sociedade capitalista entre as classes que a compõe, que ele denomina de *emulação pecuniária*, apresentada no campo econômico por *desperdício conspícuo* expresso quando o ócio de alguém é mantido e financiado por outrem como forma de mostrar seu poder e *status* na sociedade (VEBLEN, 1987).

Segundo Guimarães e Silva (2002, p. 63), o propósito da investigação de Veblen é discutir o lugar e o valor da classe ociosa em sua qualidade de fator econômico da vida moderna, através de uma linha de investigação da origem dessa instituição, bem como as características da vida social não comumente classificadas como econômicas.

Os pensamentos expressos representam uma forma diferente de ver o tempo livre, diversa da visão de Weber de reprovação sobre ócio e de sua função social e representam a tentativa de entendimento desse fenômeno e suas implicações na sociedade.

Proni (2008), ao discutir as contribuições de Nobert Elias e Eric Dunning, primeiros sociólogos a se debruçarem sobre o lazer, faz as seguintes observações: a) o lazer contemporâneo não é simplesmente um produto da urbanização e da industrialização; b) as atividades de lazer se diferenciam não só por ocupações profissionais, mas por outras atividades realizadas no tempo livre; c) propõem a interdisciplinaridade nos estudos do lazer, considerando também os aspectos psicológicos e biológicos na busca pelo prazer nas práticas de lazer e, dessa forma, para esse autor, haverá uma análise mais completa sobre o lazer.

Outro aspecto a ser destacado é que, na atualidade, o tempo livre se apresenta por meio da chamada *indústria do entretenimento e do lazer* como mercadoria a ser consumida. Para Padilha (2000, p. 77), “é fundamental observarmos ainda que, na nossa sociedade capitalista, o próprio lazer é impregnado da racionalidade econômica e se transforma em mais uma mercadoria a ser consumida”.

Enquanto campo de estudo no Brasil, Gomes e Rejowski (2005), ao levantarem o posicionamento teórico e conceitual do lazer turístico, indicam que na maioria dos estudos sobre esse tema não há no geral um posicionamento teórico-conceitual entre turismo e lazer e propõem o estímulo à interdisciplinaridade como meio para promover a articulação do tema lazer com suas áreas afins.

Nesse sentido, as ocupações criadas para atender a esta lógica, em que a atividade do turismo, considerando os setores que direta ou indiretamente estão a ela ligados, inclusive o setor de alojamento, buscam atender a esta nova demanda da racionalidade capitalista, em que as atividades possíveis de serem realizadas no tempo livre passam a ser mercadorias consumíveis.

Destaca-se ainda o foco de Faria e Ramos (2014) sobre o tempo livre, lembrando que este se refere ao tempo de não trabalho e está ligado ao trabalhador empregado, pois

é o tempo que o trabalhador tem ou dedica para si mesmo, tanto para seu lazer e seu repouso (chamado também de tempo socialmente supérfluo) como para sua própria formação (educação), para atividades lúdicas, artísticas ou culturais e para o convívio familiar e social (tempo socialmente disponível) (FARIA E RAMOS, 2014, p. 69).

Diferente do tempo produtivo ocioso relacionado ao “tempo não trabalhado enquanto o trabalhador se encontra à disposição do trabalho”, ou seja, refere-se à “não atividade de trabalho (aposentados que não mais se encontram no ‘mercado de trabalho’ e crianças e jovens que ainda não ingressaram no ‘mercado de trabalho’) ” (FARIA; RAMOS, 2014, p. 70), assim como os desempregados.

Faria e Ramos (2014) buscam entender como a fronteira do tempo de trabalho invadiu sutilmente o tempo livre do trabalhador, aquele compreendido para além do tempo de trabalho necessário e de mais-trabalho, tornando esses tempos fluidos, tensos, urgentes e flexíveis, lembrando que esta fronteira se constitui como uma categoria fruto de uma construção social.

Os autores também consideram que estes tempos se tornam aprisionados não só pelo controle das atividades de trabalho, mas como “dispositivos que mobilizam o sujeito a partir de objetivos e projetos, canalizando o conjunto de suas potencialidades para fins do capital” (FARIA; RAMOS, 2014, p. 50), ou seja, este aprisionamento apresenta-se a serviço da racionalidade econômica puramente instrumental, “destituída

de toda subjetividade, de toda emoção, de todos os sentidos e significados” (FARIA; RAMOS, 2014, p. 64).

Faria e Ramos (2014, p. 64), em sua discussão, relembram que, embora o tempo seja visto como uma ‘instituição aliada da produção’, torna-se também um ‘aliado do trabalhador, na medida em que define a dimensão de seu valor de uso e de troca e, portanto, também do tempo que tem para si”. Esse aspecto indica que o tempo pode ser visto como um mecanismo de resistência contra a lógica capitalista e da racionalidade econômica que lhe dá base, uma vez que, para os sujeitos, o tempo é uma experiência subjetivamente vivida.

É preciso, numa visão crítica sobre os temas que se apresentam na sociedade, refletir sobre eles. No caso da atividade turística, segundo Ouriques (2005, p.17),

O discurso em defesa do turismo, nesses termos, adquire um grande poder de persuasão e seduz os poderes públicos e as comunidades locais, já que a ideologia dos grupos pró-crescimento ‘vende’ as promessas do desenvolvimento, geração de empregos e respeito ao meio ambiente de forma tão poderosa que as opiniões contrárias acabam sendo rotuladas de ‘inimigas do progresso’, ‘dos que querem manter o atraso (OURIQUES, 2005, p.17).

Mas é necessário considerar que as ideias e os discursos hegemônicos das benesses da atividade turística buscam fortalecer a visão desta atividade como vetor de acúmulo de capital e dominação do mercado de entretenimento, baseado na ideologia do capitalismo.

Ante o exposto, o que nos inquieta é entender quais os sentidos construídos pelos trabalhadores da atividade turística, especificamente os do setor de hospedagem, uma vez que estão inseridos numa atividade em que se coadunam os dois contextos: a) o do trabalho, ao estar inserido numa atividade que vem crescendo e criando postos de trabalho para atender às necessidades de lazer da sociedade. Atividade intensificada a partir de lutas sindicais dos trabalhadores de vários setores da economia, o tempo livre passa a ser uma mercadoria, dentro da lógica da racionalidade econômica, comprada pelos que possuem os condicionantes do turismo, que são: renda, tempo e motivação para viagem; b) o do lazer, em que o tempo livre das pessoas passa a ser consumido, também influenciado pela racionalidade econômica que transforma esse tempo em mercadoria.

Esta relação de consumo do tempo parece relacionar-se com a compreensão destes trabalhadores sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre, uma vez que, em

seu cotidiano, em seu tempo de trabalho, o contato com o tempo livre, tempo de lazer do outro, pode construir sentidos diferenciados, considerando a vivência de trabalhadores de setores não ligados ao turismo.

Ressalta-se que a relação tempo de trabalho e tempo livre é vista de forma diferenciada por diversos autores. Para eles, o domínio do tempo de trabalho vem perdendo o domínio para o tempo de ócio (SUE, 1980; AQUINO, 2008; AQUINO, MARTINS, 2008; CABEZA, 2000; CABEZA, 2008).

Ao estabelecerem uma relação entre trabalho e ócio, indicam que este último é promotor de autonomia, uma vez que, segundo Aquino (2008, p. 133), o ócio apresenta-se como um “espaço de realização e expressão individual, constituindo-se numa atividade fundamental para a transformação social”.

Acrescenta-se o pensamento de Manuel Cuenca Cabeza (2008, p. 35), ao considerar a tese do ócio humanista, baseado na “experiência humana necessária, capaz de proporcionar autorrealização, direito e qualidade de vida”. Esse autor, ao expressar sua proposta, reforça que

A experiência do ócio como um tipo de experiência humana que o sujeito percebe de modo satisfatório, não obrigado e não necessário. Pode-se dizer que o ócio é uma experiência livre, satisfatória e com um fim em si mesma: quer dizer voluntária e separada da necessidade, entendida como necessidade primária (CABEZA, 2008, p. 42).

Estes diferentes pensamentos sobre as categorias tempo, trabalho, ócio e lazer enriquecem as discussões sobre os temas e ajudam a refletir sobre as possibilidades de olhares sobre eles e as relações estabelecidas entre os mesmos.

Ademais, a visão econômica do tempo livre, especificamente a mercantilização desse tempo por meio do lazer que apresenta na literatura internacional, traz elementos para o entendimento do tempo livre e sua relação com o tempo de trabalho.

Roberts (2011) argumenta que os estudos do lazer precisam sair do que ele chama *pequenos lazeres*, ligados às atividades de esporte, turismo e focar os estudos nas funções sociais do lazer, notadamente a ligada ao consumo dessa atividade.

Wang (2011), ao discutir a política de lazer na China, conclui que tais políticas sofreram uma profunda mudança de lazer como ideologia para lazer como indústria e discute os problemas gerados por essa mudança, como a mercantilização e privatização dos serviços do lazer provocam desordens nesse setor.

Mommaas (2009) fez estudo comparativo sobre a história da investigação sobre o lazer em seis países: Espanha, Polônia, França, Bélgica, Países Baixos e Reino Unido. Segundo o autor, os resultados indicam que há uma crescente quantidade de pesquisas sobre tempo e consumo, esporte e meios de comunicação social, compras e turismo, além de cultura e cotidiano. Assim, de um lado, há agora muito mais atenção acadêmica para questões de tempo, consumo, jogo e prazer. Porém, ao mesmo tempo, essas questões estão desvinculadas de antigas preocupações coletivas sobre lazer e/ou tempo livre. Então ele se pergunta como deveria ser um projeto unificador para as pesquisas sobre lazer, mas sem apresentar ainda uma resposta que resgate um projeto coletivo de lazer possível ou mesmo desejável capaz de dar à pesquisa sobre lazer um novo foro público e legitimado.

Castilho (2014) apresenta em seu artigo uma entrevista realizada com o sociólogo britânico Chris Rojek quando houve sua participação no I Fórum Internacional do Lazer, que aconteceu em Belo Horizonte em 2011. Trata-se de um pesquisador da área de lazer que o estuda pelo viés da cultura por meio da abordagem histórico-comparativa. Para Rojek (2011), o neoliberalismo introduziu uma desregulação sistemática, ocasionando uma precarização do trabalho e uma consequente comercialização do lazer.

Segundo Rojek (2013), enquanto o tema lazer declina na Europa, na Austrália e na Nova Zelândia, no Canadá e nos Estados Unidos passa a focar áreas ligadas ao esporte, ao turismo e à gestão de eventos. Ele reforça que, mesmo ainda em declínio, nos Estados Unidos, os estudos do lazer enfocam principalmente o viés vocacional, comercial e profissional desta categoria.

Ainda Rojek (2000) desenvolve em sua obra as discussões sobre o lado negativo do lazer e propõe a discussão sobre três formas de “lazer anormal”, quais sejam invasor, ‘virulento’ e selvagem<sup>5</sup>. Termos que questionam a ideologia positiva dentro dos Estudos do Lazer e lembra que a prática de lazer também pode envolver violência e prazer, o consumo intensivo de drogas ou provocar dor ao outro (mensagens de ódio e assédio) e devem ser investigadas por meio da observação social, trazendo um caráter mais crítico aos seus estudos sobre lazer.

---

<sup>5</sup> Segundo Castilho (2016), os termos utilizados por Rojek (2000) indicam, de uma maneira simplificada, o seguinte: a) lazer invasivo – caracteriza-se pelo comportamento de autodestruição, tais como abuso de drogas, b) lazer “virulento” – quando o uso do tempo livre leva ao sofrimento físico ou psíquico de terceiros; e c) lazer selvagem – caracterizado pelos “atos ilícitos de oportunismo”, numa tradução livre de Castilho.

Nessa percepção, a busca pelo entendimento da construção de sentido sobre a relação entre tempo no trabalho e tempo livre para os trabalhadores do setor de hospitalidade parte da consideração de que o trabalho é uma categoria central para a identidade e sociabilidade do indivíduo, e nesse sentido é uma categoria que influencia em sua subjetividade. Adiciona-se a esses aspectos a constituição histórica da relação com os tempos sociais, dentre eles o tempo de trabalho e o tempo livre.

Socialmente a relação entre tempo de trabalho e tempo livre é vivenciada de formas diferenciadas pelos trabalhadores e se constitui de forma dialética, uma vez que é integrada por unidades mercantilizadas na lógica capitalista, acabando por imbricá-los nessa visão. Percebe-se então que tal diferenciação constrói sentidos distintos sobre a relação tempo no trabalho e tempo livre e esta se expressa nas práticas discursivas do sujeito-trabalhador.

Assim, considerando as características do trabalho para o lazer de outras pessoas, concebe-se, neste estudo, que a relação entre seu tempo no trabalho e seu tempo livre constrói sentidos sobre a relação tempo no trabalho e tempo livre para o trabalhador do serviço de hospedagem.

## 3 PERCURSO METODOLÓGICO

---

Neste item, serão apresentados os aspectos teórico-metodológicos e os procedimentos para a composição desta pesquisa.

### 3.1 Caracterização da pesquisa

Objetivando descortinar um aspecto do mundo do trabalho no turismo, especificamente nos serviços de hospedagem, qual seja compreender a construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre, propõe-se a realização de pesquisa qualitativa pautada na proposta marxista da linguagem baseada em Bakhtin (2006), tendo como técnica de constituição do *corpus* de pesquisa a observação virtual não participante inspirada na netnografia. A análise deste *corpus* baseia-se nos pressupostos bakhtinianos para Análise do Discurso, no sentido de contribuir para a reflexão sobre o sujeito que atua profissionalmente nesta área no que se refere ao entendimento da citada relação.

Para tanto, apresentam-se a base metodológica da pesquisa, os procedimentos para a constituição do *corpus* e de sua análise.

### 3.2 Base epistemológica da pesquisa

Os argumentos de base dos quais parto endossam que a relação tempo no trabalho e tempo livre é influenciada pelo contexto histórico-social que a constitui, sendo essa relação permeada pelo modo de produção capitalista e pela racionalidade econômica. Consideramos ainda que as práticas discursivas dos trabalhadores do setor de hospedagem evidenciam a relação entre o tempo no trabalho e tempo livre; por meio da linguagem e seus elementos, quais sejam a palavra, os discursos, os enunciados, os diálogos e as interações, os quais constroem sentidos que oscilam em tempos e lugares determinados, conforme o contexto histórico-social que os constitui (BAKHTIN, 2006; OLIVEIRA, 2014).

Considera-se, então, que o uso da linguagem é uma forma de expressão e compreensão do mundo. Dessa maneira, esta categoria também aparece no pensamento marxista contemporâneo, pois, segundo lembram Wood e Foster (1999, p. 11), os marxistas “sempre reconheceram que nenhum conhecimento humano nos chega sem mediação, que todo conhecimento é absorvido através da língua e da prática social”.

A linguagem tem sido um dos objetos de reflexão no marxismo, muito embora Marx e Engels não tenham desenvolvido uma teoria sobre a língua ou a linguagem, eles consideraram que existe uma relação dialética entre a consciência e a linguagem. Isso revela que nem a linguagem é consciência nem a consciência é linguagem, pois uma não pode se reduzir ou significar a outra, embora estejam mutuamente imbricadas, por isso, não podem ser consideradas uma sem a outra. Costa (2000, p. 31) reforça que, para esses pensadores, “a linguagem, assim como a consciência, é de natureza essencialmente social”, o que indica a necessidade de interação para constituírem-se.

Essa independência levou, na proposta bakhtiniana, a considerar que a língua e o mundo estão sempre em movimento, em constante transformação, uma vez que as ações humanas se desenrolam em quadros históricos diferenciados e estão sempre em processo. Dessa forma, a língua falada no cotidiano da vida dos sujeitos deve ser considerada como a materialmente palpável para o estudo. Daí decorre, para este autor, que a língua é um constructo da linguagem viva e real e que a realidade é quem constrói o pensamento (RIBEIRO, 2006).

Assim, faz-se necessário situar a proposta bakhtiniana da linguagem e sua possibilidade de contribuição com o estudo ora proposto, no sentido de compreender como se dá a construção de sentido sobre a relação entre tempo no trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem.

Argumenta-se que as práticas discursivas destes trabalhadores evidenciam a citada relação no cotidiano destes sujeitos. Nessa perspectiva, toma-se como referência o pensamento de Heller (2000, p. 20), ao considerar que “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” e, dessa forma, é o lócus em que se expressam os sentidos sobre todos os aspectos da vida.

Zandwais (2014, p. 51) lembra que, na obra de Karl Marx (2001), a linguagem é considerada como: a) o espaço onde as práticas sociais adquirem valores simbólicos, sendo a linguagem configurada pela condição de ter-se inaugurado a partir da necessidade de interação laboral para fins de produção; b) a consciência prática real que

permite aos homens simbolizar as experiências vividas, transformando suas relações com os objetos e transformando-se ao mesmo tempo. A autora reforça que, baseada na obra marxiana e em seus pressupostos sobre linguagem, esta “não é independente da realidade material, mas, ao mesmo tempo, necessita extrapolá-la, ultrapassar os fins imediatos aos quais ela serve, como meio de interação, como facilitadora da produção, meio de acesso às trocas de toda ordem” (ZANDWAIS, 2014, p. 52).

Esses aspectos são relevantes para a composição desta pesquisa, pois tais perspectivas da linguagem contribuirão para a compreensão da construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre por meio das práticas discursivas estabelecidas nas interações sociais e dialógicas dos sujeitos estudados, que são os trabalhadores dos serviços de hospedagem.

O acesso a essa linguagem se dará pelo estudo da comunidade de fala que se autodenomina “Escravos da Hotelaria” e que encontra neste espaço um meio de expor, debater e estabelecer um diálogo sobre os aspectos do cotidiano de trabalho para os membros desta comunidade de trabalhadores dos serviços de hospedagem.

Na busca pelo entendimento das dimensões da linguagem, uma das contribuições mais significativas de Bakhtin sobre o tema, interdependência entre linguagem e vida material, é a obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (BAKHTIN, 2006). Nela, o autor expõe suas ideias sobre os aspectos subjetivos, objetivos e interacionais da linguagem, focando neste último como proposta de entendimento da linguagem.

Para o autor, a enunciação é um produto dos atos de fala e constitui-se como ponto de partida para a reflexão sobre a linguagem, pois para ele

o que importa não é o aspecto da forma linguística [...] o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num determinado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível (BAKHTIN, 2006, p. 96).

Assim, para Bakhtin (2006), a língua deve ser considerada como uma realidade viva e nesse sentido mutável e inseparável de seu conteúdo ideológico, dessa forma, não pode ser analisada, unicamente, a partir de componentes abstratos, deslocados dos atos de fala, das enunciações. Como lembra Fiorin (2008, p. 61), “não se produzem

enunciados fora da esfera da ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera”, reforçando os aspectos de ação e contexto da construção dos enunciados e do dialogismo.

Ainda segundo Bakhtin (2006), a interação verbal, base da concepção de linguagem do autor, é constituída pelas condições sociais de produção de um enunciado e este determina sua forma e conteúdo, uma vez que toda palavra é orientada para um interlocutor, ela também é a imagem que o locutor faz desse interlocutor que orienta seu discurso. Para o autor, “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 2006, p. 34) e acrescenta que

a enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto, ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social” (BAKHTIN, 2006, p.16).

Complementa-se que, baseado em Marx, Bakhtin (2006) considera que a prática constitui a consciência e por sua vez a linguagem. Assim, nele, a linguagem não é ente autônomo e nem vem primeiro na construção da materialidade e que o contexto concreto, os modos de produção dão materialidade para a produção de sentidos, sendo este a referência que conduzirá a compreensão da construção de sentidos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem.

Bakhtin (2006) considera ainda que “o sentido pessoal é sempre o sentido de algo, ligado a um contexto, de forma que os significados não se realizam a si mesmos, mas no movimento do sentido pessoal e da interação (ZUIN, 2011, p. 32)”.

Bakhtin (2006) também ressalta que o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana são as palavras, e estas são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. Cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica.

Os discursos da vida cotidiana é um dos gêneros de discurso que Bakhtin considerou como primário. Segundo Fiorin (2008), eles são

predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e têm relação direta com o contexto mais imediato. São, por exemplo, a piada, o bate papo, a conversa telefônica... e o e-mail, o bilhete, o chat... [as interações mediadas por computador, como as interações estabelecidas nas redes sociais] (FIORIN, 2008, p. 70).

Ressalta-se que as interações podem ocorrer tanto face a face como mediadas pela tecnologia. Embora a internet tenha surgido no final da década de 1960, é a partir da década de 1990 que ela passa a ser empregada de forma comercial (VILLELA, 2011), permitindo, notadamente a partir dos anos 2000, a formação de novas formas de interação, organização e atividades sociais. Nos dias atuais, destaca-se que a internet se constitui de um importante espaço público de interação.

Para Bakhtin (2006), o discurso baseia-se numa construção linguística ligada ao contexto social, por seu caráter sócio-histórico, e este só é possível na interação, o que leva a considerar que analisar o discurso é analisar o contexto da estrutura discursiva que se está buscando compreender. Assim, o contexto social vivenciado atualmente também encontra na internet e nas redes sociais que ela dá suporte o espaço para a constituição das interações no ciberespaço.

Quanto ao gênero, Bakhtin (2016) lembra que todos os diversos campos da ação humana estão ligados ao uso da linguagem e por isso envolvem os mais diversificados gêneros de discursos (orais e escritos). Por gênero de discurso, o autor denomina o campo de utilização da língua que “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12). Nesta pesquisa, tomo como referência o gênero primário de discurso. Esse gênero enfoca as interações estabelecidas no cotidiano.

Ainda para esse autor, na análise dos gêneros do discurso, é preciso considerar os conceitos de enunciado, língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito e sua inter-relação. O enunciado é a forma de existência do discurso, tornando-se assim a unidade real da comunicação discursiva e deve ser considerado interligado à situação social em que é expresso e inserido. Já a língua, para Bakhtin (2006, p. 123), deve ser compreendida “como um fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* (enunciado) ou *enunciações* (enunciados)”, o que decorre que metodologicamente a língua deve ser estudada da seguinte forma:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.

2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estrita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.

3. A partir daí, examinar as formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN, 2006, p. 129).

O autor vincula o conceito de língua com o de discurso, uma vez que “entender a língua como discurso significa não ser possível desvinculá-la de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos que a norteiam” (CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, p. 2).

O conceito de texto, seja ele verbal – oral ou escrito – ou também em outra forma semiótica, considera que este, segundo Cavalcanti Filho e Torga (2011, p. 2), “constitui a realidade imediata para que se possa estudar o homem social e a sua linguagem, já que sua constituição, bem como sua linguagem é mediada pelo texto; é através do texto que o homem exprime suas ideias e sentimentos”.

Para a constituição da pesquisa, parto da consideração de que os sentidos são pautados por signos e significados e estes são construídos socialmente. Além disso, são influenciados pelos aspectos histórico-sociais e expressos no cotidiano dos sujeitos. Destaca-se, ainda, como indica Elichirigoity (2008, p. 190), que o “sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça constantemente”. Além do aspecto dialógico da construção de sentido, a autora ressalta que para Bakhtin (2006, p. 190) o sentido é “liberdade e a interpretação é seu exercício”.

Quanto ao significado, acrescenta-se que para Bakhtin a fonte do significado da linguagem está no social “em algum lugar no entremeio, compartilhado e múltiplo [e] cada um pode significar o que diz, mas só indiretamente, com palavras que são tomadas da comunidade e que são a ela devolvidas, conforme os protocolos que ela observa” (ELICHRIGOITY, 2008, p. 186). A criação do signo também é dialógica e interacional, pois como revela Elichirigoity (2008, p. 186) baseada em Bakhtin “a voz de cada um pode significar, mas somente com outros – às vezes em coro, mas na maioria das vezes em diálogo. Assim acontece a criação e uso dos signos”.

Tais interações apresentam-se no cotidiano dos sujeitos e na atualidade um dos principais meios de comunicação e de estabelecimento de diálogo é a internet, que media as interlocuções dos sujeitos. Destaca-se que, segundo lembra Heller (2000),

a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 2000, p. 17).

Dessa forma, os diálogos estabelecidos nas redes sociais, tornam-se um meio de compreensão dos sentidos construídos pelos sujeitos na atualidade. No caso desta pesquisa, por meio da *fanpage* do *Facebook* denominada *Escravos da Hotelaria*.

Segundo Cruz (2016), no mundo o *Facebook* já é utilizado por 1,48 bilhão de pessoas, sendo que 850 milhões usam o *Facebook Groups*, 850 milhões usam o *Facebook Messenger*. Além disso, 900 milhões usam o *WhatsApp* e 400 milhões usam o *Instagram*, aplicativos ligados a esta rede social. No Brasil, esta rede social já é utilizada por mais de 99 milhões de usuários. Ressalta-se que 8 em cada 10 brasileiros conectados estão no *Facebook*. Mensalmente são 89 milhões de acessos feitos principalmente por dispositivo móvel.

Com o suporte da internet, o *Facebook* torna-se uma ferramenta interativa que permite uma comunicação bidirecional, visando uma relação dialógica, promovendo a comunicação e a propagação de informação associadas à interatividade de um conteúdo relativamente livre.

Acrescenta-se que, desde sua fundação, o *Facebook* vem tendo um grande crescimento. Em 2012, a empresa iniciou sua oferta de ações no mercado financeiro, tornando-se a maior oferta de uma empresa de tecnologia, sendo também a 10ª maior dos últimos 25 anos. Os principais recursos dessa rede social são o Mural, o botão curtir, cutucar, *status*, eventos e o *Facebook Messenger*.

Segundo o tutorial do *Facebook*, o Mural é o espaço onde o usuário pode escrever recados, notícias, publicar fotos e vídeos de forma direta ou indireta. O botão curtir indica que o usuário gostou de algo que foi publicado. Quando uma postagem é curtida, quem enviou é notificado. Cutucar é uma forma de chamar atenção dos contatos, mas sem o envio de mensagem. *Timeline* é um recurso recente do *Facebook* em que você pode visualizar todas as atividades do perfil do usuário desde o ingresso nesta rede social. Já os *posts* são as publicações inseridas numa página da internet ou rede social. O *status* no *Facebook* é uma frase ou um texto em que o usuário descreve sentimentos, pensamentos e situações que está vivenciando no momento da publicação.

Acrescenta-se ainda o recurso que o *Facebook* oferece, que é o *Messenger*. Trata-se de um aplicativo que oportuniza a troca de mensagens instantâneas entre os usuários (FACEBOOK, 2016).

Considerando a proposta deste estudo, o dialogismo mediado por computador, especificamente pela rede social *Facebook*, considerado enquanto “relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, como informa Fiorin (2000, p.19), deubase à constituição do *corpus de inspiração* netnográfica desta pesquisa, pautada na observação virtual não participante.

Conforme lembra Amaral, Natal e Viana (2008), a netnografia permite a ampliação epistemológica nas possibilidades de estudos sobre comunicação. Essa proposta também contribui para o encontro com o outro de que trata Bakhtin (2011).

Acrescenta-se, ainda, segundo discute Couto Júnior (2013, p. 88), que a pesquisa sob a abordagem netnográfica e por meio da proposta bakhtiniana promove o reconhecimento do “encontro de alteridades nos ambientes virtuais, com sujeitos que têm muito a dizer e o fazem por meio de conversas *on-line*”.

Segundo as concepções bakhtinianas, a linguagem é considerada como processo de interação. Ela se caracteriza não só como língua, mas está ligada ao ambiente, a tudo que comunica e expressa de forma dialógica. Assim, a linguagem é vista como um produto vivo da interação social e das condições materiais e históricas de cada tempo, tendo como propriedade mais marcante a sua dialogicidade.

Este aspecto dialógico indica que é por meio das relações com os outros que nos constituímos e construímos sentidos no decorrer dos diálogos, uma vez que, segundo Bakhtin, toda ação do homem é voltada para o outro e por meio da linguagem há a produção de sentidos (BAKHTIN, 2006). Por meio da análise do discurso, acessa-se o sentido deste. Ressalta-se que o sentido do discurso está sempre em aberto, passível de interpretação por parte do receptor.

Assim, tal análise parte da prática da linguística ligada ao campo da comunicação, consistindo na análise da estrutura de um texto, seguido da compreensão das construções ideológicas que o compõem. Por ser uma construção linguística, textual e ideológica, o discurso está ligado ao contexto sócio-histórico em que ele é comunicado. Dessa forma, a análise do discurso é também uma análise contextual da estrutura textual e ideológica do mesmo.

Para Bakhtin (2016), a estrutura textual do discurso é composta por enunciados e este texto torna-se o ponto de partida do estudo do homem, sendo a unidade real e

concreta do discurso. Os enunciados também definem os gêneros dos discursos, sendo estes primários ou secundários. Os gêneros estão relacionados às situações comuns da comunicação na sociedade e às interações ocorridas nas situações sociais, indicando formas de ação comunicacional e social.

Dessa forma, nota-se que a percepção do homem como ser sócio-histórico, para Bakhtin, faz com que o estudo da linguagem seja, sobretudo interacional, pois, para ele, a análise da linguagem não se realiza separada do sujeito.

Essa característica interacional da linguagem faz com que a análise do discurso bakhtiniana seja uma análise dialógica-enunciativa, pois o estudo da língua ocorre por meio dos enunciados e das interações entre os sujeitos e, conseqüentemente, estabelece-se uma relação dialógica com os enunciados, uma vez que estes respondem a outros enunciados.

Ante o exposto, busca-se compreender os sentidos construídos pelos trabalhadores dos serviços de hospedagem dialogicamente por meio das interações estabelecidas na comunidade de fala denominada *Escravos da Hotelaria*.

Acrescenta-se que se busca nesta pesquisa apresentar os aspectos dialógicos e dialéticos presentes nas interações estabelecidas na comunidade estudada visando compreender a construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores da hotelaria membros da citada comunidade.

Pautadas nos preceitos bakhtinianos acima mencionados, são apresentados como se operacionaliza metodologicamente a pesquisa netnográfica proposta, conforme segue:

### **3.3 Constituição do *corpus*: contribuições da observação virtual não participante**

A proposta de constituição do *corpus* por meio da observação virtual não participante tem inspiração na netnografia. Segundo Amaral, Natal e Viana (2008), o termo *netnografia* é um neologismo (*net* + *ethnography*) que foi utilizado primeiramente pelos pesquisadores norte-americanos Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995. Ela é considerada tanto um método interpretativo, uma metodologia de estudo da internet (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008), como também uma técnica, uma ferramenta metodológica de pesquisa voltada para a comunicação

mediada pelo computador – CMC. Ela também pode ser denominada como *etnografia virtual*, ou *etnografia on line* (VASCONCELOS, ARAÚJO, 2011). Nesta pesquisa, será considerado o termo *netnografia*, constituído como uma técnica que contribuirá para a compreensão das práticas discursivas apresentadas nas interações da *fanpage* estudada.

Pode-se dizer que redes sociais (como *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, *Linkedin*, entre outros) vêm oportunizando uma nova forma de socialização e interação, pois permitem que as pessoas disseminem uma diversidade de imagens, informações e opiniões sobre os mais diversos temas que atraem outros indivíduos com interesses comuns.

Dessa forma, as interações estabelecidas por estas redes sociais tornam-se fontes ricas de conhecimento das práticas discursivas nelas vivenciadas e fonte de informações sobre os aspectos da linguagem na atualidade. Para seu estudo, destaca-se a inspiração no ramo da etnografia da comunicação, qual seja a netnografia (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008; FREITAS, LEÃO, 2012; KOZINETS, 2014), mas que, no seu processo de constituição do *corpus*, caracteriza-se no que denomino como *observação virtual não participante*.

Assim, considerando que a construção de sentidos parte das relações sociais estabelecidas, das vivências e do contexto histórico e social que envolve tal construção, propõe-se, para a realização da pesquisa, o estudo da comunidade de fala, a *fanpage* do *Facebook*<sup>6</sup> “Escravos da Hotelaria – Aqui o escravo tem voz”.

Comunidade de fala é um grupo de “pessoas que compartilham regras de conduta e interpretação de fala de, pelo menos, uma variedade linguística”, de acordo com Hymes (1972) *apud* Vanin (2009, p. 149). Dessa forma, a comunidade de fala é constituída por indivíduos que comungam de um mesmo jogo de linguagem, não necessariamente em função de falarem o mesmo idioma, mas de compartilharem signos, jargões, experiências, dos diálogos e enunciações expressas.

Segundo Gumperz e Hymes (1986), fazer parte de uma comunidade de fala significa compartilhar conhecimentos significativos de situações sociais e este

---

<sup>6</sup> O *Facebook* é um *website* gratuito e serviço de rede social criado pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes e pelo brasileiro Eduardo Severin em fevereiro de 2004. Inicialmente denominado “The Facebook”, foi constituído na Universidade de Harvard como forma de criar uma rede entre seus estudantes, promovendo o relacionamento social, facilitando a comunicação entre amigos, família e colegas de trabalho destes acadêmicos. Em seguida, a rede foi ampliada para a Universidade de Boston, a Ivy League e a Universidade de Stanford, depois a rede avançou para outras universidades e escolas americanas, ultrapassando as fronteiras dos Estados Unidos, tornando-se acessível a qualquer indivíduo já com mais de 13 anos de organização, além de organizações públicas e privadas.

conhecimento compartilhado depende da intensidade do contato estabelecido nas redes de comunicação.

As redes sociais podem ser consideradas microníveis de uma comunidade de fala, uma vez que “a rede social de um indivíduo é o total de relacionamentos nos quais os indivíduos estão envolvidos” (MILROY, 2004 *apud* VANIN, 2009, p. 150).

As comunidades virtuais criadas nas redes sociais têm a função de congregar indivíduos para discutirem sobre um determinado tema, dentre elas destaca-se o *Facebook*, campo de constituição do *corpus* desta pesquisa.

A comunidade foi criada em dezembro de 2011<sup>7</sup> e vem atraindo profissionais da área para as discussões sobre os mais variados temas que são apresentados pela inserção de *posts*<sup>8</sup>, com a utilização de imagens, vídeos, frases, *links* compartilhados de revistas e jornais, tirinhas de histórias em quadrinhos, ou seja, os mais variados recursos para promoverem interações sobre suas experiências de trabalho nos serviços de hospedagem.

A *fanpage* “Escravos da Hotelaria”<sup>9</sup> é administrada por três mediadores que se autodenominam Devacilleny (reservete – indicando ser do setor de reservas/recepção), Lucibal (mensageiro) e Adalgamir (*maitre*). A comunidade tem como *slogan* “Aqui o escravo tem voz!” e definiu como objetivo “trocar experiências profissionais, analisarmos *cases* do dia a dia ou de sucesso, informações importantes, conhecermos nossos direitos e deveres, sermos reconhecidos e respeitados como classe profissional e acima de tudo nos divertir!” (ESCRAVOS, 2016).

Eles ainda chamam a atenção para o aspecto de que “esta comunidade não tem objetivo algum de se tornar pejorativa, ofender ou coagir profissionais do segmento hoteleiro por conta do seu nome fictício” (ESCRAVOS, 2016), ressaltando que “o nome da comunidade é apenas uma homenagem e brincadeira à paixão descontrolada e obsessiva em servir aos hóspedes e clientes de todos os hotéis deste grande Brasil!” (ESCRAVOS, 2016).

Tomei contato com a referida comunidade em 22 de janeiro de 2014, quando possuía, na época, 15.416 curtidas. Destaca-se que, em 25 de agosto de 2016, ela possuía 54.986 membros<sup>10</sup> (considerando o número de curtidas<sup>11</sup>), o que dá uma ideia

---

<sup>7</sup> Não há indicação do dia do mês de dezembro de 2011 que a página foi criada no item “sobre” da *fanpage*.

<sup>8</sup> Trata-se das publicações expostas no *Facebook*.

<sup>9</sup> Informações descritivas expostas na *fanpage* Escravos da Hotelaria.

<sup>10</sup> Ressalta-se que o período da pesquisa netnográfica foi entre janeiro/2014 e agosto/2016.

da importância da página como espaço de interação e referência de respeito por parte desses trabalhadores. Trata-se de uma comunidade bastante ativa e que vem atraindo profissionais da área de hospedagem para, por meio de situações do cotidiano de trabalho, interagir e dialogar sobre temas inerentes a sua vivência de trabalho na hotelaria.

Ressalto que busquei, por meio do envio de mensagens para o *e-mail* publicado na *fanpage* (escravosdahotelaria@gmail.com), não somente pedir autorização dos mediadores para a realização da pesquisa, mas também explicar a dinâmica da pesquisa, seu objetivo, sua proposta metodológica, ou seja, as explicações gerais para deixar claro o que se pretende com a pesquisa, inclusive sobre publicações futuras em eventos e revistas sobre os resultados da pesquisa. Infelizmente, nenhuma das tentativas obteve retorno formal dos mediadores.

Os *post* foram levantados anacronicamente<sup>12</sup> e de forma vicária<sup>13</sup> no período de janeiro de 2014 a agosto de 2016, reforçando a definição para a constituição do *corpus* baseado na observação virtual não participante. A definição dos *posts* pesquisados se deu por sua ligação com o tema deste estudo, buscando compreender a relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem.

Ressalta-se que no geral o *Facebook* e suas páginas são utilizados para as pessoas exporem suas experiências de lazer, viagens, festas e entretenimento. Ser um espaço criado para discussão sobre as vivências do trabalho na atividade turística viagens é o grande diferencial da *fanpage* “Escravos da Hotelaria” e talvez o grande fator de atração de membros, por nela os trabalhadores encontrarem o ambiente para compartilhar o que vivem no cotidiano de trabalho.

Para constituição do *corpus*, foram considerados um total de 60 (sessenta) *posts*, sendo 8 (oito) sobre o Projeto “Gororobas da Senzala”, 4 (quatro) sobre a relação com a gerência e 48 (quarenta e oito) que expressasse sentidos sobre o trabalho e sobre o tempo livre.

---

<sup>11</sup>O botão curtir indica que o usuário gostou de algo que foi publicado. Também indica o número de membros de uma *fanpage*.

<sup>12</sup>Sabe-se que a conversação, nas redes sociais, pode ser estabelecida tanto de forma **síncrona** como **assíncrona** (RECUERO, 2009). Também o acesso aos enunciados e interações também podem ser conseguidos tanto síncrona como assincronicamente.

<sup>13</sup>O termo ‘forma vicária’ se baseia das discussões apresentadas por Sutton (2000; 2001), que trata dos princípios da interação vicária em comunicação mediada por computador, embora a discussão da autora esteja ligada aos tipos de interações presentes nos estudos sobre educação a distância, por isso não utilizei os termos “interação vicária, interagente vicário ou aprendizagem vicária” como expõe a autora. A forma vicária de levantamento indica que optei por uma forma passiva de interação com a *fanpage*, restringindo-me a curtir alguns *posts*, mas sem interagir ativamente com comentários por escolha desta pesquisadora.

Esses *posts* foram sistematizados por meio da criação de um quadro que apresenta os seguintes itens (APÊNDICE A):

- **Linguagem** – indicando o código utilizado no *post* para tratar o tema para instigar as interações. As principais linguagens usadas são: imagem, texto, vídeo, música.
- **Tempo de interação** – para indicar o tempo em que os membros se interessaram em interagir no *post* publicado.
- **Curtidas** – para indicar o número de vezes que a tecla “curtir” foi usada nos posts publicados. Aspecto que também expressa o interesse pela publicação.
- **Compartilhamentos** – para indicar o número de vezes que o *post* foi compartilhado com outros membros da *fanpage* ou demais interessados pelo tema exposto.
- **Número de comentários** – este item expõe os números de interações publicadas na *fanpage*.
- **Tema** – categoria de agrupamento relacionado aos aspectos centrais de cada *post*.
- **Enunciados destacados** – indicam a escolha aleatória dos enunciados que melhor expressaram os sentidos sobre o tema.

Neste sentido, foram analisados os temas que surgiram *a posteriori* a partir da sistematização e do agrupamento dos *posts* definidos para análise. Dessa forma, surgiram os seguintes temas objeto das análises: *características do trabalho, condições de trabalho, relações sociais no trabalho, relação tempo de trabalho e tempo livre*. Assim, a partir da sistematização ora exposta, são apresentados os procedimentos para análise do *corpus*:

### 3.4 Análise do *corpus*

Para análise do *corpus*, a pesquisa propõe-se à Análise de Discurso baseada em Bakhtin (2006). Assim, tal análise parte da prática da linguística ligada ao campo da comunicação, consistindo na análise da estrutura de um texto, seguido da compreensão das construções ideológicas que o compõem. Por ser uma construção linguística, textual

e ideológica, o discurso está ligado ao contexto sócio-histórico em que ele é comunicado. Dessa forma, a análise do discurso é também uma análise contextual da estrutura textual e ideológica do mesmo.

Para Bakhtin (2006), a estrutura textual do discurso é composta por enunciados e este texto torna-se o ponto de partida do estudo do homem, sendo a unidade real e concreta do discurso. Os enunciados também definem os gêneros dos discursos, sendo estes primários ou secundários. Os gêneros estão relacionados às situações comuns da comunicação na sociedade e às interações ocorridas nas situações sociais, indicando formas de ação comunicacional e social.

Dessa forma, nota-se que a percepção do homem como ser sócio-histórico, para Bakhtin, faz com que o estudo da linguagem seja, sobretudo interacional, pois, para ele, a análise da linguagem não se realiza separada do sujeito.

Essa característica interacional da linguagem faz com que a análise do discurso bakhtiniana seja uma análise dialógica-enunciativa, pois o estudo da língua ocorre por meio dos enunciados e das interações entre os sujeitos e, assim, estabelece-se uma relação dialógica com os enunciados, uma vez que estes respondem a outros enunciados.

Um princípio condutor da interação social de que trata Bakhtin (2006) é o dialógico, visto como uma característica essencial da linguagem, seu constituidor e é intrínseco a ela. Como ator principal do processo dialógico está o sujeito que “se constitui na sua relação com os outros”, complementando, conforme discute Cavalcanti Filho e Torga (2011, p. 3), “o sujeito concebido por Bakhtin não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros indivíduos, que é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social na qual o sujeito se inscreve”.

Tais aspectos dão base à proposta de análise de discurso que será considerada para compreensão da construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem e busca entender os sentidos construídos pelos trabalhadores dos serviços de hospedagem dialogicamente por meio das interações estabelecidas na comunidade de fala denominada *Escravos da Hotelaria*.

A constituição do *corpus* acontecerá por meio da elaboração do quadro de sistematização dos *posts* levantados. Estes, a partir dos critérios definidos, são eles: linguagem, tempo de interação, curtidas, compartilhamentos, número de comentários, tema e enunciados destacados. Ressalto que, para manter a impessoalidade dos sujeitos

na definição dos enunciados que deram base à análise do *corpus* deste estudo, foram criadas siglas para caracterizar os temas: *características do trabalho (CT)*, *condições de trabalho (CD)*, *relações sociais no trabalho (RT)*, *relação tempo de trabalho e tempo livre (TL)*.

Todas as interações levantadas foram sintetizadas por ano da análise, entre junho de 2012 e agosto de 2016. Também foram respeitadas as enunciações de forma literal, com todos os aspectos de recursos da linguagem escrita utilizada comumente numa rede social.

Dessa forma, no item a seguir, expõem-se as análises provenientes do levantamento das interações recolhidas no período estudado.

## 4 CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A RELAÇÃO TEMPO DE TRABALHO E TEMPO LIVRE: ANÁLISE DAS INTERAÇÕES

---

Nesta parte do texto, expõem-se as análises provenientes do levantamento das interações recolhidas no período estudado. Primeiramente, apresentam-se informações referentes sobre o perfil dos sujeitos considerados neste estudo, quais sejam os membros da comunidade de fala, Escravos da hotelaria. Em seguida, expõe-se a análise dos temas definidos por meio da sistematização realizada das interações levantadas entre junho de 2012 e agosto de 2016. Os temas analisados dizem respeito às *características do trabalho, condições de trabalho, relações sociais no trabalho, relação tempo de trabalho e tempo livre*, conforme segue:

### 4.1 “Aqui o escravo tem voz!” – De quem são essas vozes?

Considera-se importante posicionar a *fanpage* em termos do que será encontrado nela. Ela foi criada por trabalhadores do setor de hospedagem que se autodenominam por “escravos”. Não podemos esperar que aqui seja um lugar próprio apenas de elogios ou comentários positivos. Sua finalidade parece ser mesmo de catarse das experiências vividas no trabalho.

Ao decidir realizar pesquisa netnográfica sobre o trabalho nos serviços de hospedagem, o encontro da *fanpage* “Escravos da Hotelaria” se deu a partir da pesquisa por meio da palavra-chave “hotelaria” no *Facebook*. Foram identificadas cerca de 100 comunidades de fala cadastrada nesta rede social. Elas representam grupos fechados de cursos de hotelaria e/ou turismo, sindicatos, empresas de consultorias, entre outros. Além disso, foram identificadas comunidade sem que, por meio de “curtidas”, o internauta passa a ter acesso. Com esse perfil, foram detectadas as comunidades *Hotelaria da Depressão*, cuja frase que a caracteriza informa que “*O Ministério da Saúde adverte: ‘Trabalhar em hotéis pode causar Depressão’*”, com 723 curtidas;

Hotelaria (@hotelaria.br), criada em 2011, voltada para profissionais, estudantes e afins!, pensada como espaço para que eles *“Troquem experiências, tirem dúvidas, faça novos contatos e mantenha-se informado sobre as novas tendências e notícias da indústria”*, com 2.541 curtidas; Hotelaria (@admhotelaria), criada em 15/06/2012, segundo seus responsáveis *“Página criada para pessoas que estudam Turismo/Hotelaria ou que trabalham na área. Nesta página encontrar-se-ão informações sobre administração hoteleira, vagas de empregos e notícias”*, com 6.283 curtidas.

Além dessas comunidades, destacou-se a comunidade “Escravos da Hotelaria”, que, em 22/01/2014, apresentava 15.416 curtidas e 4.646 internautas falando sobre o tema. Ressalta-se que, em 29/10/16, a página apresentava 59.109 curtidas, o que demonstra a dinamicidade e aceitação da comunidade como espaço para exposição e diálogo sobre suas vivências no trabalho para esses trabalhadores. Destaca-se ainda que “curtir” uma página ou um *post* no *Facebook* significa que o internauta se identifica e gosta do que está sendo proposto nesta rede social.

Dessa forma, o critério para a definição desta comunidade de fala para a realização deste estudo se deu pela aceitação e interação dos membros percebida pelo número de curtidas e pelo aumento do número de membros desde o momento que tomei contato com esta *fanpage* em janeiro de 2014.

Aparentemente, os membros desta comunidade sentem-se à vontade para expor as condições, características, relações sociais, angústias, alegrias, tristezas, sofrimento e realizações experienciadas no e por meio do trabalho.

No sentido de caracterizar os membros que fazem parte da comunidade, foram levantados dados sobre o perfil destes. Os dados para composição do perfil dos sujeitos que compõem este estudo se baseiam em duas fontes publicadas pela comunidade. Em 21 de junho de 2016, os mediadores postaram uma pesquisa com o perfil dos que fazem parte da comunidade de fala (Figura 1). A referência estatística desta pesquisa foi de 48.807 curtidas (ESCRAVOS, 2016).

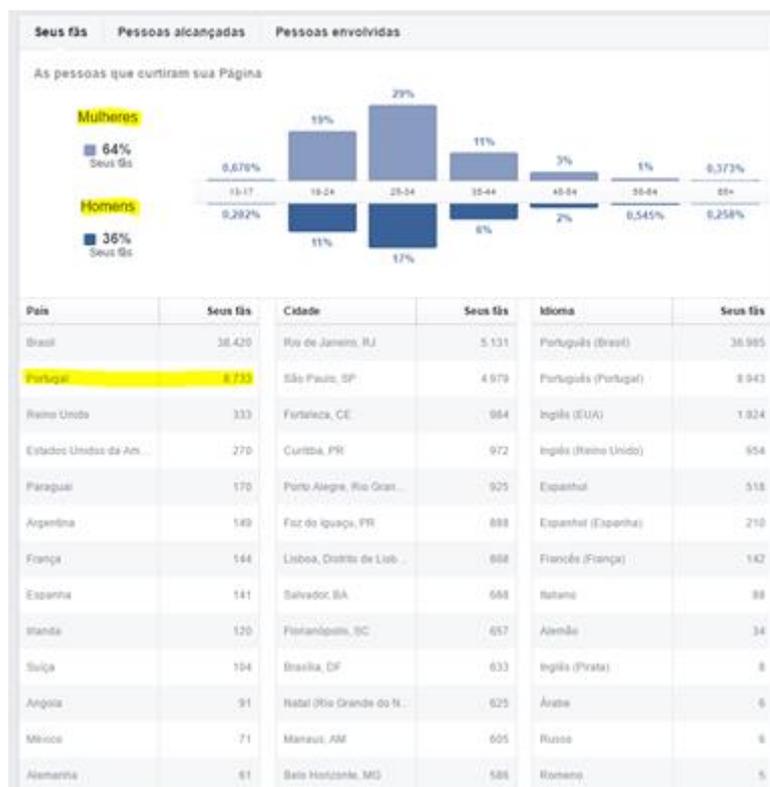


Figura 1 – Perfil dos membros – Escravos da Hotelaria  
 Fonte: [www.facebook.com/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com/escravosdahotelaria), 2016.

Segundo os dados, 64% são mulheres e 36% homens. Quanto à faixa etária, a maioria está entre 25 e 34 anos, 29% das mulheres e 17% dos homens. Os brasileiros são maioria desta *fanpage*, representando 38.420 curtidas e, destes, a maioria são do Rio de Janeiro, com 5.131 curtidas (ESCRAVOS, 2016). Essas informações indicam que esses membros são jovens e que questões de gênero podem envolver o cotidiano de trabalho desses profissionais.

Antes disso, em 10 de fevereiro de 2014, a comunidade divulgou a pesquisa realizada entre 23/08/13 e 18/11/13 denominada *Pesquisa de Mapeamento Hoteleiro Brasil*, em que apresenta o nível de satisfação referente a questões como mercado de trabalho e a percepção sobre órgãos de representação da categoria. Essa pesquisa foi divulgada por meio de *post* com *link* do *Google Docs*, publicado na *Fanpage*. Ressalta-se que o universo de membros que curtiram a referida *fanpage* estava compreendido entre 7000 (em 23/05/2013) e 15000 (em 11/01/2014), pois os mediadores inserem

postagem especiais de agradecimento quando atingem marcas significativas de curtidas<sup>14</sup>.

Quanto ao perfil dos respondentes, dos 1272 dos que participaram da pesquisa, 34,36% são bacharéis da área de hotelaria e turismo; 15,02% são tecnólogos na área; 13,21% são técnicos, ou seja, aproximadamente quase 65% destes são pessoas com formação específica na área, enquanto que 29,48% não possuem formação na área. Acrescenta-se que um percentual destes respondentes possui pós-graduação *lato sensu*, sendo que 5,03% são especialistas e 1% possuem MBA – *Master Business Administration*. Com formação *stricto sensu*, apenas 0,24% declararam ser Mestres e 0,16%, Doutores (Figura 2).

Considerando o local de atuação profissional, parte significativa dos respondentes se concentra no estado de São Paulo, representando 35,08%. Os demais respondentes estão distribuídos em diversos estados, tais como Rio Grande do Sul (9,80%), Paraná (9,57%), Santa Catarina (8,24%), Rio de Janeiro (7,29%), Minas Gerais (4,24%), Goiás (3,53%), Ceará (2,98%), Pernambuco (2,98%), Rio Grande do Norte (2,67%), Bahia (2,51%), Distrito Federal (1,88%), Paraíba (1,80%), Espírito Santo (1,18%), Pará (1,10%), Maranhão (1,02%), Amazonas (0,94%), Mato Grosso (0,78%), Alagoas (0,71%), Sergipe (0,71%), Rondônia (0,47%), Piauí (0,31%), Mato Grosso do Sul (0,24%). Essa distribuição dá uma ideia da atuação da comunidade de fala no Brasil (Figura 2).

---

<sup>14</sup> O histórico destes *posts* de agradecimento indica a seguinte evolução do número de membros da página: 1000 curtidas(09/09/12); 3000 curtidas (02/12/12); 5000 curtidas (23/02/13); 7000 curtidas (25/05/13); 15000 curtidas (11/01/14); 17000 curtidas (25/02/14); 23000 curtidas (13/07/14); 25000 curtidas (25/02/14); 40000 curtidas (03/03/16); 50000 curtidas (26/06/16). Lembrando que a página iniciou em dezembro de 2011.



Figura 2 – Perfil dos respondentes – Mapeamento Hoteleiro Brasil  
Fonte: [www.facebook.com/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com/escravosdahotelaria), 2014.

Sobre o tipo de empreendimento onde trabalham, temos a seguinte composição: 86,64% dos respondentes trabalham em hotéis, 7,55% em resorts, 5,27% em pousadas, 0,47% em motéis e apenas 0,16% atuam profissionalmente em albergues/*hostel*. Eles trabalham nos setores de recepção e portaria (53,14%), comercial (12,19%), gerência (7,31%), administração e financeiro (5,50%), governança (4,40%), restaurante ou bar (4,40%), eventos (3,85%), *conciierge* (2,52%), cozinha e áreas conexas (1,81%), planejamento e estratégia (1,49%), manutenção (0,39%), segurança (0,16%) e nutrição (0,08%) (Figura 3).

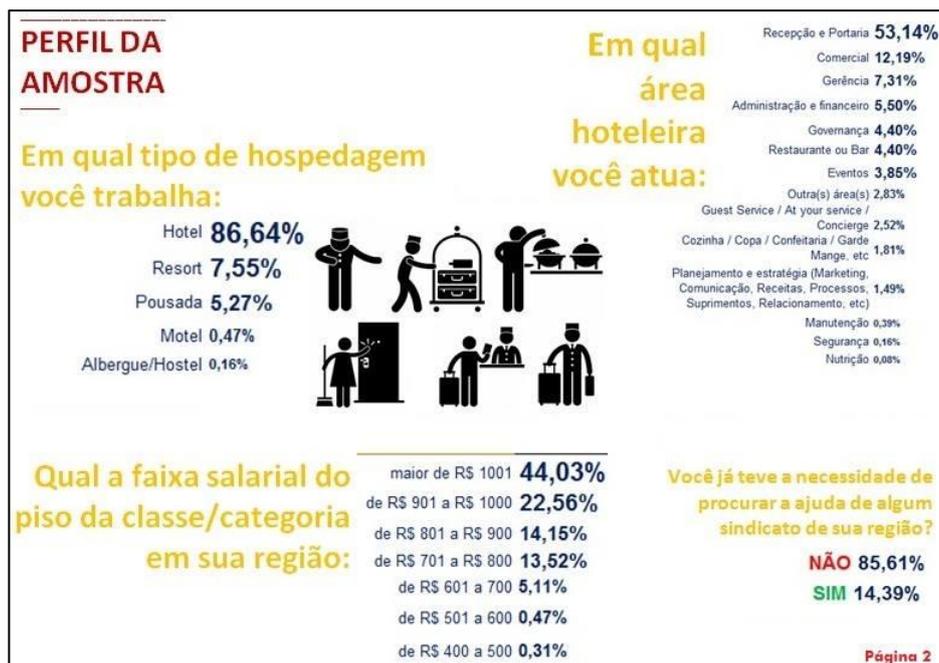


Figura 3 – Empreendimento hoteleiro em que trabalham  
 Fonte: [www.facebook.com/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com/escravosdahotelaria), 2014.

Quanto à remuneração desses trabalhadores, a pesquisa, datada entre 23/08/13 e 18/11/13, indicou que 44,03% dos respondentes recebem mais que R\$ 1001,00 (Figura 3). Em 2013, período da pesquisa, o salário mínimo praticado era de R\$ 678,00 (SALÁRIO, 2016). Essa informação corrobora os parâmetros encontrados por Arbache (2001) que, em seu estudo sobre mercado de trabalho na atividade econômica do turismo no Brasil, informa que o “segmento de serviços de hospedagem é o único cujo valor médio [de rendimentos] é inferior à média das remunerações da economia<sup>15</sup>” (p.34). Para ele,

as baixas remunerações desse segmento podem estar associadas à baixa qualificação da força de trabalho da atividade, ao elevado número de negócios familiares de hospedagem, e aos baixos salários praticados no segmento nas pequenas localidades e nas regiões mais pobres (ARBACHE, 2001, p. 34).

Acrescenta-se a este cenário a pesquisa realizada pelo site Catho Empresas, referência no país na área de recrutamento e seleção de profissionais com atuação nacional. Em pesquisa feita por esta organização e publicada em 07/11/2014 pelo *site* Extra, da Globo.com, sobre os cargos com os melhores salários no setor de hotelaria, as

<sup>15</sup> Tanto comparado com setores como agrícola, indústria de transformação, construção civil, comércio, prestação de serviços, serviços auxiliares, serviço social, administração pública e outras indústrias, como demais segmentos da atividade turística como agências, serviços de diversão e comércio de lembranças (*souvenirs*) e locação de veículos.

remunerações neste setor variam de R\$ 4.705,26 para gerente de atendimento de hotelaria até R\$ 903,21 para estagiário em hotelaria e turismo, bolsa mensal de profissional em início de carreira. Ainda segundo essa pesquisa, o salário médio de um recepcionista de hotel era de R\$ 1.190,84 (PESQUISA..., 2014).

Essas informações estão de acordo com estudo realizado por Silva (2005), baseado em dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que apontava o salário médio dos trabalhadores da hotelaria no Recife, entre 1994 e 2004, em até 2 (dois) salários mínimos. Situação presente atualmente, uma vez que, considerando que o salário mínimo atual pago em 2016 é de R\$ 880,00 e que o salário médio do recepcionista de hotel em outubro de 2016 é de R\$ 1.358,51<sup>16</sup>, ou seja, cerca de 2 salários mínimos, isso indica uma estagnação nos rendimentos desses trabalhadores.

Tais informações buscam caracterizar os sujeitos que encontraram na comunidade de fala um meio para expor seu cotidiano de trabalho e sua percepção sobre os aspectos que envolvem sua vivência de trabalho. Nos itens que seguem, são analisados os diálogos estabelecidos por esses trabalhadores no sentido de estabelecer compreensões sobre os sentidos construídos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre.

## 4.2 Construção de sentidos: o que dizem as interações

Neste item, apresentam-se os temas analisados nesta pesquisa, são eles: *características do trabalho, condições de trabalho, relações sociais no trabalho, relação trabalho e tempo livre*, buscando evidenciar por meio do dialogismo os sentidos construídos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre.

Para a realização das análises, foram considerados *posts* e seus respectivos grupos de interações (APÊNDICE A). Considerando as linguagens utilizadas nos *posts*, os recursos de imagem e texto que são os mais utilizados como forma para iniciar o diálogo entre os membros da *fanpage*, mas texto e vídeo, texto e música, apenas texto ou apenas vídeo são também usados nos *posts*.

---

<sup>16</sup> Ressalta-se que o site [www.catho.com.br](http://www.catho.com.br) em seu *link* Guia de Profissões informava em 29/10/16 que o salário médio do recepcionista de hotel era de R\$ 1.358,51, ou seja, cerca de 2 salários mínimos. Realidade apresentada na década de 1990 e no início dos anos 2000.

Ressalta-se que a *fanpage* é bastante interativa. Todo membro pode enviar para os mediadores as propostas de *posts* referentes a uma situação de trabalho, *links* de reportagem e pesquisas sobre a área. Existe um *e-mail* específico da comunidade administrado pelos mediadores ([escravosdahotelaria@gmail.com](mailto:escravosdahotelaria@gmail.com)) ou pelo *link* “enviar *e-mail*” disponibilizado na própria da comunidade. Os mediadores analisam e publicam na página, dando os créditos – genéricos – de quem enviou, denominando-os de *escravonildo*, *escravolete*, *escravete*, *escravonete*, *escravilinha*, *escravonilton*, *escravozildo*, *escravilson*, *escravitcho*, *escravolito* ou *escravolo*. Em seguida, são indicados o nome de quem enviou ou deixando-o no anonimato. Quando não há a indicação de quem enviou, isso significa que os próprios mediadores publicaram o *post*. Esse aspecto, de certa forma, tem algo a dizer.

Para fazer parte da comunidade, o indivíduo precisa ser “aceito” pelos administradores. Mas isso não quer dizer que haja controle total ou garantias de que lá estão todos seguros de não serem identificados. Podem, eventualmente, expor situações de trabalho em que revelem seus vínculos empregatícios e sua função. Mesmo assim, expondo-se a algum tipo de vulnerabilidade trabalhista, os comentários e *posts* são feitos livremente, tal como uma catarse própria de um grupo exclusivo de pares.

Neste trabalho, buscamos preservar o anonimato dos pesquisados, uma vez que não obtivemos autorização individual de suas participações. Neste sentido, para manutenção do anonimato dos sujeitos que interagiram em cada *post*, foram definidos descritores, identificados por uma dupla de letras formando siglas, seguidas pela sequência de números. Para o tema *características do trabalho*, foi definida a sigla CT; para *condições de trabalho*, a sigla CD; para relações sociais no trabalho, RT; e, para relação trabalho e tempo livre, a sigla TL. Cada uma desses descritores será comentado a seguir:

#### 4.2.1 Características do trabalho

Neste subitem, serão discutidas algumas características do trabalho que emergiram do *corpus* devido ao seu caráter singular e explicativo. Naturalmente, a seleção foi feita pela pesquisadora, considerando o conteúdo revelador para a presente pesquisa.

Ressalta-se que, ao se descrever as características de algo ou de alguém, estamos buscando o que lhe é particular ou próprio, contribuindo para lhe identificar, definir ou classificar. O trabalho no capitalismo caracteriza-se pela exploração da força de trabalho para obtenção da mais-valia, tendo a unidade tempo como principal mercadoria neste processo (ALVES, 2000; ANTUNES, 2003; ANTUNES, 2005; HARVEY, 1994).

Marx (2006), ao discutir sobre jornada de trabalho em *O Capital*, parte do pressuposto de que, como qualquer mercadoria, o valor da força de trabalho é determinado pelo tempo de trabalho necessário para produção e, dessa forma, sua compra e venda é definida pelo seu valor de uso. Reforçando que, no capitalismo, influenciada pela racionalidade econômica, ganha força o uso do trabalho como mercadoria que tem como finalidade a troca no mercado e, dessa forma, quanto mais barata ela for, mais riqueza será gerada para os detentores dos meios de produção.

Com o intuito de se consolidar não só como sistema econômico, mas também como sistema social hegemônico, o capitalismo revela formas singulares tanto da organização da produção como dos sistemas de organização e regulação do trabalho.

Desde o fordismo, que tipificou não só a forma de acumulação produtiva da sociedade, como os aspectos tecnológicos e de gestão do processo produtivo baseada na inter-relação entre capital e trabalho, com reconhecimento da sociedade da ação e sindical, prática de negociações coletivas, racionalização e padronização do processo produtivo e da organização do trabalho (ANTUNES, 2003), até o pós-fordismo/taylorismo, identificado pela produção sob demanda, a atuação produtiva de forma horizontalizada, o uso dos conceitos de *just in time*, CCQ (Círculos de Controle da Qualidade) e *Kanban*, além da prática de polivalência das funções, do trabalho em equipe e de políticas que promovem uma gestão participativa, o que representa o que Harvey (1994) denomina de “*Acumulação Flexível*”, o mundo do trabalho passou por modificações, tornando-se flexível e precário, gerando relações de trabalho “adequadas” a este contexto (ANTUNES, 2004).

A flexibilização e precarização do Trabalho implicou também transformações no sindicalismo (ALVES, 2010; ANTUNES, 2003; ANTUNES, 2010, LESSA, 2011).

A precarização do trabalho se revela, por exemplo, por meio dos baixos rendimentos, na elevada rotatividade, no reduzido poder de negociação e participação dos trabalhadores nos processos de reestruturação das empresas (RAMALHO, 2002).

Segundo Fernandes e Helal (2010), no país, a precarização se apresenta pelas alterações no mercado de trabalho, pelo crescimento da informalidade e das

contratações flexíveis, além da ampliação do desemprego em determinados setores e ocupações. Destaca-se, ainda, que, conforme Cardoso (2009), a flexibilização, exploração, intensificação e precarização do trabalho também trazem implicação sobre a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre.

Tais características vão permear a lógica de acumulação de riqueza e, por conseguinte, influenciar todos os setores da economia, inclusive o setor de serviços de hospitalidade.

No setor de hospedagem, a flexibilidade do trabalho, segundo Sancho (2001), apresenta-se por meio do trabalho por estações climáticas, indicando a característica sazonalidade da atividade turística e dos setores a ela relacionados; do trabalho em tempo parcial; do trabalho temporário; da utilização de horas extras conforme a demanda sazonal de trabalho, empregadas principalmente nos meses de alta estação turística.

A convenção coletiva de trabalho 2015-2016 dos trabalhadores dos serviços de hospitalidade de Pernambuco prevê o contrato parcial de trabalho como forma alternativa de contrato de trabalho e que as empresas poderão adotar contrato de trabalho "*part time*", por prazo determinado, o estabelecimento "*contrato de trabalho por hora trabalhada*", além de facultar ao empregador a

implantação do sistema de 'Regime de Tempo Parcial' cuja duração não exceda 25 (vinte e cinco) horas semanais, com remuneração proporcional ao número de horas efetivamente trabalhadas em novas contratações ou em alterações contratuais, ficando impedidos de prestarem horas extras (PERNAMBUCO, 2015, p. 13)

Essas informações indicam aspectos de precariedade na forma de contratação dos trabalhadores no setor no que se refere à jornada de trabalho. Destaca-se que outras características do trabalho também se apresentam como precárias também ligadas ao tempo dedicado ao trabalho, tais como a jornada intensiva e as peculiaridades dos espaços para descanso no local de trabalho. Parto da referência da Convenção Coletiva do estado de Pernambuco, não só por ser uma professora e pesquisadora pernambucana, mas por vir acompanhando tais convenções desde o ano de 2003, quando da realização de estudo sobre as relações de trabalho na hotelaria recifense (SILVA, 2005).

As figuras expressam alguns dos *posts* publicados entre 16/06/2012 e 10/06/2013 (Figura 4). Neles, é possível perceber características do trabalho na hotelaria que são associadas pelos trabalhadores ao seu cotidiano de trabalho. De forma conjunta,

estes *posts* receberam 430 curtidas, 991 compartilhamentos e foram comentados por 110 membros. Isso denota o nível de interesse dos membros da *fanpage* pelo tema discutido no *post* e o quanto eles desejam informar e/ou alertar outros trabalhadores por meio dos compartilhamentos.

Um apresenta uma cena do filme *Crepúsculo*, em que compara a vida de quem trabalha na hotelaria com a “vida de vampiro”, e, pelas características apresentadas, as interações expõem uma identificação com sua situação profissional, descrita no diálogo entre os personagens.



Figura 4 – Características do Trabalho – Filme Crepúsculo  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2013.

CT1: *Olha ai Galera, nossa vida ahah*

CT2: *Hahahah verdade mesmo...tenta ser Hoteleiros aki em Londres!!!! Pior ainda...Nem dia ensolarado tem...hhahah*

CT3: *quase da cor do Edward.....*

CT4: *Por isso é que passei para noite viu. kkkkkkkkkkkkkk. Trabalha menos e não é Vampiro.*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2013.

Antes de mais nada, parece importante realçar a imagem que é associada ao *post*, com a figura de vampiros da trilogia *Crepúsculo*. Ao associar seu perfil de trabalhador com vampiros, entidade lendária que suga o sangue dos vivos (FERREIRA, 2010, p. 2131), esses trabalhadores podem estar considerando essas características como os meios utilizados pelo mercado e pelo próprio local de trabalho para sugar sua vitalidade, fazendo-os associar sua vida à dos vampiros.

Dessa forma, percebe-se que a intensificação da jornada de trabalho, principal fonte de exploração da força de trabalho e geração de mais-valia por meio da intensidade e cobrança de tempo dedicado ao trabalho, é o meio mais utilizado pelo capital para geração de riqueza, conforme já alertava Marx (2006) e seus comentadores (ANTUNES, 2005; ALVES, 2000; LESSA, 2011). Pode-se dizer que essa característica faz com que esses trabalhadores se sintam sugados pelo tempo destinado ao trabalho.

O *post* “*Mandamentos da hotelaria*” enumera os 17 (dezesete) mandamentos referindo-se a “*coisas que não ensinam na escola aos profissionais da hotelaria*”, mas que são vivenciadas pelos trabalhadores deste setor e depondo sobre o que é peculiar na experiência de trabalho (Figura 5).

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 1322), mandamento indica uma “ordem contida num mandado ou num preceito legal”, este mandado pode estar contido no que é inerente aos serviços de hospedagem e no mercado de trabalho deste setor, mas que não são discutidos na formação deste profissional.



eles ainda não expressam tudo que caracteriza o trabalho na hotelaria, conforme indica o comentário “*deve ter mais coisa ainda pra citar neh. Podes crer... e ainda falta muita coisa ai nessa lista...*”. Esta incompletude percebida pelos trabalhadores de que nem todas as características estão expostas nos mandamentos indica a possibilidade do que Antunes (2003, 2008, 2010) discute como as múltiplas formas de degradação do trabalho, utilizando-se do termo que Juan Castillo (1996) cunhou como *liofilização organizacional*, definindo-o como o “processo no qual substâncias vivas são eliminadas, sendo o trabalho vivo crescentemente substituído pelo trabalho morto” (ANTUNES, 2008, p. 21).

Esta liofilização demandou um novo tipo de trabalho de forma ‘polivalente’ e ‘multifuncional’, resultando numa crescente intensificação dos ritmos, tempos e processos de trabalho, influenciando o setor industrial, o de serviços e o do agronegócio. Tal intensificação caracteriza o trabalho no capitalismo avançado e reforça o que Cardoso (2009) chama atenção em seus estudos, ao lembrar que esta flexibilização, exploração, intensificação e a precarização do trabalho implicam sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre, podendo ser verificada pelos mandamentos: “*Não terá vida pessoal, familiar ou sentimental*”; “*Não terá feriados, fins de semana ou qualquer outro tipo de folga*”, indicando uma predominância do tempo de vida, como o tempo de trabalho, uma vez que “*Trabalho será seu assunto preferido. Talvez o único*” e no seu tempo livre “*Dormir será considerado período de folga [...]*”, constituindo-se sua atividade principal no tempo livre.

Ressalta-se que tanto as enunciações expostas nos *posts* como os diálogos indicam sentidos sobre, principalmente, seu tempo de trabalho. Aparentemente, este tempo não só revela uma identificação com uma vida subjugada ao mercado e ao local de trabalho, mas também uma relação de prazer-sofrimento no trabalho, conforme estudos de Dejours (1997; 2007). Tal relação é gerada pela identificação com as características precárias que produzem sofrimento psíquico nesses trabalhadores, uma vez que “*sua sanidade mental será posta em cheque antes que complete cinco anos de trabalho*” ou perceber que “*terá sonhos (pesadelos???) com reservas, cancelamentos, overbookings... E, não raro, resolverá problemas de trabalho neste período*”.

Além de adoecimento físico gerado pela experiência cotidiana de trabalho, tal como descrito nas enunciações: “*Terá gastrite, se tiver sorte; Se for como os demais, terá úlcera*”; “*Seus cabelos ficarão brancos antes do resto da população; Se lhe sobrarem cabelos*” e “*Ficará cego, mas antes sentirá muita dor de cabeça, enxaqueca*”.

*ou algo que doa muito*”, aspecto também discutido na literatura sobre saúde e trabalho em que apontam o processo de sofrimento e adoecimento no polo industrial de Manaus (MORAES, VASCONCELOS, FONSECA, 2013); no judiciário do Amazonas (GARCIA, LIMA, MORAES, 2013); com os profissionais de saúde mental em Minas Gerais (LEAL et al., 2013); no serviço público (LIMA, 2012); e no trabalho bancário (ROSSI, 2012).

Dialeticamente, mesmo sendo fonte de adoecimento e sofrimento psíquico, as interações apontam também para o prazer em trabalhar no setor, destacando-se características próprias do trabalho na hotelaria, tais como trabalho por estações climáticas, devido ao aspecto sazonal da atividade, utilização de horas extras, principalmente nos meses de alta estação turística (SANCHO, 2001), baixos salários, baixa remuneração, sobrejornada de trabalho (SILVA, 2005; CAVALCANTE, COSTA, 2011), aparentemente, eles se veem como *“corajosos”*.

Exemplo desse aspecto contraditório pode ser visto no “17º mandamento”: *“E, inexplicavelmente, gostarás de tudo isso....”*. Contudo, ao mesmo tempo, denota uma certa resignação com as situações vividas, visto que, mesmo enganados sobre as características deste trabalho, *“[...] não ensinam na escola aos profissionais da hotelaria”*, fazendo-se necessário adaptar-se a esta realidade por ações do corpo e da mente, uma vez que *“o cérebro mandará komandos pro korpo qe não é real...”*, objetivando adequar-se a esta realidade de trabalho.

Uma forma utilizada para equilibrar a relação prazer e sofrimento baseia-se na ironia como manifestação discursiva, evidenciada pelo caráter anedótico não só da proposta da comunidade de fala estudada, como também pelas enunciações e interações nela apresentadas, constituindo-se como a principal estratégia defensiva utilizada por esses trabalhadores.

Moraes (2013) lembra que conceitualmente as estratégias defensivas ligam-se à proposta da Psicodinâmica do Trabalho. Elas se constituem como recursos construídos pelos trabalhadores para lidarem e conviverem com o sofrimento sem seu adoecimento, e também como forma de se manterem aptos à execução das atividades em seu posto de trabalho, no caso em estudo, este recurso se apresenta por meio do tom irônico e anedótico que permeia as interações destes sujeitos.

A figura 6 reforça a relação dialética de prazer-sofrimento e ironia como mecanismo de resistência às situações do cotidiano de trabalho. O *post* foi publicado em 27/06/16. Ele recebeu 1 mil curtidas, foi compartilhado 188 vezes e instigou os

comentários de 228 membros. Por meio deste *post*, busca-se complementar as análises acerca dos sentidos construídos sobre o tempo de trabalho.

Ao questionar os membros sobre o que mais gostam no trabalho na hotelaria e colocar como opções elementos que na verdade geram sentimentos contrários ao que se deveria gostar, os moderadores revelam aspectos de ambiguidade que eles vivenciam no cotidiano de trabalho.



**Escravos da Hotelaria**  
27 de junho ·

A coisa que mais gosto na Hotelaria é:

- Trabalhar aos finais de semana e feriados;
- Não participar dos eventos familiares;
- Gastrite, úlcera, varizes ou hipertensão adquirida ao longo dos anos (ou tudo junto);
- Brigar com colegas por furo de caixa;
- Brigar com colegas por causa da escala;
- Criar amores platônicos por hóspedes;
- Ser mais inteligente que meu chefe;
- Insônia;
- Brigar com colega fura-olho;
- Trabalhar em pé o dia inteiro;
- Lidar com gente barraqueira, chata ou mal educada;
- Lidar com bêbados(as);
- Lidar com tarados(as);
- Cuidar do dinheiro alheio;
- Me irritar porque sou mais inteligente que meu chefe e não poder fazer nada.

Figura 6 – Características do Trabalho – O que mais gosto na hotelaria  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2016.

TL35: *É o pacote todo ou seja mil e uma utilidades . É ter a certeza q depois da hotelaria eu consigo trabalhar até na nasa. Mas apesar dos pesares sou feliz e grata pq só na hotelaria eu tive a plena certeza q eu sou um et diante das mas inusitadas personalidades q ela me proporciona conhecer*

TL36: *Kkkk normal,sao as glórias de se trabalhar assim ! Acontece sempre comigo ,cobre se férias ,atestado e cadê a folga ,a viagem haha ! Tá me esperando qq hora quem sabe? Sqn*

TL37: *criar amor platonico por hospedes eh a tua cara! Eu me identifico com praticamente todas as opcoes...mas a hipertensao ganhou desta fez...pra quem tinha a pressao perfeita, meu medico esta apavorado! E a parte da insonia tb nao rola...sono (e fome) eh o que eu mais tenho....hahahaha neh turminha?*

TL38: *Todas as alternativas estão corretas ! Hahaha*

TL395: *adorooooo não ter vida social....viajar só qdo todo munda ta indo embora...e o hotel fica vazio....amo muito tudo isso..kkkkkkkkkkkkkk*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2016

Percebe-se, assim, uma relação dialética no contato trabalhador-hóspede que produz prazer, a ponto de gerar amor pelo outro, mas produz sofrimento, por ter que conviver diariamente com pessoas com comportamentos negativos que, por conseguinte, criam uma imagem negativa deste outro, o hóspede, com quem os trabalhadores precisam lidar.

Dessa forma, fica evidente a relação de prazer e sofrimento gerada pelo trabalho conforme trata Dejours (1992; 1994; 2007; 2007a) e corroborada no Brasil pelos estudos de Mendes (2007). Acrescentam-se as constatações sobre esta relação feitas por Sennett (2006), Antunes (2003b), Alves (2011) e Lourenço e Navarro (2013).

Também fica evidente as estratégias de defesa baseadas principalmente no caráter irônico, anedótico, do uso do chiste e das brincadeiras coletivas como mecanismos para amenizar as situações vivenciadas no cotidiano de trabalho pelos trabalhadores e que constroem sentidos sobre esta experiência de trabalho.

No sentido de identificar os sentidos construídos sobre o tempo de trabalho, percebe-se que este tempo suga a vitalidade dos trabalhadores, uma vez que ele promove adoecimento físico e psíquico. Fisicamente, o tempo no trabalho pode gerar “*Gastrite, úlcera, varizes ou hipertensão adquirida ao longo dos anos (ou tudo junto)*”, também “*Insônia*”, sentir dores no corpo por “*Trabalhar em pé o dia inteiro*” e a angústia e tensão por “*Cuidar do dinheiro alheio*”.

Psiquicamente, tanto o ambiente de trabalho como as relações nele estabelecidas também promovem adoecimento. As exigências do trabalho aparentemente são geradoras de conflitos entre os pares, pois as brigas por motivos de trabalho parecem permear o cotidiano de trabalho, como exposto em “*Brigar com colegas por furo de caixa*”, “*Brigar com colega fura-olho*”.

Os aspectos supracitados dão indícios sobre a construção de sentidos sobre o tempo de trabalho para esses trabalhadores, focada notadamente na crescente intensificação dos ritmos e tempos de trabalho, o que leva a uma identificação com uma vida subjugada ao mercado e ao local de trabalho e conseqüente adoecimento físico e psíquico. Embora, contraditoriamente, percebam o sofrimento e adoecimento, também sentem prazer em trabalhar no setor, gerando sentidos dialéticos de prazer e sofrimento em atuar profissionalmente nos serviços de hospedagem.

Nesta construção, além das características do trabalho no capitalismo contemporâneo, baseado numa racionalidade em que este tempo será basal na manutenção do capital para uns, por meio da exploração da força de trabalho de outros, adiciona-se que esta racionalidade também trará implicações nas condições de trabalho para que esta lógica se consolide e também influencie na construção de sentidos sobre o tempo dedicado ao trabalho, conforme segue:

#### 4.2.2 Condições de trabalho

As condições de trabalho estão ligadas aos fatores físicos, sociais e administrativos relacionados ao trabalho. Para Dejours (1992), as condições de trabalho estão relacionadas ao ambiente de trabalho e são evidenciadas pelo

ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude, etc.); o ambiente químico (produtos manipulados, vapores, gases tóxicos, poeira, fumaças etc.); o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos); as condições de higiene, as condições de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho às quais o trabalhador se encontra submetido (DEJOURS, 1992, p. 25).

Do ponto de vista legal, tais condições podem estar ligadas ao cumprimento de legislação que garante a alimentação e o descanso no trabalho e cabe à organização a garantia de espaços e condições para a vivência destes aspectos ligados à jornada de

trabalho, aspectos estes envolvidos no tempo de trabalho. Segundo a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, em seu Art. 71 (BRASIL, 2004, p. 418):

Em qualquer trabalho contínuo, cuja duração exceda de 6 (seis) horas, é obrigatória a concessão de um intervalo para repouso ou alimentação, o qual será, no mínimo, de 1 (uma) hora e, salvo acordo escrito ou contrato coletivo em contrário, não poderá exceder de 2 (duas) horas.

§ 1º – Não excedendo de 6 (seis) horas o trabalho, será, entretanto, obrigatório um intervalo de 15 (quinze) minutos quando a duração ultrapassar 4 (quatro) horas.

§ 2º – Os intervalos de descanso não serão computados na duração do trabalho.

§ 3º O limite mínimo de uma hora para repouso ou refeição poderá ser reduzido por ato do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, quando ouvido o Serviço de Alimentação de Previdência Social, se verificar que o estabelecimento atende integralmente às exigências concernentes à organização dos refeitórios, e quando os respectivos empregados não estiverem sob regime de trabalho prorrogado a horas suplementares.

§ 4º – Quando o intervalo para repouso e alimentação, previsto neste artigo, não for concedido pelo empregador, este ficará obrigado a remunerar o período correspondente com um acréscimo de no mínimo 50% (cinquenta por cento) sobre o valor da remuneração da hora normal de trabalho (BRASIL, 2004, pp. 418-419).

Ademais, respeitada a legislação vigente sobre trabalho, as convenções coletivas de diversos setores também contemplam este aspecto. Considerando a convenção coletiva estabelecida entre o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e similares do Estado de Pernambuco (SINTRAH-PE) e o Sindicato Intermunicipal dos Trabalhadores em hotéis, *flats*, pensões, pousadas, motéis, apart-hotéis e similares, boates, restaurantes e lanchonetes de Pernambuco, referente ao período de 30/09/2015 a 29/09/2016, que estipula as condições de trabalho do setor de hospitalidade no estado, em seu capítulo sobre Jornada, definem-se em seus incisos a forma de intervalos nestes empreendimentos (PERNAMBUCO, 2015, p.15):

4. A duração do intervalo entre dois turnos, para refeição e repouso, será de, no mínimo, de uma hora e no máximo de quatro horas, não podendo a duração do intervalo entre - jornadas diárias ser inferior a 11 (onze) horas, na forma do disposto nos artigos n.º 74 e n.º 66, da CLT. Desde que observadas às exigências do § 3º, do Art. 71 da CLT, ou seja, com previa anuência do SRTE/PE.

4.1 O intervalo para repouso e alimentação acima clausulado será de livre utilização do empregado podendo afastar-se do local de trabalho, se e somente se, for obrigado a permanecer na empresa, esse tempo será considerado como a disposição do empregador.

5. Na jornada de trabalho com (2) dois turnos haverá sempre um intervalo intraturnos para alimentação e/ou repouso, sendo facultado ao empregado, no intervalo intraturnos, a permanência no local destinado para repouso e/ou alimentação. O uso desta faculdade, no entanto, não será computado como tempo de serviço à disposição da empresa, na conformidade do art. 71, § 2º, CLT e desta Convenção Coletiva de Trabalho, em qualquer jornada de trabalho, quer seja diurna ou noturna, em sistema de revezamento ou fixo.

Na perspectiva de analisar as condições de trabalho, foram considerados os aspectos físicos ligados ao local de descanso, por ser o local em que, no tempo de trabalho, a legislação prevê um tempo de descanso e reposição de energia para o retorno às atividades. Além da alimentação por ser um aspecto de garantia da saúde do trabalhador. Outros itens complementam a análise das condições de trabalho, tais como vestiário, uniforme de trabalho, benefícios e plano de carreira.

Foram selecionados 4 (quatro) *posts* que indicassem aspectos relacionados a fatores físicos expostos na *fanpage* (Figura 8; Figura9) e que pudessem dar pistas sobre as condições de trabalho vivenciadas e/ou desejadas pelos trabalhadores desta *fanpage*. Um dos temas fixos na comunidade de fala tratava especificamente sobre alimentação oferecida nos hotéis em que os membros trabalhavam.

No sentido de expor as condições de alimentação dos meios de hospedagem em que os membros trabalhavam na época, foi lançada, em 31/10/13, pelos moderadores da comunidade, a série “*Gororobas da Senzala*”, em que foi solicitado o envio de fotos e vídeos expondo as opções de alimento disponibilizado pelos empregadores nestas organizações. O último *post* sobre esse tema disponível na página está datado de 24/11/14, o que aponta o final da série. O tema da série já dá indícios da forma como esses trabalhadores percebem a alimentação oferecida pelo empregador.

A palavra *gororoba* é uma gíria brasileira que indica uma “comida mal feita ou de má qualidade” (FERREIRA, 2010, p. 1043). Ela está associada a uma comida ruim, que visualmente não é atraente e por vezes pode fazer mal a saúde dos sujeitos. Esses aspectos dão indícios dos sentidos construídos pela alimentação no trabalho desses indivíduos.

A alimentação no local de trabalho é indicada por 1126 trabalhadores dos 1272 profissionais pesquisados pela *fanpage* na pesquisa *Mapeamento Hoteleiro Brasil*, no segundo semestre de 2013, publicada em fevereiro de 2014, representando um benefício importante direcionado pela empresa aos seus trabalhadores, seguido por vale-transporte (1042), assistência médica (827), uniforme lavado e passado (616) e vale-alimentação

ou cesta básica, indicada por 539 trabalhadores como benefício (Figura 7) (ESCRAVOS, 2014).



Figura 7 – Benefícios – Mapeamento Hoteleiro Brasil  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2014.

Ressalta-se que, na citada convenção coletiva, a alimentação é definida como opcional pelo empregador. A cláusula nona indica que seu fornecimento é opcional, conforme os seguintes incisos:

- 1 O fornecimento de alimentação nos intervalos intrajornada será opcional e não se constituirá em salário “In natura”, não fazendo parte da remuneração do empregado e se sujeitando referida prática à incidência de contribuição previdenciária e fundiária do correspondente valor financeiro (decreto 341/91; art. 28 da lei 8.212/91; decreto 2.101/96, de 23/12/96, c/c portaria 87 de 28/01/97).
- 2 Às Empresas, nos intervalos intrajornada de trabalho, será facultado o fornecimento de refeições ao custo de 20% sobre o valor total da alimentação, de acordo com o teor nutritivo estipulado pelo PAT (Programa de Alimentação ao Trabalhador), não se constituindo tal prática em salário “In natura”.
- 3 Fica facultado o fornecimento de alimentação aos empregados de forma terceirizada utilizando-se a “quentinha” adquirida de empresas especializadas.
- 4 Fica facultado aos empregadores o fornecimento de cupons para aquisição de gêneros alimentícios, com custo para o funcionário e para ser utilizada nos estabelecimentos credenciados, sendo vedada sua utilização para outra finalidade, não sendo permitido o deságio e,

ainda, defesa a sua integração ao salário (Decreto nº 349/91) (PERNAMBUCO, 2015, pp.8-9)

A literatura sobre gestão de pessoas apresenta a alimentação como um benefício intrínseco relacionado às condições internas e aos aspectos sociais da organização, direcionado para suprir as necessidades dos trabalhadores. Segundo Araújo e Garcia (2009), benefícios sociais são um tipo de remuneração indireta, caracterizados por incentivos internos oferecidos com o objetivo de satisfazer as necessidades pessoais, proporcionando um ambiente mais harmonioso possível e produtivo para toda a organização.

Segundo Araújo e Garcia (2009), os benefícios sociais podem ser classificados como assistenciais, recreativos e de serviços. No caso da alimentação, ela é considerada um benefício não monetário que é oferecido por meio da existência de cantina ou refeitório no ambiente de trabalho ou por meio do vale-refeição e para fins de remuneração e não integra o salário, mas é considerada uma estratégia de manutenção do trabalhador na organização (ARAÚJO; GARCIA, 2009).

Há que se considerar aqui que, estando o trabalhador muitas vezes longe de casa, em hotéis situados em lugares turísticos ou parecidos, a oferta da alimentação é uma maneira de viabilizar a continuidade do expediente sem deslocamentos, uma vez que, tomando por base a convenção coletiva considerada neste estudo, o auxílio transporte é obrigatório apenas no que prevê a Lei nº 7.418/85, isso significa que qualquer outro deslocamento não terá subsídio da organização. Além do auxílio transporte obrigatório, a convenção acrescenta que

será facultado às Empresas o fornecimento de Transporte adequado nas localidades ou nos horários em que não circule Transporte Coletivo de Passageiros, mediante expresso acordo entre empregados e empregadores, com renúncia à concessão do Vale-Transporte, não se constituindo essa faculdade em salário “In natura”, bem como, o percurso de ida e vinda em jornada “In tinere” (PERNAMBUCO, 2015, p.9).

Mais uma vez este tipo de auxílio não prevê a ajuda de custo de deslocamento para alimentação, fazendo com que o fornecimento de alimentação no local de trabalho seja fundamental não só para a saúde do trabalhador, mas como fator de respeito à dignidade do trabalhador, assim como o espaço para descanso.

O espaço de descanso também é um aspecto considerado tanto quando visto como fator físico das condições de trabalho, ao se julgar o respeito à legislação, como quando percebido como fator de motivação na manutenção do trabalhador pela organização. Entre os dias 31/01/14 e 06/02/16, o *post* “SOFÁ DO MEDO” foi curtido por 194 membros, compartilhado 3 (três) vezes e comentado por 54 trabalhadores. Nele, os trabalhadores expuseram as condições do espaço de descanso oferecido pelos hotéis em que trabalhavam na época (Figura 8):



Figura 8 – Condições de Trabalho – Alimentação e descanso  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2014.

CD1: *Esse é o tratamento aos funcionários que por vezes se desdobram para atender os clientes da melhor maneira e com o melhor sorriso. Sem falar na exigência de se falar fluente vários idiomas, cursos, experiência na função, competitivo, alto desempenho e no final ganhar 800 reais.*

CD2: *ELES TEM UM SOFA QUE INVEJA!*

CD3: *No meu hotel nem tem sala de descanso, temos que todos os dias achar um canto pra descansar.....um absurdo!!!!!!!!!!!!*

CD4: *acho q conheço esse local... rsrs... espaço pequeno, mal cuidado.... total falta de respeito com os funcionários... e ainda colocam maquinário que fazem muito barulho proximo desse local de descanso.... insuportavel...*

CD5: *Perto do que eu como, isso é de primeiro mundo ... Acredite, isso não é uma gororoba..*

CD6: *meu deus do céu... até o cachorro tá comendo melhor. que vergonha desses empregadores.*

Em outros *posts*, os trabalhadores membros da comunidade de fala enumeram outros aspectos e descrevem um pouco mais sobre as condições de trabalho por eles vivenciadas e expressas em forma de reivindicações (Figura 9):

 <p><b><u>Escravos da Hotelaria</u></b> 19 de março de 2015 ·</p> <p>No trabalho, eu só queria:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Um vestiário decente, arejado e limpo; com armários adequados para guardar o uniforme e os sapatos.</li> <li>- Um bom refeitório, com espaço para os funcionários; Uma comida simples, mas bem preparada, com cardápio variado e não sobras do Buffet;</li> <li>- Uma sala confortável para descanso, com sofás ou camas para um cochilo no intervalo;</li> <li>- Um plano de saúde decente, que oferecesse bons médicos, bons laboratórios e um bom hospital para pronto atendimento; E que isso fosse realmente um benefício, descontar do salário não vale.</li> <li>- Real possibilidade de crescimento, não falsas promessas de aumento ou transferências que nunca acontecem;</li> <li>- Respeito ao meio ambiente, evitando desperdício de recursos naturais;</li> </ul> <p>É pedir demais?</p>	 <p><b><u>Escravos da Hotelaria</u></b> 1 de fevereiro de 2014 ·</p> <p>Algumas coisas que serão definidas por quem nunca vai usá-las/consumi-las:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O uniforme horroroso, digo, lindo e com ótimo caimento;</li> <li>- A lavagem, ops, comida maravilhosa do refeitório;</li> <li>- O muquifo, quer dizer, a sala super ventilada, fresca e espaçosa dedescanso;</li> <li>- A caixinha de fósforos, não, o super-ultra-mega gigantesco armário do vestiário;</li> </ul>
--	--

Figura 9 – Condições de Trabalho – Reivindicações  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2014-2015.

Assim, percebe-se que, além dos aspectos de alimentação e descanso, o quadro demonstra que há a oferta de alguns outros benefícios. Entretanto, mesmo havendo, estes parecem não atender às necessidades dos trabalhadores, como mostram as falas que seguem: vestiário confortável, plano de saúde, uniforme fornecido pela chefia. Acrescenta-se ainda a falta de uma política de carreira e preocupações mais amplas com o meio ambiente e principalmente com o ambiente de descanso voltado para esses trabalhadores.

Tais aspectos revelam sentidos construídos sobre o tempo de trabalho ligado ao desrespeito enquanto trabalhadores e seres humanos e às condições precárias no ambiente de ofício, uma vez que, em seu tempo de trabalho, eles convivem com um “*uniforme horroroso*” para vestir, um “*muquifo*” para descansar, uma “*lavagem*” ou “*gororoba*” para se alimentar, fazendo-os se identificarem como animais, pois “*até o cachorro tá comendo melhor*” e no intervalo para repouso “*temos que todos os dias achar um canto pra descansar.....*”, gerando nesses trabalhadores uma sensação de “*total falta de respeito com os funcionários...*”.

Essa sensação de desrespeito poderia ser minimizada ou extinta caso esses trabalhadores recebessem da organização “*um vestiário decente*”, “*um bom refeitório*”,

“*uma sala confortável para descanso*”, “*um plano de saúde decente*” e se existisse uma “*real possibilidade de crescimento*” no meio de hospedagem. Um questionamento surge para esses trabalhadores, como crítica e reivindicação: “*é pedir demais?*” Este caráter reivindicatório expresso no *post* e nas interações indica a insatisfação desses trabalhadores com as condições de trabalho vivenciadas. Ao questionar se “*é pedir demais?*”, nota-se a lacuna que esses trabalhadores percebem entre o que eles esperam da organização e o que é efetivamente direcionado para eles na política de gestão de pessoas destes meios de hospedagem.

Os aspectos supracitados podem ser reivindicados, negociados, estabelecidos e influenciados pelos sujeitos por meio das relações sociais vivenciadas no ambiente de trabalho, conforme discutirei a seguir.

#### 4.2.3 Relações Sociais no Trabalho: a gerência, os pares, os hóspedes, o sindicato.

Chamamos de *relações sociais no trabalho* a convivência e as relações sociais estabelecidas entre os atores sociais envolvidos no cotidiano de trabalho numa organização, de acordo com Helonai (2010). Neste estudo, enfoco as relações entre trabalhador e gerência, trabalhador e seus pares, trabalhador e hóspede e trabalhador e seu sindicato, buscando compreender como nesta convivência aparece a relação tempo de trabalho e tempo livre, considerando a visão de Karl Marx que diz que as relações sociais perpassam pelas forças produtivas e pelas relações de produção (MARX, 2002, 2003, 2005).

Segundo Marx (2005), as relações sociais são estabelecidas por meio das relações de trabalho, uma vez que “as relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção e, modificando o modo de produção, o seu modo de ganhar a vida, modificam também todas as relações sociais” (BIROU, 1966, p. 355).

Dessa forma, tanto no âmbito macro como micro, as relações sociais se estabelecerão em função do processo produtivo e de acumulação que a sociedade vivencia. Concentro nos aspectos ligados às relações microcentradas no cotidiano de trabalho e expostas nos *posts* da comunidade estudada.

#### 4.2.3.1 Relação com a gerência – o controle do tempo de trabalho

Nos *posts* publicados na *fanpage*, percebe-se que, na relação com a gerência e com as ações gerenciais no tempo de trabalho, aparece como aspectos recorrentes nas interações a preocupação com a vigilância do trabalho, a falta de preparação para a função gerencial e o tratamento diferenciado de trabalhadores no cotidiano destes meios de hospedagem.

Sabe-se que a ação gerencial tem influência nas decisões que envolvem o dia a dia de trabalho. A condução das atividades do *front office*, as decisões sobre escala, férias, capacitação, o cumprimento das regras da organização e demais ações do trabalho no setor de recepção são de responsabilidade da gerência, representada pela chefia imediata desses trabalhadores.

Segundo Ismail (2004), o gerente de *front office* é responsável pela maioria das operações diárias da recepção e da portaria social, ambas com contato significativo com os hóspedes. Esse profissional ainda atua colaborando com setores como governança, reserva e telefonia. Isso indica que este profissional necessita no trato com os indivíduos considerar os aspectos subjetivos que envolvem o cotidiano de trabalho, no sentido de oportunizar uma gestão com pessoas, conforme discute Davel e Vergara (2009), e o entendimento das dimensões esquecidas na relação indivíduo e organização, a condição humana, alteridade, sofrimento, tempo de trabalho, linguagem e comunicação, identidade, pulsões e conflitos, como reflete Chanlat (1993, 1996, 2007).

Ressalta-se a importância da relação gerência-trabalhador, representada pelas diversas gerências, mas principalmente pelo gerente de *front office*/reserva no cotidiano de trabalho do recepcionista, uma vez que o trabalho desta gerência influencia na qualidade da prestação dos serviços deste profissional. Para tanto, é preciso considerar as relações de cooperação e conflito que se estabelecem no encontro gerência e trabalhador (LIEDKE, 2002).

A Figura 10 expõe os enunciados dos *posts* e as interações ligadas à relação gerência-trabalhador, neles, percebe-se que a ação gerencial está aparentemente permeada por relações interpessoais diferenciadas que influenciam nas decisões sobre o tempo de trabalho, uma vez que “os preferidos, esses sim, folgam todos os feriados, não batem cartão e ainda tiram onda dizendo que não estão afim de trabalhar tal dia”, por

serem “*SUPER íntimos de alguém da diretoria ou de outro gerente*”, mas “*enche[m] o hotel de câmeras pra vigiar!*” o tempo de trabalho.

 <p><b><u>Escravos da Hotelaria</u></b> 30 de julho ·</p> <p>Cada vez mais, eu tenho certeza que hotel só muda de endereço MESMO! Enviado por uma escravonando anônimo, mas que muitos vão se identificar:</p> <p>"Aqui a gente tem 2 grupos de Funcionários. A gerente e seus dois "preferidos", e o resto. Nós somos o resto, os que trabalham todos os feriados, os que não podem chegar atrasados nem sair mais cedo, os que tem sempre alguém vigiando pra ver se o refrigerante foi marcado na conta, se o celular saiu do bolso por 1 minuto sequer. Os preferidos, esses sim, folgam todos os feriados, não batem cartão e ainda tiram onda dizendo que não estão afim de trabalhar tal dia, tomam cerveja dentro do hotel e até dormem, isso mesmo, dormem no hotel em horário de serviço. E quem disse que o dono do Hotel enxerga essas coisas? Fica difícil quando seu superior faz parte da baderna... #VidadeHoteleiro"</p>	 <p><b><u>Escravos da Hotelaria</u></b> 7 de junho ·</p> <p>Coisas que nunca entenderei:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Governanta que não sabe arrumar cama;</li> <li>- Chefe de Recepção que não sabe fazer estorno e/ou ler auditoria;</li> <li>- Chefe de Manutenção que não sabe nada de hidráulica;</li> <li>- Maître Executivo que não sabe o mapa de mesas;</li> <li>- Chefe de Cozinha que não sabe confeccionar prato do cardápio,</li> <li>- Chefe de Eventos que não sabe montar a disposição da sala;</li> <li>- Chefe de Segurança que não sabe ser discreto;</li> <li>- Gerente de Vendas que não sabe negociar tarifas;</li> <li>- Gerente de RH que não sabe como funciona uma escala;</li> <li>- Controller que não sabe fazer e nem ler balanços e balancetes;</li> <li>- Gerente Geral que não sabe como um hotel funciona e nem contratar outras gerências.</li> </ul> <p>Curioso que todos esses normalmente são SUPER</p>
 <p><b><u>Escravos da Hotelaria</u></b> 5 de outubro de 2014 ·</p> <p>Sugestão de um escravoulo anônimo:</p> <p>"Deus está vendo gerência que nunca tem dinheiro para benefícios, palestras e estímulos para os funcionários, mas enche o hotel de câmeras pra vigiar!"</p> <p>Vigiar os funcionários só... ☹☹</p>	

Figura 10 – Relação com a gerência - Hotelaria  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2014.

Ressalta-se que, quando se considera o papel de um gerente na área de hospedagem, o discurso gerencialista informa que se espera que ele crie um ambiente de trabalho agradável para todos os trabalhadores e que seja capaz de desenvolver ao máximo seu potencial, liderando-os e motivando-os para maximizar a produtividade individual e coletiva (DAVIES, 2001). Mas é preciso que se considere os aspectos de controle, poder, valores, as relações nos grupos informais, além dos aspectos da

linguagem e comunicação na prática gerencial e sua influência na subjetividade dos trabalhadores (CHANLAT, 1996, 2007).

RT1: *As famosas “vacas sagradas” das empresas, podem fazer o que bem entenderem que nada acontece....hehehehehe*

RT2: *Não precisa ter uma logica, nesse mundo Hoteleiro, a base é a intimidade, pois sempre tem alguém fazendo o trabalho pesado enquanto outro sem nenhuma qualificação e experiência leva todo o credito. O bonito é quando essa pessoa decide sair dos bastidores e resolve ter o papel de destaque... guerra declarada. CL e AM. Rrsrsr Tudo ao nosso tempo.*

RT3: *Gente é o Dom do QI = Quem indica*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria).

Dessa forma, faz-se necessário compreender os mecanismos de constituição da organização informal, pois, por se caracterizar por relações afetivas, de poder e de envolvimento com o grupo, acaba reverberando sobre a produtividade, a motivação e o funcionamento da estrutura formal da organização (MOTTA; VASCONCELOS, 2006).

Sabe-se que é natural a formação de grupos que espontaneamente surgem no interior de qualquer estrutura oficial, pois o sentimento de pertença a um grupo gera comportamento de solidariedade, colaboração, predisposição ao auxílio mútuo, reciprocidade e fidelidade à palavra (CHANLAT; BÉDARD, 2007).

Mas é preciso ficar atento ao comportamento negativo que pode surgir no interior do grupo, principalmente se há uma relação hierárquica envolvida. É preciso atentar no trabalho para a constituição de relações baseadas por meio de exigências, deslealdade, ciúmes e protecionismo que podem configurar-se em aspectos potencialmente ruins e negativos para o desenvolvimento de relações saudáveis entre os pares e entre a chefia e os demais trabalhadores.

Nesse sentido, cabe considerar as emoções geradas nos indivíduos pela aparente substituição de relações profissionais por práticas protecionistas no cotidiano de trabalho (FINEMAN, 2009), uma vez que “a base [da relação gerente –trabalhador] é a intimidade” e essa característica pode influenciar também a relação com os pares.

#### 4.2.3.2 *Relação com os pares – o outro com quem trabalho*

O ambiente de trabalho é o *locus* para o desenvolvimento de afetos, mas também de conflitos. O trabalhador da hotelaria passa pelo menos 8 (oito) horas no trabalho, conforme indica a convenção coletiva do setor (PERNAMBUCO, 2015). Nesse tempo de trabalho, ele está em contato direto com o hóspede, com a chefia imediata, mas principalmente com o colega de trabalho. Essa relação pode promover tanto laços de afeto e amizade como pode ser fonte de conflitos.

Segundo Rondeau (1996, p. 206), existe um conflito na organização “quando uma parte (um indivíduo ou um grupo) perceber um outro como obstáculo à satisfação de suas preocupações, o que provocará nele um sentimento de frustração, que poderá levá-lo, posteriormente, a reagir em face a outra parte”. O tempo de trabalho e sua alteração parece ser um dos aspectos que geram conflitos nas organizações em que atuam os membros da comunidade estudada. Acrescenta-se que o tratamento diferenciado dos trabalhadores por parte da chefia maximiza tais conflitos.

Sabe-se que as relações sociais estabelecidas na esfera do trabalho são produtoras de vivências e estas são expressas pela linguagem. Quando pensamos no “Oscar”, por exemplo, que é a maior premiação do cinema mundial, receber esse prêmio significa que, individual ou coletivamente, houve um destaque na categoria em que foi indicada e que ao final foi premiado. Os “*prêmios da senzala*” indicam as categorias que têm destaque profissional nos meios de hospedagem. Os mediadores, ao definir esses prêmios, os associam à premiação da academia, *The Academy Awards*, que anualmente premia com o “Oscar” os melhores em diversas categorias do cinema. Da mesma forma, algumas categorias foram definidas para premiar os trabalhadores<sup>17</sup>, como os hóspedes que melhor representam as categorias enumeradas.

---

<sup>17</sup> Não será considerada neste item a premiação indicada no *post* para os hóspedes, tratarei especificamente da relação com os pares ao considerar essa premiação.

 <p><b>Escravos da Hotelaria</b> 8 de março de 2014 ·</p> <p>Sugestão do escraVonildo Marcelo Ferreira:</p> <p>Colega de trabalho que pede pra mudar a folga com você, mas você recusa porque tem um compromisso. Aí o coleguinha fala com o chefe pra mudar a escala, e você perde o compromisso por causa do colega.</p>	 <p><b>Escravos da Hotelaria</b> .21 de fevereiro de 2015 ·</p> <p>Amanhã tem a entrega do Oscar 2015... vou fazer o mesmo lá no hotel e entregar os seguintes prêmios:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Hóspede que deu o maior calote de todos os tempos</li> <li>- Hóspede que conseguiu cortesia, só na conversa</li> <li>- Melhor hóspede na categoria "dramalhão"</li> <li>- Melhor cliente na categoria "barraco, tiroteio e confusão"</li> <li>- Melhor trilha sonora de crianças chorando na recepção</li> <li>- Melhor habitué vilão</li> </ul> <p>E os prêmios da senzala também:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Colaborador que mais trouxe atestados falsos</li> <li>- Melhor funcionário do ano</li> <li>- Coleguinha que mais fez intriga</li> <li>- Trilha sonora da rádio peão</li> <li>- Melhor gerente na categoria "fantasma"</li> </ul> <p>And the Oscar goes to...</p>
 <p><b>Escravos da Hotelaria</b> 25 de junho às 00:03 ·</p> <p>Quando o colega avisa que trocou de folga com você sem te consultar.</p>	

Figura 11 – Relação com os pares – Hotelaria  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2014-2015.

Os enunciados “*colaborador que mais trouxe atestados falsos*” e “*coleguinha que mais fez intriga*” apontam aspectos ligados aos mecanismos que os trabalhadores se utilizam e que influenciam na relação com os pares, conforme indica as seguintes interações:

RT4: *hahaaaa se é comigo tava declara a 3 guerra mundial !! a folga iria ser duplaa !!!*

RT5: *Isso não é nd, pior é o colega pedir p trocar o horario, ai vc trabalha no horario dele e ele não vai no seu. Ai vc tem que dobrar. Aff*

RT6: *Categoria "eu faltei e daí? Vou ganhar compensa mesmo... Já vc pobre colaborador mortal se faltar leva advertência”.*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2015.

Esses aspectos indicam que a definição ou alteração da jornada de trabalho, apoiado nas características da relação com a gerência apresentadas anteriormente, que parece permeada por relações interpessoais diferenciadas que influenciam nas decisões sobre o tempo de trabalho, influenciam na relação com os pares, quando relações afetivas, de poder e de envolvimento com o grupo acabam por gerar ‘benefícios’, pois aparentemente existe um tratamento para os “*preferidos*”, e o “*pobre colaborador mortal*” representa a maioria dos trabalhadores do setor.

Embora se considere que o ambiente de trabalho seja um espaço para a construção de afeto, os *posts* publicados declaram mais os conflitos ligados à jornada, principalmente quando há alguma alteração na escala de trabalho, indicando que este é um tema melindroso na relação com os pares. Infere-se então que os sentidos construídos nesta relação estão ligados a uma relação assimétrica entre “*preferidos*” e “*mortais*”, além de ser conflituosa quando este tema se apresenta.

Outro sujeito importante nas relações estabelecidas pelos trabalhadores da recepção são os hóspedes, com quem há o maior contato, e devem prestar serviço com qualidade, atenção e presteza.

#### 4.2.3.3 *Relação com os hóspedes – o trabalho para o lazer do outro*

Parto de duas premissas principais que conduzem este estudo, as características do trabalho para o lazer de outros constroem sentidos interligados a esta atividade, impactando na relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem e que os trabalhadores do lazer evidenciam os sentidos sobre a relação entre o tempo no trabalho e tempo livre dialogicamente nas relações sociais do trabalho.

Nesse sentido, a compreensão dos sentidos do trabalho para o lazer do outro, representado pelos hóspedes que interagem cotidianamente com estes trabalhadores, perpassa pela linguagem que expressa as vivências entre os trabalhadores e os hóspedes atendidos pelos profissionais.

Segundo Vieira e Cândido (2002, p. 53), “a recepção é o local onde o hóspede é primeiramente recebido em sua chegada, é a ‘sala de visita do hotel’”. Nessa perspectiva, o trabalho do recepcionista, sua postura profissional e a busca pela prestação de serviços de qualidade, por meio de trabalho em equipe de forma cortês e

eficaz, são requisitos esperados pelos empreendimentos prestadores de serviços de hospedagem (DAVIES, 2001).

Estes aspectos expressos nos manuais de formação deste profissional reforçam a ligação deste trabalhador com a imagem de qualidade na prestação de serviços da organização e na sua responsabilidade pela atração, manutenção e retornos dos hóspedes, conforme reflexão anteriormente mencionada. Ademais, os setores com características trabalho-intensivo, como os ligados à prestação de serviços, direcionam para os trabalhadores a obrigação de responder pelos elementos da qualidade dos serviços.

O que se busca é compreender como os trabalhadores do setor de hospedagem, por meio dos diálogos estabelecidos na comunidade de fala estudada, constroem sentidos sobre o outro que em sua prática profissional ele busca servir. Nesse intuito, parte-se da visão bakhtiniana de que os sentidos são formados com base na situação histórica em que o enunciado é declarado (BAKHTIN, 2006).

Foram levantados *posts* que indicassem elementos ligados à relação com os hóspedes no cotidiano de trabalho. Entre 2012 e 2016, muitos *posts* expressam essas relações, mas definiu-se para a análise a *Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes* e um pedido feito por meio de uma *Carta a Papai Noel*, além da *Musa dos Escravos da Hotelaria*. Considerou-se que elas sintetizam aspectos recorrentes nos demais *posts* e dão subsídios para a compreensão do outro, com quem o trabalhador tem contato no seu tempo de trabalho, enquanto esse está em seu tempo de lazer.

Bakhtin considera que, no processo de comunicação, todos os enunciados proferidos num diálogo são dialógicos, uma vez que produzem sentidos baseados nas relações sociais e nas múltiplas inter-relações dialógicas (BAKHTIN, 2006). Ressalta-se que, segundo Vargas (2013, p.287), “no pensamento bakhtiniano, o sujeito se constitui no interior da heteroglossia e de sua dialogização. O sujeito se constitui através de uma realidade em que se perpassam vozes sociais constantemente”, isso indica que é nas relações com o outro que o sujeito produz sentidos sobre o mundo e suas ações.

Nesse sentido, iniciou-se a análise com a seleção de *posts* que tratam da *Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes* (APÊNDICE A). Trata-se de um manual de etiqueta em que os trabalhadores buscam orientar os hóspedes sobre os procedimentos, mas principalmente sobre o comportamento deles nos meios de hospedagem, similar a um manual de etiqueta social. Segundo Salgado (2010, p. 136), a etiqueta faz parte das relações sociais e pode ser entendida “como um conjunto de princípios, hábitos, usos e

costumes que uma pessoa deve observar em público, quando de cerimônias, solenidades, eventos e nas manifestações externas da vida social de qualquer natureza”, nesta pesquisa, na experiência de hospedagem e no contato com os trabalhadores do setor.

A *Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes* traz 17 (dezessete) itens ligados ao tratamento que deve ser evitado pelo hóspede quando toma contato com este trabalhador, principalmente ligados à busca de um tratamento mais humanizado com este profissional, tais como não gritar, não xingar, não reclamar, não apelidar e ser educado.

Outro aspecto que aparece na Cartilha está ligado ao comportamento nas viagens, como pesquisar sobre o destino, conhecer a política de preços do meio de hospedagem, uso do restaurante e exigência de documentos, principalmente de crianças. Cabe ressaltar que, para esses profissionais, a Cartilha é tão importante que deve estar disponível no balcão do hotel para consulta e orientação, assim como se exige legalmente que o Código de Defesa do Consumidor esteja à disposição do cliente para consulta, como prevê a Lei nº 12.291 de 20/07/2010 (BRASIL, 2010).

[Escravos da Hotelaria](#)

11 de março de 2014 ·

Nós já publicamos algo parecido há um tempo... mas agora está oficializada: Hoje e amanhã vocês terão o prazer de conhecer a Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes!

Ela será publicada em fascículos, pra ser fascículo de ler... mas, no final, publicaremos um resumo, pra vocês deixarem no balcão da recepção, junto com o Código de Defesa do Consumidor ;)



The figure shows three panels of a manual titled 'Cartilha de Boas Maneiras para hóspedes' by 'Escravos da Hotelaria'. Each panel contains an item with a title, a description, and an illustration.

- ITEM I:** 'Seja educado. Não mande, peça. Estamos aqui para servi-lo, mas não somos seus escravos.' Illustration: A man in a suit pulling a woman in a chair by a string.
- ITEM II:** 'Não grite. Estudos da Universidade Chamberlings apontam que a agilidade ao efetuar uma tarefa é inversamente proporcional ao volume da voz do solicitante.' Illustration: A man shouting into a telephone receiver.
- ITEM III:** 'Não use xingamentos ao dirigir-se aos funcionários. Se até as plantas são afetadas por palavras ruins, imagine as pessoas.' Illustration: A woman pointing at a speech bubble containing a skull and crossbones.

Figura 12 – Relação com os hóspedes – Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2014.

RT7: *Somos escravos, mas nao os seus! Ahaha*

RT8: *Divulguem essa cartilha no slide share, nas operadoras, nas agências de turismo! Está ótima e didática!*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

As enunciações indicam a necessidade de ampliação da divulgação das informações contidas na Cartilha na origem da compra, de modo que já saibam o conteúdo e já saibam como devem se comportar quando chegarem ao hotel e que os trabalhadores sentem-se escravos de outro sujeito, talvez o próprio hotel na figura do empregador, ou do próprio sistema de compra e venda da força de trabalho no sistema capitalista de acumulação e produção que tem como principal característica a exploração da força de trabalho (MARX, 2006; ANTUNES, 2003b, 2005; MÉSZÁROS, 2003, 2011). No caso do setor de serviços, tal exploração se expressa por meio da precarização e flexibilidade em vários segmentos, inclusive os serviços turísticos (URRY, 1996; ARBACHE, 2001; SANCHO, 2001).

*O post* (Figura 13) que endereça uma *Carta a Papai Noel* também é bastante significativo na expressão da relação entre o trabalhador e os hóspedes. Ela descreve um trabalhador que se esforça, de forma profissional e comprometida com a atividade, mas não percebe o reconhecimento por parte do outro que ele busca atender da melhor forma, uma vez que ele espera é que Papai Noel “*me traga pessoas mais educadas, civilizadas e que me respeitem, porque eu também sou uma pessoa*”. Surge, assim, para esses trabalhadores a percepção da necessidade de humanização no tratamento direcionado a eles como um aspecto que interfere na relação trabalhador-hóspede, talvez a publicação da cartilha seja uma das formas encontradas para que os hóspedes aprendam a lidar com esses profissionais.

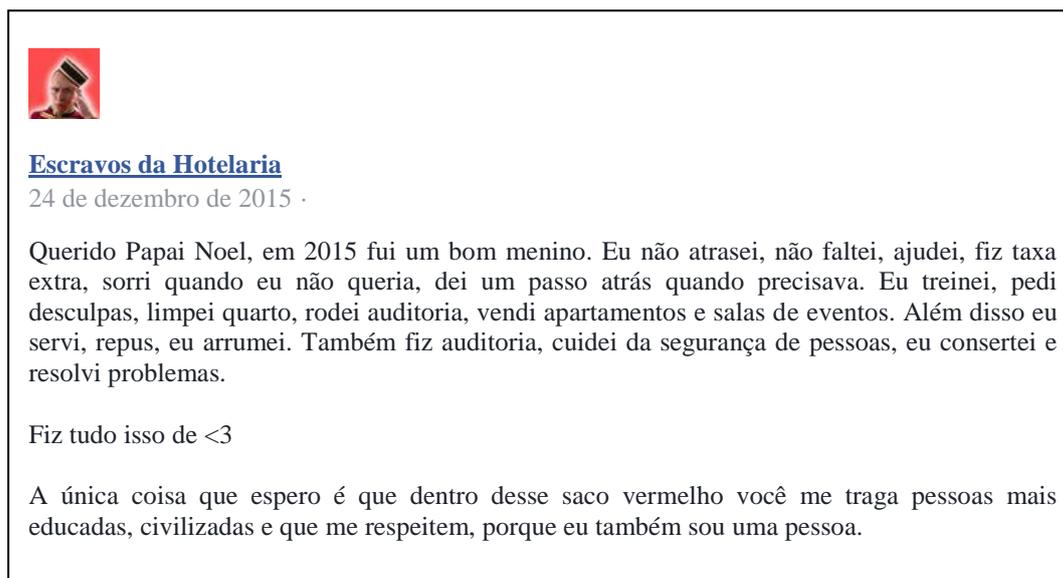


Figura 13 – Relação com os hóspedes – Carta para Papai Noel

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2015.

*RT9: Feliz Natal a todos os hoteleiros que se sacrificam para gerar momentos únicos a seus clientes! O importante é estarmos felizes com nossas funções e não deixar que clientes mal intencionados atrapalhem nossos esforços por aqueles que merecem o melhor atendimento. Não importa a função de cada um, ao menos todos nós somos úteis! Desejo que o esforço de todos sejam recompensados não apenas com dinheiro, mas com momentos maravilhosos entre colegas de trabalho e hóspedes, de forma que isso deixe de ser apenas mais uma obrigação e se torne uma atitude natural entre todos nós!*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2015.

Percebe-se que há no *post* e na interação uma relação dialética no contato estabelecido entre o trabalhador e o hóspede que produz prazer pelo trabalho realizado e pelas vivências com os pares, mas produz sofrimento, pela falta de reconhecimento por parte dos hóspedes.

O reconhecimento é um aspecto que vem despertando o interesse de várias áreas do conhecimento, como as ciências políticas, a teoria social e a psicologia organizacional e do trabalho (BENDASSOLLI, 2012). O reconhecimento está ligado a questões do mundo do trabalho como subjetividade, por lidar com as relações eu-consigo próprio e eu-outro; a relação sujeito-trabalho, sujeito-organização, sujeito-

organização-motivação, valorização e justiça no trabalho. Acrescenta-se que ele também se relaciona com a construção de identidade, a saúde e a relação prazer e sofrimento no trabalho, uma vez que representa uma forma de retribuição simbólica na relação com o outro (DEJOURS, 1992, 2012).

Segundo Bendassolli (2012), a psicodinâmica do trabalho tanto considera a ligação entre a ausência de reconhecimento como fonte de sofrimento, adoecimento e despersonalização, como também, ao mesmo tempo, constrói significados, pois media a relação sujeito-outro no contexto de trabalho. Complementando, para Clot (2010, p. 300), o reconhecimento do outro pode “se tornar uma compensação factícia exatamente no lugar em que havia desaparecido a possibilidade de se reconhecer em algo”, no caso o reconhecimento pelo trabalho.

Ao considerar que o sujeito-trabalhador se projeta subjetivamente na materialização do seu trabalho, isso nos permite dizer que o sujeito se reconhece no trabalho que realiza, tornando-o uma categoria fundante na constituição do ser social, fazendo com que este trabalhador espere reconhecimento pelo trabalho executado (LESSA, 2011). Dessa forma, no processo de objetivação de seu trabalho, há também a exteriorização do sujeito por meio do reconhecimento de seu trabalho.

Segundo Lima (2013, p. 351), o reconhecimento é “a forma de retribuição simbólica advinda da contribuição dada pelo sujeito, pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência no trabalho”. Duas dimensões se apresentam neste processo: a constatação de um trabalho individual bem realizado e a gratidão pela contribuição dada à organização (LIMA, 2013). Nesse sentido, aparentemente os trabalhadores, considerando o conjunto das interações estudadas, não se veem reconhecidos pelo trabalho realizado, pois não percebem nem a constatação nem a gratidão dos hóspedes pela atenção direcionada a eles, pois “*se sacrificam para gerar momentos únicos a seus clientes*” e esperam “*peças mais educadas, civilizadas e que [os] respeitem*” nesta relação.

Muitos dos *posts* publicados na comunidade estudada apresentam situações em que o hóspede aparece como o sujeito que faz questionamentos óbvios, que busca obter serviços a mais que não foram contratados, que desrespeitam as pessoas e as regras necessárias, que pedem vários tipos de cortesia, que reclamam dos serviços prestados, que evitam cumprir as exigências do hotel. Como resposta a esses comportamentos, há uma identificação com a imagem da *Musa dos Escravos da Hotelaria*. Trata-se da

imagem de uma boneca que aparece em diversos *posts* e que é confirmada pelos mediadores da *fanpage* como “*nossa musa*”.



Figura 14 – Relação com os hóspedes – Musa dos Escravos da Hotelaria  
 Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2012.

RT10: *Essa boneca me representa*

RT11: *Só mudam o endereço, todos são iguais*

RT12: *Essa cara me define!*

RT13: *vou até trabalhar de maria chiquinha pq essa boneca SOU EU!  
 hahahaha*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2012.

Para Brait (1996, p. 65), “tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e consequente atuação conjunta” e, dessa forma, apresentam-se como elementos para compreensão do discurso do autor do enunciado. Assim, na comunidade estudada, a junção de imagens ao que está sendo publicado torna-se um recurso discursivo capaz de expressar sentimentos, emoções e vivências do trabalho, nesse caso a identificação com a expressão da personagem que

representa de alguma forma o que eles sentem em diversas situações de contato com o hóspede.

Além da “*Musa dos Escravos da Hotelaria*”, a “*Cara de paisagem*” aparece como um recurso na relação trabalhador-hóspede em vários *posts* publicados no período estudado. Definiu-se o *post* exposto na Figura 9 para representar este recurso. Nesse sentido, percebe-se que a “*Cara de paisagem*” é um mecanismo de defesa dos trabalhadores na relação cotidiana com os hóspedes. Pode-se dizer que ela é a forma do trabalhador de não demonstrar envolvimento com as situações trazidas pelos hóspedes. É também uma forma de esconder qualquer emoção, positiva ou no geral negativa, que este hóspede possa despertar.

Cançado e Sant’Anna (2013, p. 253) informam que “os mecanismos de defesa são mobilizados pelos indivíduos no contexto organizacional, permitindo-lhes formas de suportar a angústia” e como forma de “fazer frente ao sofrimento no trabalho” (p. 249). Ressalta-se que, para suportar o que acontece na relação com o hóspede, também é necessário ter “*sangue de barata*” e “*estômago de avestruz*”, ou seja, precisa estar preparado para tudo nesta relação.



Figura 15 – Relação com os hóspedes – Cara de Paisagem  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

RT14:*MBA em cara de paisagem*

RT15:*hehehe to ficando craque em fazer cara de paisagem*

RT16:*Me lembro disso todos os dias...*

RT17:*A cara de paisagem é a minha... só faltou o sorriso de Monalisa q faço na recep....kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Acrescenta-se ainda o recurso da ironia como respostas gerais a esta relação. Conforme considera Brait (1996), a ironia é uma conjunção de discursos e, mais especificamente, forma particular de interdiscurso que cruza vozes e dessa forma instaura a polifonia, permitindo variados significados.

Ademais, a “musa” e a “cara de paisagem”, aparentemente, constituem-se como personas/personagens utilizados não só como um chiste, mas como uma máscara necessária para adaptação do trabalhador às demandas do meio social, no caso em questão, o mundo do trabalho. Esse recurso na psicodinâmica do trabalho é considerado como mecanismo de defesa utilizado pelos trabalhadores para suportar o sofrimento no trabalho e abrandar os perigos à integridade psíquica do indivíduo (CANÇADO; SANT’ANNA, 2013).

Pode-se dizer que esse é o recurso base da proposta da constituição da *fanpage*, pois perpassa pela maioria dos enunciados e discursos que a compõem, proporcionando ambiguidade de significados e diversidade de sentidos, como ter a “Cara de paisagem”, ser “*um bom menino*” para o Papai Noel e merecer os presentes solicitados, ser um ‘orientador’ de comportamento nas viagens e definir uma “*Cartilha de Boas Maneiras para Hóspedes*”, além da própria denominação da *fanpage* ao se autodenominarem “*Escravos da Hotelaria*”. Nesse contexto, tais mecanismos, pautados no caráter irônico, anedótico e de brincadeiras coletivas, amenizam as situações vivenciadas pelos trabalhadores e constroem sentidos sobre esta experiência de trabalho.

Finalmente, analisa-se a relação com o sindicato na constituição das relações sociais estabelecidas no trabalho.

#### 4.2.3.4 Relação com o sindicato – quem os representa

Ao se discutir as relações sociais no trabalho, é importante considerar as relações de trabalho enquanto conjunto de organizações, leis e normas que regulam a compra e a venda de trabalho e os conflitos resultantes dessa regulação (NORONHA, 2000).

Neste item, será analisada a relação estabelecida entre os trabalhadores representados pelos membros da comunidade de fala estudada e a organização social que a representa, que é o sindicato da categoria, buscando compreender os sentidos construídos nesta relação.

Sabe-se que a flexibilização do trabalho acarretou mudanças na ação sindical no Brasil e no Mundo (HARVEY, 1994; ANTUNES, 2003). A inserção de novas formas de contratos de trabalho, da utilização de trabalho terceirizado, a ampliação do trabalho informal, além de novas e diversificadas demandas que surgem a partir desta flexibilização, deixam o sindicato numa encruzilhada, nas palavras de Antunes (2003c).

O conjunto de *posts* exposto na Figura 15 selecionada busca expressar os sentidos construídos sobre a relação trabalhador-sindicato. O *post* publicado em 09/07/13 é bastante representativo do momento histórico que o Brasil estava passando. Em 17/06/13, iniciou-se no país uma série de protestos que de forma espontânea e apartidária retomou os protestos de rua vistos historicamente no movimento denominado “Diretas Já” na década de 1980. Inicialmente, os protestos se deram contra o aumento do valor das passagens do transporte público em São Paulo, foi ganhando novas pautas, como a luta contra a corrupção, o investimento em saúde e educação, entre outras, e ocorrendo em outras cidades pelo país (MELITO, 2014).

Esse contexto aparentemente instigou os mediadores da *fanpage* a questionarem e convocarem o sindicato da classe a integrarem a luta por direitos naquele contexto histórico. Mistura-se nas enunciações o sentido da dúvida e o descrédito nesta instituição de representação destes trabalhadores, ao considerar que “*Nossa classe é uma piada*” ou quando ‘cantam’ “*Sindicato eficiente? Nunca vi e nunca ouvi falar....*”. Esse tom de descrédito aparece em estudos sobre o trabalho no turismo e hotelaria como Silva (2005), que trouxe à tona elementos que caracterizam a correlação de forças que envolvem a relação trabalhador-sindicato no setor hoteleiro no Recife-PE, uma vez que

há um baixo poder reivindicatório e a indiferença dos trabalhadores quanto a sua participação política maior nas ações do seu sindicato, associado à fraca atuação do sindicato da categoria e o poder decisório nas mãos dos donos de hotéis, além do medo do desemprego, identificam as regras de regulação do trabalho no setor hoteleiro. Também a pesquisa de Cavalcante, Costa (2011) evidencia que os trabalhadores do setor de hospedagem da região de Canoa Quebrada e Aracati não estão envolvidos com qualquer tipo de entidade sindical que represente sua categoria. Além da investigação de Padilha e Grande (2011), que indica que a indiferença do sindicato da categoria de trabalho em Ribeirão Preto-São Paulo por parte destes trabalhadores se acentua devido a esse sindicato não incluir na pauta de negociação junto ao sindicato patronal o problema da jornada de trabalho e das horas extras.

No *post* publicado em 11/07/13, dia da convocação de greve nacional, os mediadores apresentam em tom de chiste a sugestão de pauta a ser incluída na greve geral que também dá indícios da relação com os hóspedes *“Periculosidade e insalubridade para todos que têm contato com os clientes”* e da possibilidade de adoecimento psíquico quando sugerem *“Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico gratuito”*.

Chama atenção a demanda dos trabalhadores pela *“Centralização dos sindicatos”*, pois o sentido de mobilização é desacreditado por esta fragmentação sindical, uma vez que *“Temos 72 sindicatos, representando 27 estados... a conta não bate, não é??”*, gerando uma visão de desmobilização tanto dos trabalhadores como do próprio sindicato, pois *“não somos muito unidos e [...] nossos sindicatos não nos representam muito bem!”*.

Esta sensação de falta de representatividade do trabalhador e a percepção de que seu sindicato representa na verdade o empregador, como enuncia uma dos membros ao dizer que *“Aki o presidente do sindicato e dono de hotel ! Conflito de interesses?!”* ou quando diz que *“Corja reunida com os donos de hotéis... Nunca favorecem o colaborador...”,* assim quando expressarem que *“Sindicato vai seguir às vontades de quem? Dos escravos ou das empresas, que os sustentam?”*

Este aspecto aparece no estudo realizado por Silva (2005), que informa o baixo nível de sindicalização, tanto os representantes do sindicato patronal como o dos trabalhadores expressam em seus discursos o desinteresse e o distanciamento por parte de seus sindicalizados.

A pesquisa realizada pelos moderadores da *fanpage* também expõe aspectos de descrédito, afastamento e fragmentação, conforme indica a Figura 16

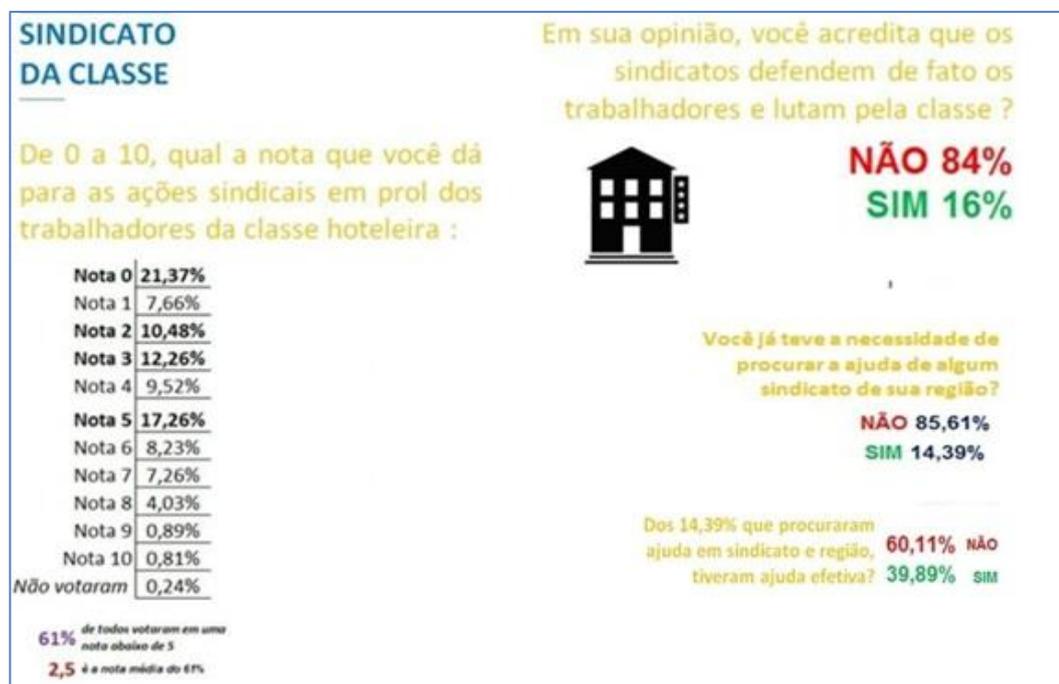


Figura 16 – Sindicato da classe hoteleira  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Percebe-se descrédito no sindicato da classe, indicado por 84% dos respondentes, além do que 61% dos membros participantes da pesquisa votaram em uma nota abaixo de 5 e, considerando que a nota máxima da escala foi 10, essa nota demonstra que as ações do sindicatos estão abaixo da média do que os trabalhadores esperam de atuação e luta pelos direitos dos trabalhadores. Ademais, 85,61% não tiveram necessidade de procurar ajuda nos sindicatos, mas, dos 14,39% que o procurou, 60,11% não obtiveram a ajuda de que necessitavam (ESCRAVOS, 2014).

Segundo Carvalho Neto (2001), de forma resumida, as características do Sistema de Relações de Trabalho (SRT) no Brasil são as seguintes: fragmentação dos sindicatos; distanciamento de suas bases; descentralização das negociações coletivas; inexistência de representação nos locais de trabalho; resolução de conflitos trabalhistas na Justiça do Trabalho, assim como por meio das Juntas de Conciliações Prévias, ressalta-se também que esses conflitos são discutidos e acordados individualmente e não coletivamente; predominância do poder discricionário do patrão nas decisões em conflitos trabalhistas,

conforme apresentado em Silva (2005) ao ter estudado o setor de hospedagem no Recife-PE. Nota-se que muitas dessas características são expressas nos *posts* publicados e nas interações dos membros.

<p> <b>Escravos da Hotelaria</b></p> <p>9 de julho de 2013 · Curitiba, Paraná ·</p> <p>Muito bem, centrais sindicais já confirmaram a greve geral para o dia 11 de julho.</p> <p>E os sindicatos hoteleiros?</p> <p>Nossa classe é uma piada. Vamos aderir</p>  <p>Centrais sindicais confirmam adesão para greve do dia 11 de julho</p> <p>Também se preparam para o dia categorias de serviços, como bancos, e da indústria, como metalúrgicos, petroleiros, mineradores e químicos.</p> <p>D24AM.COM POR GARCÍA MEDIA LATINOAMÉRICA</p>	<p> <b>Escravos da Hotelaria</b></p> <p>11 de julho de 2013 ·</p> <p>Segue sugestão de pauta para greve dos hoteleiros:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Redução da carga horária semanal;</li> <li>- Periculosidade e insalubridade para todos que têm contato com os clientes;</li> <li>- Redução do tempo mínimo de aposentadoria para 15 anos;</li> <li>- Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico gratuito;</li> <li>- Centralização dos sindicatos;</li> <li>- Plano de carreira;</li> <li>- Intercâmbio com hotelaria mundial;</li> </ul> <p>E você, escravinho? Gostaria de lutar por quais melhorias na profissão?</p>
	<p> <b>Escravos da Hotelaria</b></p> <p>21 de junho ·</p> <p>Sindicato eficiente? Nunca vi e nunca ouvi falar...</p>

Figura 17 – Relação com o sindicato hoteleiro  
 Fonte: www.facebook.com.br/escravosdahotelaria, 2013.

RT18: *Gente, sei que não somos muito unidos e que nossos sindicatos não nos representam muito bem! Mas eu acharia melhor todos lutarmos pelo aquilo que a gente acredita... a hospitalidade é a menos culpada disso tudo, então vamos trocar idéias e experiências para fortalecer nossa classe! Vamos reivindicar de maneira clara, com idéias claras.*

RT19: *O sindicato nessa hora dorme...mas na hora de descontar e sem dó...*

RT20: *Não conheço Sindicato +++++ inútil q o nosso...*

RT21: *Aki o presidente do sindicato e dono de hotel ! Conflito de interesses?!*

RT22: *Sindicato oque e isso????? Corja reunida com os donos de hotéis... Nunca favorecem o colaborador...*

RT23: *Eh um sindicato sem força... infelizmente*

RT24: *ai eles simplesmente contratam mais escravos e o tronco continua rolando solto como sempre aconteceu ... . E vai continuar por muitos e muitos anos e o sindicato ONDE ESTA ? Sindicato vai seguir às vontades de quem? Dos escravos ou das empresas, que os sustentam?*

RT25: *nós fizemos uma pesquisa de satisfação (veja os arquivos da página) e, em geral, a situação é complicada. Temos 72 sindicatos, representando 27 estados... a conta não bate, não é??*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Os aspectos indicados nas interações corroboram estudos feitos sobre sindicalismo em que elementos como mobilização, resistência e representação são apresentados como os principais desafios da atuação sindical atualmente (ANTUNES, 1995; CARVALHO NETO, 2001; ALVES, 2000).

Esse cenário se replica em vários setores da economia e isso não seria diferente no setor de hospedagem, como indicam os estudos realizados por Silva (2005) e Cavalcante e Costa (2011).

A seguir, o conjunto de análises busca compreender a relação tempo de trabalho e tempo livre e apresenta um olhar sobre essa relação a partir do aspecto dialógico e

dialético dela, que são evidenciados pelas enunciações expostas nas interações da comunidade de fala estudada:

#### *4.2.4 Relação tempo de trabalho e tempo livre: entre a escala, a jornada, as horas extras e as folgas, as férias e os feriados*

Tal como foi discutido na seção do referencial teórico, dois aspectos são cruciais na racionalidade econômica e na lógica capitalista: o tempo como mercadoria e a utilização da força de trabalho como produtora de mais valia, postulando o tempo de trabalho como a principal medida e fonte de riqueza neste modo de produção (MARX, 2006; MÉSZÁROS, 2003, 2011).

Nessa perspectiva, compreender a relação tempo de trabalho e tempo livre perpassa pelo entendimento de como esses tempos se constituem no percurso sócio-histórico e nas suas reverberações nos sujeitos. Passando de uma situação de maior controle do tempo de trabalho no passado para uma total falta de controle na atualidade (THOMPSON, 1998; BENDASSOLLI, 2007; HASSARD, 2009). De uma negação do tempo livre para luta pela constituição desse o tempo (LAFARGUE, 2003; RUSSELL, 2002; PROVONOST, 2011). De uma menor relação trabalho e adoecimento para uma ampliação e intensificação dessa relação (DEJOURS, 1992; 2011; MENDES, 2007; SENNET, 2006).

O que se sabe é que o tempo no capitalismo passa a ser mais regulado, preciso e controlado, fazendo com que as pessoas fossem sujeitadas a ele, disciplinando-as a uma relação coercitiva com ele. Para este estudo partirei de temas relacionados ao tempo de trabalho e ao tempo livre, tais como férias, folgas, feriados e escala de trabalho, buscando identificar como os trabalhadores dos serviços de hospedagem, que atuam no cargo de recepcionista, representados pelos membros da comunidade de fala “Escravos da Hotelaria”, constroem sentidos sobre essa relação, reagem à falta de poder de decisão sobre essa relação, como definem estratégias para controlar essa relação, como ativamente estabelecem estratégias para vivenciar e equilibrar esses tempos, produzindo, assim, sentidos sobre tal relação.

Ao considerar que, no modo de produção capitalista, o mundo é o mundo das mercadorias, tanto o tempo de trabalho como o tempo livre passam a se constituir como tal. Nesse sentido, faz-se necessário analisá-lo de forma relacional, buscando



Os *posts* foram publicados em dois momentos: setembro e dezembro de 2013. Conjuntamente tiveram 995 curtidas, 605 compartilhamentos e 79 comentários. Ressalta-se que o período em que foram postadas as imagens se aproximava da alta estação da atividade turística, notadamente o mês de dezembro<sup>18</sup>, período de festas de final de ano e férias. Esse período indica um número maior de turistas viajando e, portanto, amplia-se o nível de ocupação nos meios de hospedagem e o volume de trabalho para os profissionais dos serviços de hospedagem.

Neles, percebe-se a relação de sofrimento e de busca por se desvencilhar desta realidade. Segundo Dejours (1992, p. 49), o trabalho se transformou na “*porta de entrada para o sofrimento*”, interferindo não só na saúde física, como na saúde psíquica dos trabalhadores, por isso o trabalhador objetiva “*pegar minha carta de alforria!*”.

Para suportar a situação vivenciada, o trabalhador precisa ser um “*abnegado*”. Segundo Ferreira (2010), abnegado é o indivíduo que não age por interesse próprio, que está disposto a renunciar as suas próprias vontades em função da vontade do outro, indicando altruísmo. É aquele que se sacrifica pelo outro, que é devotado ao que faz.

Ao que parece, estar em todos os feriados do ano à disposição do trabalho gera um sentimento de busca pela liberdade. Segundo Goldschmidt (2010), a carta de alforria era um símbolo de liberdade que promovia o fim do cativeiro, mas que nem sempre significava o fim da escravidão. Ainda de acordo com essa autora, a alforria só garantia a liberdade após a morte de seu proprietário. Dessa forma, aparentemente, a liberdade do trabalho não vai se dar pelo proprietário do ‘escravo’, mas eles mesmos é quem vão promovê-la, quando dizem “*Eu consegui minha carta de alforria*”, “*Bah, por isso que me pinchei fora.... tah loco meu....*” e “*ano de 2014 pegar minha carta de alforria! Adeus Escravos da Hotelaria .kkk*”. Caso esse trabalhador não consiga por meios próprios a sua liberdade, eles mesmos sentenciam que “*só Jesus pra ter misericórdia de nós*”.

O tempo de trabalho expresso no tempo da jornada indica a intensificação e o controle do tempo como mecanismo de medida da produção. Cardoso (2007, p. 45), ao discutir os “tempos de trabalho e os tempos de não trabalho”, trata da disputa em torno da jornada do trabalhador em estudo comparativo entre Brasil e França, lembrando que, nas sociedades contemporâneas, eles se tornaram “tensos, urgentes, intensos e flexíveis”.

---

<sup>18</sup> A alta estação turística no Brasil acontece entre os meses de dezembro e fevereiro e o mês de julho. A baixa estação acontece entre março e junho ou de agosto a novembro (PORTAL BRASIL, 2015)

Já Sadi Dal Rosso em sua obra também debate a jornada de trabalho, tratando de sua redução (1998), da intensidade do trabalho, da intensificação da jornada e suas implicações na produtividade e saúde do trabalhador (1996; 2008; 2008a). Dal Rosso e Fortes (2008) tratam das ondas de intensificação ocorridas na organização do trabalho capitalista e sua influência nas condições de trabalho no século XXI. Faria e Ramos (2014, p. 69) lembram que “a jornada de trabalho deve ser compreendida como tempo formal de trabalho ou jornada formal, que é aquele regula donos institutos normativos”, mas que na atualidade o sistema capitalista de produção “o tempo disponível, [...], sendo o tempo em que o trabalhador está à disposição da unidade produtiva, comporta tanto a jornada formal como os tempos extraordinários, regulados ou não juridicamente”, o que acarreta a ocupação do tempo livre pelo capital, limitando o tempo que o trabalhador tem ou dedica a si mesmo.

As horas extras são outro aspecto de intensificação da jornada de trabalho que aparece em *post* e interações na *fanpage*. Um *post* publicado em 03/06/16 sugere uma *playlist* para os hoteleiros, com a música *Jaqueline*, da banda Franz Ferdinand<sup>19</sup>, e, conforme a Figura 19 indica, este é um aspecto em que a decisão da forma de compensação destas horas é arbitrada pelos representantes dos meios de hospedagem.

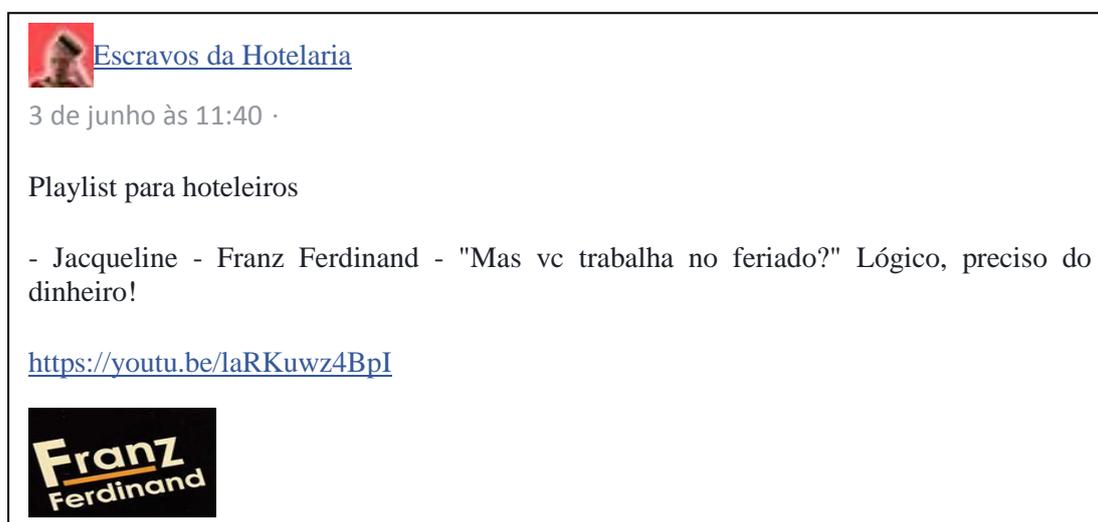


Figura 19 – Relação trabalho e tempo livre – *Playlist*  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

<sup>19</sup> A tradução da letra da música diz o seguinte: Jacqueline tinha 17 anos/ Trabalhando em uma escrivania/ Quando Ivor olhou por cima de seus óculos/ Esqueceu-se de que tinha arruinado uma garota/ Às vezes esses olhos/ Se esquecem da face de onde estão olhando/ Quando a face para a qual eles olham/ Bem, você conhece essa face assim como eu/ E como na volta do olhar atento/ Ela pode te devolver a face/ Pela qual você está olhando fixamente. Refrão: É sempre melhor no feriado/ Muito melhor no feriado/ É por isso que nós só trabalhamos quando/ Nós precisamos de dinheiro ...

TL9: *Dinheiro ou banco de horas? Nem todos os hotéis pagam feriado em \$\$!*

TL10: *Isso depende da convenção coletiva de trabalho. Se não é banco de horas, deve ser pago.*

TL11: *Dinheiro? Nos dias atuais banco de horas. É raro o hotel que paga hora extra dobrada.*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Segundo a CLT, em seu artigo 59, “a duração normal do trabalho poderá ser acrescida de horas suplementares, em número não excedente de 2 (duas), mediante acordo escrito entre empregador e empregado, ou mediante contrato coletivo de trabalho”. Já o § 1º indica que “do acordo ou do contrato coletivo de trabalho deverá constar, obrigatoriamente, a importância da remuneração da hora suplementar, que será, pelo menos, vinte por cento superior à da hora normal” (BRASIL, 2004).

Tomando por base a Convenção Coletiva 2015/2016 do SINTRAH-PE, tanto o pagamento em dinheiro como a compensação por meio de Banco de Horas são as formas de recompensa das horas excedentes de trabalho, conforme indica o parágrafo 5 da cláusula sexta da referida convenção:

o procedimento para a apuração das jornadas suplementar e extraordinária de trabalho terá como fator de utilização 220 (duzentos e vinte) horas mês. As horas que excederem às 220 horas mensais, nos casos dos meses de 31 dias, poderá ser compensado no mês subsequente; havendo esta ocorrência, não restará admitido prejuízo para o empregado em sua remuneração normal mensal, não restando também admitida a existência diferença de salário para aqueles empregados que exerçam a mesma função, sem obedecer ao referido acordo, ressalvados os Acordos de Compensação em Banco de Horas (PERNAMBUCO, 2015)

Acrescenta-se que o pagamento do adicional de hora extras previsto nesta convenção coletiva respeita a Súmula 354 do Tribunal Superior do Trabalho - TST, não incluindo no cálculo as gorjetas/pontos e prevê o acréscimo dos seguintes percentuais:

I - 50% (cinquenta por cento) incidente sobre as horas normais, para as horas extras trabalhadas no período de segunda-feira até o domingo, nos dias feriados e santificados, quando o empregado estiver submetido à escala móvel de revezamento.

II - 50% (cinquenta por cento) incidente sobre as horas normais, para as horas extras trabalhadas no período de segunda-feira até o sábado, quando o empregado estiver submetido à escala de folga fixa, e de segunda-feira a domingo, quando estiver submetido à escala móvel de revezamento.

III - 100% (cem por cento) incidente sobre as horas normais para as horas extras trabalhadas aos domingos, feriados e dias santificados, quando o empregado estiver submetido à escala de folga fixa, e nos dias de folga dos empregados que estiverem submetidos à escala móvel de revezamento (PERNAMBUCO, 2015)

Ressalta-se que este sindicato possui uma página no *Facebook*. Em 25/10/16 apresentava 94 curtidas<sup>20</sup>, número que nos faz inferir que existe um distanciamento entre os trabalhadores e seus representantes legais. Esse distanciamento aparece na pesquisa realizada pelos mediadores da página quando 84% dos respondentes informam não acreditar no seu órgão de classe; 85,61% não tiveram necessidade de procurar ajuda nos sindicatos, mas, quando precisaram (14,39% das respostas), conforme já mencionado, 60,11% não obtiveram a ajuda de que necessitavam (ESCRAVOS, 2014), como foi discutido no item 4.2.3.4 e corrobora com estudos de Silva (2005) e Santos, Costa (2011).

Aparentemente, há uma expectativa e uma preferência pelo pagamento em dinheiro das horas sobrejornada. Inclusive o refrão da música indica que “*É por isso que nós só trabalhamos quando/ Nós precisamos de dinheiro*”, mas, como informado por um dos trabalhadores, “*Nem todos os hotéis pagam feriado em \$\$!*”, uma vez que “*Nos dias atuais banco de horas. É raro o hotel que paga hora extra dobrada*”. Essas horas adicionais não estão indicadas pela escala, mas surgem conforme a demanda de trabalho. No caso da atividade turística, a sobrejornada é comum no período da alta estação, no Brasil, período de novembro a fevereiro ou março, conforme o período referente ao Carnaval, e o mês de julho (BRASIL, 2015).

Pode-se dizer que a escala de trabalho é uma imagem que simbolicamente representa a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre. Ela apresenta tanto a jornada de trabalho como as folgas que representam o tempo livre do trabalhador (Figura 20).

---

<sup>20</sup> Cabe ressaltar que nesta mesma data a *fanpage* Escravos da Hotelaria estava com 59.008 membros.

ESCALA DE FOLGA																														
Escravos da Hotelaria <i>Como ela realmente é:</i>																														
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14
	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S
EUZINHO(A)	X					X					X				X						X						X	X		
COLEGA 1				X						X						X					X	X					X			
COLEGA 2					X			X						X	X					X			X			X				
<i>Como eu vejo:</i>																														
	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S
EUZINHO(A)		X						X							X							X		X					X	
COLEGA 1	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
COLEGA 2	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
<i>Como minha chefe vê:</i>																														
	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S
EUZINHO(A)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
COLEGA 1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
COLEGA 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>Como meu colega vê:</i>																														
	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S
EUZINHO(A)	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	
COLEGA 1		X						X							X							X							X	
COLEGA 2	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	

Figura 20 – Relação trabalho e tempo livre –Escala de folga  
 Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Esse *post* demonstra os conflitos existentes na divulgação da escala. As visões da gerência, dos pares, como individualmente é interpretada e como ela é apresentada como instrumento de controle do tempo de trabalho e tempo livre. Aparentemente a realidade da folga é interpretada de forma diferente. O trabalhador considera que os colegas receberam muitos dias de férias; o colega acha que somente os outros estão de folga; e o chefe percebe que os trabalhadores estão todos os dias folgando. Mas na verdade a escala de folga está respeitando escala de revezamento estabelecida na maioria das convenções coletivas do setor.

Além do relógio de ponto, a escala de trabalho é um importante símbolo do controle do tempo de trabalho e é vista de forma relacional do controle do tempo livre, pois define a jornada de trabalho e a organização deste. Dessa forma, entender seu papel na relação ora estudada é crucial por envolver elementos que implicam a subjetividade do trabalhador, já que a visão sobre essa relação para esses trabalhadores parece permeada de um distanciamento entre a expectativa e a realidade vivida, entre o desejo e a experiência, entre o direito e a negação, resultante da relação trabalho e as vivências do tempo livre.

TL12: Escala 6 x 1 demora tanto que as vezes esqueço que é minha folga 🤔😓

TL13: hoteleiros que não trabalham fds não são escravos ashuhua

TL14: As vezes esqueço da minha kkkk mas aquela coleguinha fofinha que tem mais

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Por meio da escala, são expostos tanto a jornada, que apresenta o tempo de trabalho, como também o tempo livre, representado pelas folgas. E os *posts* discutem esse tema, questões sobre o formato da escala e as atividades realizadas no tempo livre, conforme será mostrado na Figura 21.



Figura 21 – Relação trabalho e tempo livre – Folga  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Percebe-se pelas interações que tempo livre é utilizado basicamente para dormir e recompor as energias para o retorno ao trabalho, como declarado “*Na minha folga eu não durmo eu entro em estado d hibernação, pois “esse sorrisinho forçado não precisa descansar?”*”. Mesmo quando se expressa uma resistência ao contexto de trabalho e tempo livre, ao dizer que “*Estou em todas*”, há um sacrifício físico e até insalubre, pois, para ter um tempo de lazer, o trabalhador sacrifica o tempo de descanso, pois, aparentemente, não é possível equilibrar tempo de trabalho, tempo livre e tempo de descanso, restando apenas a sensação de que esses trabalhadores não têm “*nem vida alguma*”.

TL17: *Na minha folga eu não durmo eu entro em estado d hibernação*

TL18: *Hahahaha...na verdade sempre durmo mais de 8h nas minhas folgas....tipo assim quase nem tenho folga pq eu chego do trabalho vou dormir e acordo so quando tenho que voltar a trabalhar....kkkk*

TL19: *Eu precisaria do Hubble para conseguir avistar a minha...[folga]*

TL20: *Se a folga é no dia seguinte você não vai porque já ta cansado e estressado pra sair, se a folga é no dia da balada, você não vai porque fica com preguiça de ir trabalhar no dia seguinte...*

TL21: *pior do que isso é qndo as suas folgas só caem no começo da semana... Ai vc espera 1 mes pelo seu domingo de folga, achando q tudo pode acontecer... E passa o domingo dormindo... rs*

TL22: *Kkkkk desse jeito! tudo termina no baile dos lençóis .....*

TL23: *to assim ultimamente..... parecendo um morto vivo..... do hotel pra casa e de casa pro hotel..... sem vida, sem nada.....*

TL24: *Eu!!! Finalmente uma noite livre e amanhã de folga... Melhor programa? Poder dormir sem contar as horas :)*

TL25: *Folga linda. Escravo que se preze vai vegetar até a segunda feira. Tá pensando que esse sorrisinho forçado não precisa descansar?*

TL26: *Não tem isso comigo!!! Estou em todas. Quando tenho que pegar no turno matutino fico na festa até na última hora para só chegar em casa tomar um banho e um café bem forte.*

A definição de folga no feriado é outro aspecto na análise da relação tempo de trabalho e tempo livre. Ele passa a ser um dia comum e não um dia que irá representar uma vivência diferenciada como ocorre para a maioria dos trabalhadores que aguarda o feriado para experienciar diferentes tempos sociais. Lembrando William Grossin (1996), um dos pioneiros no estudo dos tempos sociais, Cardoso (2009) destaca as categorias discutidas pelo autor, que são o enquadramento temporal, o meio temporal e a cultura temporal. Essas categorias permitem o estudo das sociedades considerando as características temporais por elas vivenciadas. Isso implica que a noção de tempos sociais, segundo Cardoso (2009),

expressa a multiplicidade de tempos vivenciados relacionada à diversidade de situações sociais, e permite desvendar a ilusão de uniformidade do tempo. O que supõe relacionar as diversas atividades, tarefas, experiências, representações, concepções, percepções e simbologias sobre o tempo, isto é, as diferentes maneiras de tomar consciência do tempo (CARDOSO, 2009, p. 43)

Estas temporalidades sociais são expressas pelos tempos da vida cotidiana que se ajustam com a multiplicidade dos tempos sociais. Assim, tanto a vivência do tempo de trabalho, a do tempo livre, como a dos demais tempos estão impregnadas de decisões coletivas, mas também individuais, pois “é justamente a existência de tempos pessoalmente construídos que protegem os indivíduos da dominação excessiva dos tempos que lhes são exteriores”, conforme reflete Cardoso (2009, p. 45).

As enunciações abaixo indicadas expressam no cotidiano de trabalho uma forma de expressão do tempo livre, em que são representados e construídos sentidos sobre ele. Ao que parece, o tempo livre é um tempo distante de sua realidade, desconhecido, negado, pois é “*Muita inocência esperar por isso*”.

TL29: *Feriado? Não tenho idéia do que seja isso...*

TL30: *Folga em feriado? Muita inocência esperar por isso.*

TL31: *Você sabe o que é FERIADO? Nunca vi, nem FOLGUEI, eu só ouço falar Mas você sabe o que é FERIADO? Nunca vi, nem FOLGUEI, eu só ouço falar*

Percebe-se que a intensificação do tempo de trabalho e o formato da escala, principalmente estabelecida pelo critério 6 x 1, pois “*demora tanto que as vezes esqueço que é minha folga*”, são aspectos que geram insatisfação nesses trabalhadores, que aparentemente seria resolvidos quando o setor adotasse outra forma de definição de escala, pois segundo uma enunciação a “*hotelaria tinha que adotar o sistema 12x36 seria bem melhor se os sindicatos fossem sérios*”.

Ressalta-se que o “*critério 6 x 1*” refere-se à escala de revezamento estabelecida nas convenções coletivas, como a dos trabalhadores de Pernambuco e utilizadas nos demais estados do país (PERNAMBUCO, 2015). Trata-se da definição do “repouso semanal coincidindo com o domingo, de sete em sete semanas”, ou seja, o ‘*critério 6 x 1*’ indica seis semanas de trabalho para um domingo de folga na sétima semana. Acrescenta-se que, a partir desse critério, a empresa pode, a seu critério, ainda, estabelecer duas opções:

I ESCALA DE FOLGA FIXA. Quando por ocasião da folga dominical, da sétima semana, o dia de folga pré-fixado da semana seguinte a esse domingo poderá servir como compensação de feriado no qual tenha trabalhado no período de revezamento anterior às 7 (sete) semanas.

II ESCALA DE FOLGA REGRESSIVA. Quando por ocasião da folga dominical, na sétima semana, poderá ser concedida uma compensação de feriado, na segunda-feira que preceda a folga da sétima semana, coincidente de um domingo, no qual tenha trabalhado no período de revezamento anterior às 7 (sete) semanas (PERNAMBUCO, 2015, p. 17).

Esse formato de escala indica a intensificação e precarização do trabalho neste setor. Segundo Dal Rosso (2008, p. 21), “há intensificação do trabalho quando se verifica maior gasto de energias do trabalhador no exercício de suas atividades cotidianas”. Para ele, essa intensificação implica os seguintes aspectos da vida do trabalhador: a qualidade de vida, pois influencia na relação tempo de trabalho e tempo livre, interferindo na possibilidade de usufruir mais ou menos tempo livre; demarca o tempo dedicado a atividades econômicas; e está diretamente relacionado às condições de saúde do trabalhador (DAL ROSSO, 2008).

Ressalta-se que a intensificação do trabalho transformou-se numa fonte de valorização da jornada e uma forma de precarização na produção capitalista. A valorização se dá pela ampliação da quantidade de hora disponibilizada para o trabalho, criando valor de troca e a precarização se evidencia pela exploração da força de trabalho,

acarretando a corrosão da vida pessoal e da saúde do trabalhador, inclusive daqueles com maior estabilidade salarial, gerando o que Alves (2013, p. 146) denomina *precarização do homem-que-trabalha*.

Esses aspectos dão indícios do porquê de o trabalhador ver seu direito ao tempo livre como algo que “*Nunca vi, nem FOLGUEI , eu só ouço falar*” ou precisar “*do Hubble para conseguir avistar a minha...[folga]*”. Sabe-se que o Hubble é um telescópio espacial que em 24 de abril de 1990 foi lançado para realizar observações espaciais e ficou em órbita por 25 anos. Segundo Caputo (2016), por meio desse telescópio, foi possível “observar pontos que antes eram inacessíveis aos olhos humanos” graças ao potencial de suas lentes. Esse aspecto reforça os sentidos construídos sobre o tempo livre no que se refere a sua negação e inacessibilidade a este direito.

Não lembrar quando tiveram o descanso, a escassez das folgas a ponto de não ser consideradas. Imaginar que a folga representará tempo livre para o lazer, diversão e entretenimento e não conseguir. Ver seu tempo livre destinado somente para a reposição das condições físicas e psíquicas para retornar ao trabalho e não ver a possibilidade de um tempo para se ter vida fora do trabalho são pontos expostos nos *posts* e reforçam os sentidos de distanciamento entre tempo de trabalho e tempo livre, a ponto de esquecer quando tiveram tempo livre, de modo que passa a ser percebido como um tempo desconhecido e negado para esses trabalhadores.

As férias também se apresentam como um tema a ser discutido na relação tempo de trabalho e tempo livre. As interações indicam que esse é um tempo que pode ser alterado pela chefia imediata ou que esse tempo não é respeitado por esta, pois o trabalhador pode ser acionado mesmo no período de férias, demonstrando que é o tempo de trabalho que é central nessa relação.

Para ilustrar elementos de análise sobre as férias, exponho o *post* e as enunciações em que os moderadores da *fanpage* publicaram em 18/08/16, que obteve 548 curtidas, 38 comentários, sem compartilhamentos. Nele, são expressos alguns aspectos vivenciados pelos trabalhadores do setor de hospedagem, representado pelos moderadores.

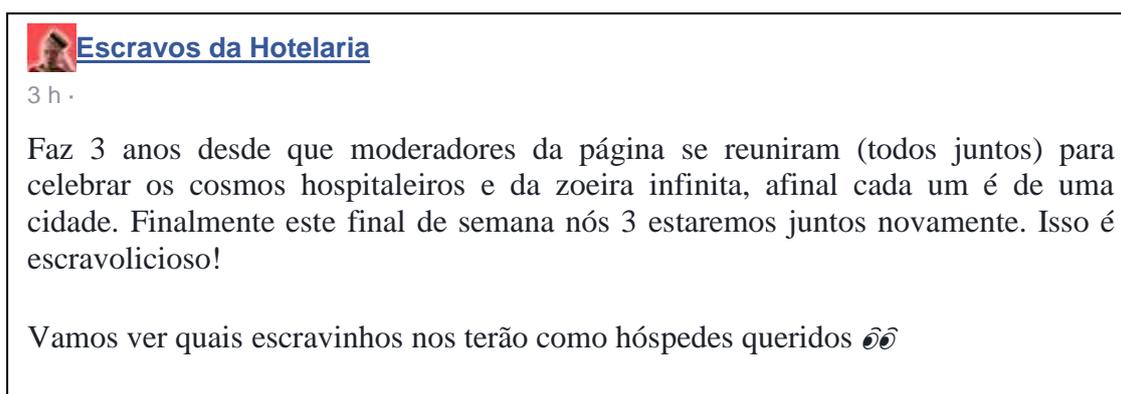
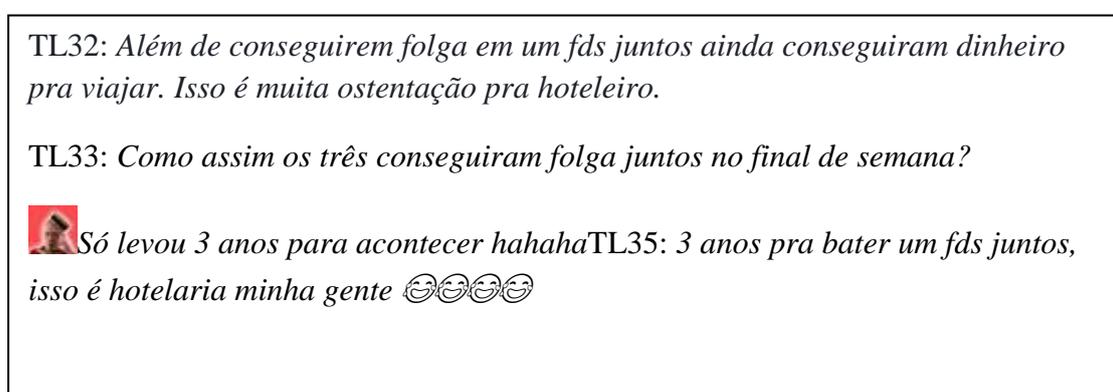


Figura 22 - Relação trabalho e tempo livre – Férias dos moderadores  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria), 2016.



Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

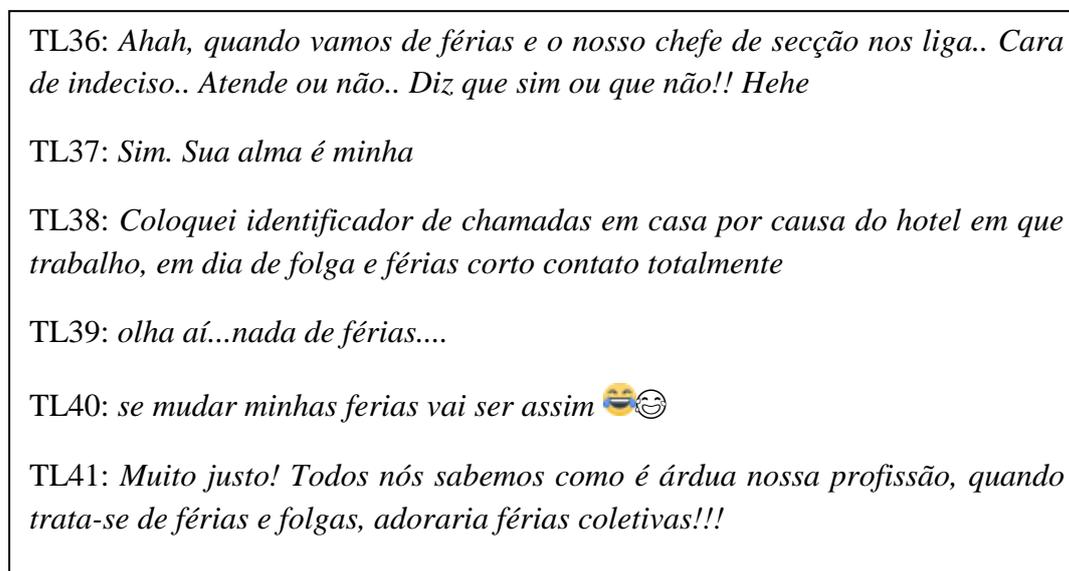
Vale destacar que, assim como os trabalhadores dos demais setores da economia que têm direito a férias, também os trabalhadores dos serviços de hospedagem têm a expectativa de usufruir das férias. Nesse aspecto, chama atenção a necessidade de conciliar os condicionantes da atividade turística: tempo livre, renda e deslocamento. Ao considerarmos o salário médio para o recepcionista de hotel em outubro de 2016 no valor de R\$1.190,84, o elemento renda pode influenciar nas práticas de lazer no tempo livre das férias para esses trabalhadores, além da definição do período de férias, como indica a enunciação “*Além de conseguirem folga em um fds juntos ainda conseguiram dinheiro pra viajar. Isso é muita ostentação pra hoteleiro*”. Aparentemente, para o trabalhador da hotelaria, ter dinheiro para viajar é ostentar e possivelmente se destacar dos demais trabalhadores do setor. Ademais, para sincronizar as férias, segundo

exposto, foram necessários 3 (três) anos, conforme ironiza um dos membros “*isso é hotelaria minha gente*”.

Aos aspectos supracitados sobre as férias, adiciona-se a possibilidade relatada em *posts* publicados de que o período de férias pode ser modificado de forma arbitrária pela gerência do meio de hospedagem, conforme segue:



Figura 23 – Relação trabalho e tempo livre – Férias  
Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)



Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

As interações demonstram que o controle sobre o tempo livre está no poder discricionário da chefia e que este tempo não é respeitado pela gerência, sendo este direito do trabalhador. Sabe-se que, segundo a CLT, as férias são direitos garantidos conforme expostos nos Art.129 e Art.130:

Art. 129 - Todo empregado terá direito anualmente ao gozo de um período de férias, sem prejuízo da remuneração.

Art. 130 - Após cada período de 12 (doze) meses de vigência do contrato de trabalho, o empregado terá direito a férias, na seguinte proporção:

I - 30 (trinta) dias corridos, quando não houver faltado ao serviço mais de 5 (cinco) vezes;

II - 24 (vinte e quatro) dias corridos, quando houver tido de 6 (seis) a 14 (quatorze) faltas;

III - 18 (dezoito) dias corridos, quando houver tido de 15 (quinze) a 23 (vinte e três) faltas;

IV - 12 (doze) dias corridos, quando houver tido de 24 (vinte e quatro) a 32 (trinta e duas) faltas.

§ 1º - É vedado descontar, do período de férias, as faltas do empregado ao serviço.

§ 2º - O período das férias será computado, para todos os efeitos, como tempo de serviço (BRASIL, 2004).

Na Convenção coletiva do SINTRAH- PE, as regras das férias programadas estão expostas, conforme a cláusula 24ª:

Fica aprovada a adoção de férias programadas, desde que seja comunicada essa programação ao funcionário, mediante a afixação no quadro de avisos da empresa, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias; o aviso de férias será por escrito e contra recibo, devendo ser paga com dois dias de antecedência do período de gozo, na forma da legislação em vigor e da presente Convenção Coletiva de Trabalho (PERNAMBUCO, 2015).

Embora tanto a CLT como a convenção coletiva do setor garantam esse direito, as interações indicam que este tempo livre legal e obrigatório pode ser alterado segundo a necessidade da organização, gerando receio nos trabalhadores de ter este tempo modificado, fazendo com que eles tomem precauções quando estiverem em seu tempo livre, como relata um membro da *fanpage* “coloquei identificador de chamadas em casa por causa do hotel em que trabalho, em dia de folga e férias corto contato totalmente”, caso contrário a empresa pode solicitar o retorno do trabalhador.

Percebe-se, assim, que as tecnologias tanto contribuem para a ampliação da exploração quantitativa e qualitativa do trabalho ao trazer novas formas de exploração, principalmente nos setores informacionais e de teleatividades que incluem os diversos segmentos, que utilizam intensivamente novas tecnologias ligadas às telecomunicações e à informática, caracterizados pela dinamicidade e arrojo na economia contemporânea,

conforme discutem Antunes e Braga (2009), como interferem na relação tempo de trabalho e tempo livre, uma vez que se configuram como meios de facilitar o acesso ao trabalhador em seu tempo de trabalho, bem como em seu tempo livre.

Acrescenta-se que esta é uma realidade vivenciada por outros segmentos do setor de serviços e da atividade turística, como explicitado nas interações que seguem:

TL42: *Kkk...não posso nem rir, na aviação é assim mesmo!!!kkk*

TL43: *Trabalho em Shopping e tb rola um povo assim q toma conta da escala e ai sem falar que ao sair de ferias roubam sua folga da semana e pior qdo tem feriado na semana mudam sua folga pra vc nao ganha uns trocos. 😊*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Essas enunciações corroboram com aspectos ligados ao tempo livre, lazer e consumo nos *shoppings centers* discutidos por Padilha (2006). A autora defende que o lazer incorporou intensamente este lugar, transformando-o não apenas num centro de compras, mas num centro de lazer, por conseguinte, tornando-o mais um elemento a ser consumido no tempo livre, assim como acontece nos serviços turísticos<sup>21</sup>, inclusive nos serviços de hospedagem.

A relação entre tempo de trabalho e tempo livre, considerando a centralidade do trabalho, interfere na vivência dos demais tempos sociais, fazendo esses trabalhadores buscarem o direito ao tempo de viver a vida, como discutem Zanin, Guevara e Rodrigues (2016).

Para esses autores, a lógica de organização do trabalho no capitalismo gera “no mínimo, o trabalho sem prazer” e a “infelicidade do trabalhador” (ZANIN; GUEVARA; ROFRIGUES, p. 118). Eles propõem a reorganização do trabalho de modo a permitir ao trabalhador o pertencimento de si mesmo e uma vida em sua plenitude. Para tanto, é preciso repensar o tempo dedicado ao trabalho, no sentido de oportunizar aos indivíduos

<sup>21</sup> Ressalta-se que a aviação comercial não é considerada um serviço turístico. Segundo a Lei<sup>o</sup> - 11.771, de 17 de Setembro de 2008, a chamada Lei Geral do Turismo, as transportadoras turísticas são “as empresas que tenham por objetosocial a prestação de serviços de transporte turístico de superfície, caracterizado pelodeslocamento de pessoas em veículos e embarcações por vias terrestres e aquáticas” (BRASIL, 2008), mas, considerando a relação transporte aéreo e turismo, esta é uma atividade geradora de desenvolvimento socioeconômico, capaz também de fomentar a atividade turística nos destinos (PALHARES, 2001).

prazer nas atividades desenvolvidas no trabalho, caso o trabalhador seja tratado de forma humanizada (ZANIN; GUEVARA; RODRIGUES, 2016).

TL32: *to assim ultimamente..... parecendo um morto vivo..... do hotel pra casa e de casa pro hotel..... sem vida, sem nada.....*

TL33: *Não saber que dia da semana é.. Ir na missa dominical na segunda.. Ser convidado para festas e churrascos que você estará trabalhando certamente, com o tempo só poderá curtir essas fotos, pois param de te chamar, vc nunca vai, começar um namoro então, se já é difícil, sem FDS, prepare-se para um inferno!!! Como Amamos trabalhar neste tipo de emprego!!! :I*

TL34: *É sério, gente.. Dá pra viver bem sem ser hoteleiro... Estuda um pouco, faz uns cursos de informática, sei la... Vira inspetor de escola, vende brigadeiro, vive de subsistência... Mas viva!*

Fonte: [www.facebook.com.br/escravosdahotelaria](http://www.facebook.com.br/escravosdahotelaria)

Antunes (2003), na discussão sobre o tempo de trabalho e o tempo livre, lembra a necessidade de se buscar “*uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho*”. Para ele, a luta pela redução da jornada de trabalho seria uma forma de “*contraposição à extração do sobre trabalho, realizada pelo capital, desde sua gênese com a revolução industrial e contemporaneamente com a acumulação flexível da era do toyotismo e da máquina informacional*”, além de permitir a “*reflexão fundamental sobre o tempo, o tempo de trabalho, o autocontrole sobre o tempo de trabalho e o tempo de vida*” (ANTUNES, 2003, p.174).

A busca pela recuperação do tempo em suas diversas dimensões oportuniza o que Antunes (2003, p. 175) denomina de “*vida autêntica*” e que esta deveria ser o principal “*empreendimento societal*”, uma vez que “*uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho*”.

Dessa forma, tal pensamento desperta a reflexão que, apenas por meio do equilíbrio entre os tempos sociais e da busca pela vivência do tempo livre de forma autônoma e criativa, haverá um tempo de trabalho mais humano e pleno de sentido.

Estes achados nos permitem apresentar no item que se segue algumas considerações finais sobre os sentidos construídos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospitalidades, especificamente os

serviços de hospedagem, com foco nos recepcionistas dos meios de hospedagem membros da *fanpage* “Escravos da Hotelaria”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

No percurso histórico, a relação sujeito-tempo passou por modificações. Tal relação implica as experiências, o valor, os sentidos e o uso dos tempos sociais. Nessa direção, esta tese busca refletir acerca da construção de sentidos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospitalidade. Tais serviços estão inseridos na atividade turística que vem tendo um crescimento significativo nos últimos anos, tanto no Brasil como no mundo. Esse crescimento se apresenta não só por meio do fluxo de pessoas que se deslocam, mas também por meio do número de pessoas ocupadas nesse setor econômico. Ressalto que o turismo é uma atividade econômica datada e influenciada pelo contexto histórico, econômico e social que a constitui e surge como fruto da luta pela liberação do tempo de trabalho e consequente conquista de tempo livre. Dessa forma, promover estudos que ajudem no entendimento dos aspectos ligados ao mundo do trabalho no turismo nos vários segmentos que compõem essa atividade faz-se necessário como forma de aproximação da realidade construída historicamente dessa ocupação econômica no país. Este estudo é minha contribuição para o mundo do trabalho no turismo e sua reverberação nos sujeitos que trabalham nessa atividade, especificamente no setor de hospedagem.

Nesse sentido, a pesquisa busca, por meio das análises dos temas: *características do trabalho, condições de trabalho, relações sociais no trabalho, relação trabalho e tempo livre*, compreender os sentidos construídos pela relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem, visando identificar tais sentidos para esses trabalhadores, investigar os sentidos construídos acerca do seu tempo livre e analisar os elementos que constituem essa relação para os trabalhadores do setor ora citado

Quanto ao tema características de trabalho, as análises indicam sentidos principalmente sobre o tempo de trabalho. Estas, além de corroborar as características do trabalho na modernidade avançada, ligadas à flexibilização e precarização do trabalho, também expressam os sentidos sobre elas. Para esses trabalhadores, tal flexibilização e precarização se aproximam do conceito de *liofilização organizacional*, “processo no qual, substâncias vivas são eliminadas”, tratado por Antunes (2008, p. 21).

A construção de sentido ligando o trabalho à liofilização se dá por se considerarem vampiros ao verem o local de trabalho sugar sua vitalidade.

Aparentemente, as características de seu trabalho levam esses trabalhadores a vivenciarem um tempo de trabalho que os leva a uma vida subjugada ao mercado e ao local de trabalho, também os expõem à relação prazer-sofrimento no trabalho, pois, dialeticamente, mesmo sendo o local de trabalho fonte de adoecimento físico e sofrimento psíquico, as interações apontam também para o prazer em trabalhar no setor. Ressalto que esses trabalhadores utilizam como a principal estratégia defensiva a ironia, evidenciada pelo caráter anedótico não só da proposta da comunidade de fala estudada, como também pelas enunciações e interações nela apresentadas.

As condições de trabalho revelam sentidos construídos sobre o tempo de trabalho. Estes estão ligados ao desrespeito como trabalhadores e seres humanos. Tais aspectos são percebidos pelas condições precárias no ambiente de trabalho, fazendo-os se identificarem como animais. Esses trabalhadores percebem também que são desrespeitados em seus saberes técnicos, uma vez que parecem não serem levados em conta no cotidiano de trabalho.

As relações sociais estabelecidas no trabalho constroem sentidos diversos. Com a gerência, este vínculo está permeado pela constante preocupação com a vigilância do trabalho, a falta de preparação para a função gerencial e o tratamento diferenciado de trabalhadores no cotidiano destes meios de hospedagem. Enfatizo que as relações interpessoais diferenciadas influenciam nas decisões sobre o tempo de trabalho. Esta aparente substituição das relações profissionais por práticas protecionistas no cotidiano de trabalho influenciam a relação com os pares, uma vez que “*a base [da relação gerente-trabalhador] é a intimidade*”, acarretando uma diferenciação de tratamento que pode potencializar conflitos entre estes sujeitos.

A relação com os pares apresenta-se de forma conflituosa e influenciada pelas relações de afeto com a gerência. As características da relação com a gerência, pautadas na aparente substituição de relações profissionais por práticas protecionistas, conforme mencionado, influenciam na relação com os pares, pois as relações afetivas, de poder e de envolvimento com o grupo acabam por gerar ‘benefícios’ diferenciados, pois aparentemente existe um tratamento para os “*preferidos*”, e outro para o “*pobre colaborador mortal*”, que representa a maioria dos trabalhadores do setor.

Ressalta-se que os *posts* publicados declaram que a jornada de trabalho, principalmente quando há alguma alteração, é um elemento gerador de conflitos entre

os pares, indicando que este é um tema melindroso nesta relação. Infere-se então que os sentidos construídos nesta relação estão ligados a uma relação assimétrica entre “*preferidos*” e “*mortais*”, além de ser conflituosa quando este tema se apresenta.

Com os hóspedes, o outro a quem os trabalhadores buscam servir, os sentidos construídos estão baseados na necessidade de humanização no tratamento direcionado a eles, numa relação dialética no contato estabelecido entre o trabalhador e o hóspede que produz prazer pelo trabalho realizado, mas produz sofrimento, pela falta de reconhecimento por parte dos hóspedes. Como estratégias de defensivas, surgem a figura da “*Musa da página*” e o uso da “*Cara de paisagem*”.

Esses mecanismos de resistências aparentemente constituem-se como personas/personagens utilizados não só como um chiste, mas como uma máscara necessária para adaptação do trabalhador às demandas que surgem na relação com o hóspede. Tais mecanismos estão pautados no caráter irônico, anedótico e de brincadeiras coletivas que amenizam as situações vivenciadas pelos trabalhadores e constroem sentidos sobre esta experiência de trabalho, amenizando o sofrimento pela falta de reconhecimento pelo/no trabalho que realizam.

A relação com o sindicato constrói sentidos pautados na sensação de falta de representatividade do trabalhador e a percepção de que seu sindicato representa, na verdade, o empregador, e esses aspectos reverberam no tom de descrédito na mobilização tanto dos trabalhadores do setor como na ação desse ator de representação devido à percepção da fragmentação sindical.

Já o tema relação tempo de trabalho e tempo livre apresenta-se pela intensificação do tempo de trabalho e pela utilização do tempo livre basicamente para dormir e recompor as energias para o retorno ao trabalho. Isso demonstra que essa relação está centrada no tempo de trabalho e que é necessária a busca pelo equilíbrio entre estes tempos sociais.

Considerando o tempo de trabalho, percebe-se que este suga a vitalidade dos trabalhadores, uma vez que ele promove adoecimento físico e psíquico, gerando um sentimento de busca pela liberdade. O tempo de trabalho expresso no tempo da jornada indica a intensificação e o controle do tempo como mecanismo de medida da produção.

No setor, a jornada exposta pela escala de trabalho no formato pelo *critério 6 x 1* indica a intensificação e precarização do trabalho nesse setor. Trata-se da escala e, assim sendo, da jornada de seis semanas de trabalho para um domingo de folga na sétima semana. Acrescenta-se que as horas extras são outro aspecto de intensificação da

jornada de trabalho no setor. Nela, percebem-se a relação de sofrimento e a de busca por se desvencilhar desta realidade, quando os trabalhadores buscam sua “*alforria*”.

O tempo livre representado pelas folgas, férias e pelos feriados constrói sentidos ligados à sua negação e inacessibilidade a este direito. A folga representará uma expectativa de tempo livre para o lazer, a diversão e o entretenimento, mas na realidade não se consegue usufruir dele, uma vez que seu tempo livre é destinado somente para a reposição das condições físicas e psíquicas para retornar ao trabalho.

Acrescento que o controle sobre o tempo livre está no poder discricionário da chefia e que este tempo não é respeitado pela gerência, pois tanto os dias de folga, folga em feriados e o período de férias podem ser modificados pela gerência conforme demanda do trabalho, demonstrando que é o tempo de trabalho que é central nesta relação.

Para usufruir do seu tempo livre, o trabalhador resiste ao dizer que “*Estou em todas*”, mas comum sacrifício físico e até insalubre, pois, para ter um tempo de lazer, o trabalhador sacrifica o tempo de descanso, pois, aparentemente, não é possível equilibrar tempo de trabalho, tempo livre e tempo de descanso, restando apenas a sensação de que esses trabalhadores não têm “*nem vida alguma*”.

Resulta desse contexto que a relação entre tempo de trabalho e tempo livre, considerando a centralidade do trabalho, interfere na vivência dos demais tempos sociais, fazendo esses trabalhadores buscarem o direito ao tempo de viver a vida. Busca pela “*vida autêntica*”, “*uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho*” (ANTUNES, 2003, p.175).

A partir da análise dos temas, busco responder ao questionamento deste estudo, sobre quais os sentidos construídos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem. Os resultados indicam que tais sentidos envolvem prazer, sofrimento, resistência pela ironia, busca pelo reconhecimento e humanização, centralidade do tempo de trabalho e negação do tempo livre, pela busca por liberdade e pela construção de uma vida autêntica fora do trabalho.

Ressalto que este estudo considerou, como pressuposto de tese, que a relação entre o tempo no trabalho e o tempo livre, considerando as características do trabalho para o lazer de outras pessoas que os trabalhadores do setor de hospedagem possuem, reverbera na construção de sentidos sobre a vivência de sua própria relação entre tempo no trabalho e tempo livre, pois, influenciada pela racionalidade que transforma a relação com o tempo em mercadoria, intensifica o tempo no trabalho e limita o tempo livre,

influindo na construção de sentidos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre, ou seja, tempo dedicado ao lazer e ao ócio.

Este pressuposto foi corroborado, pois a intensificação e a centralidade do tempo de trabalho influenciam nas vivências do tempo livre, sendo este destinado basicamente apenas para a recomposição das condições físicas e psíquicas para retornar ao trabalho, afetando também na vivência dos demais tempos sociais, inclusive o tempo para família, fazendo-os reivindicar o direito ao tempo de viver a vida.

Reforço que o estudo ora exposto busca trazer um olhar sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre, acreditando que somente por meio do equilíbrio entre essa relação é que se poderá humanizar o trabalho e proporcionar aos trabalhadores a vivência plena de todos os tempos sociais de forma mais autônoma, criativa e emancipadora dos indivíduos. Isso posto, tal pensamento endossa a reflexão feita por Antunes (2003b) na qual, apenas por meio do equilíbrio entre os tempos sociais e da busca pela vivência do tempo livre de forma autônoma e criativa, haverá um tempo de trabalho mais humano e pleno de sentido.

Destaco que esta pesquisa buscou trazer um olhar sobre o mundo do trabalho na atividade turística, especificamente nos serviços de hospedagem, para, por meio da pesquisa qualitativa, aproximar os leitores da realidade de trabalho desse setor. Estou ciente do cunho inacabado e ainda pontual deste estudo, mas acredito que ele traz luz sobre aspectos que merecem reflexão sobre a atividade turística e o segmento de hospedagem no país, principalmente enfocando o trabalhador deste setor.

Desejo que, com o fomento da atividade turística nacional e o crescimento dos empregos neste segmento econômico, o mundo do trabalho no turismo seja desvendado e se configure como tema importante de interesse e promova a realização de pesquisas nas universidades do país, mas especialmente no Nordeste. Este estudo tem a intenção de encorajar esforços neste sentido.

Assim, esta pesquisa busca contribuir para os estudos da administração, notadamente sobre os aspectos da organização do trabalho e da gestão de pessoas, trazer luzes sobre os aspectos microcentrados da relação organização e indivíduos, especificamente nas organizações prestadoras de serviços de hospedagem.

Para os atores envolvidos no cotidiano de trabalho nos meios de hospedagem, este estudo busca contribuir para a reflexão sobre as reverberações nestes sujeitos dos aspectos organizacionais de seu cotidiano de trabalho, visando uma maior aproximação com a realidade de seu trabalho, assim como uma reflexão sobre as condições,

características e relações sociais de seu trabalho, promovendo um despertar para o senso crítico destes aspectos.

Posso dizer que este estudo avança no debate sobre o mundo do trabalho no turismo e visa promover uma aproximação entre os estudiosos da área que se interessem pelo tema de modo que, no Brasil e em outros países, possa haver uma rede de cooperação entre estes estudiosos e que possamos construir juntos arenas de discussão que permitam uma maior reflexão sobre os diversos aspectos do trabalho no turismo nas suas diversas áreas.

Destaco como principais limitações deste estudo uma primeira aproximação com a proposta metodológica da pesquisa e a dificuldade de acesso com os moderadores, que poderiam enriquecer e construir conjuntamente uma metodologia mais rica e que possibilitasse um maior conjunto de informações que oportunizassem uma análise mais profunda da relação estudada.

Ressalta-se que esta pesquisa pode basear estudos futuros sobre esta relação em outros serviços ligados ao turismo, como trabalhadores do lazer, animadores e recreadores, agentes de viagens, trabalhadores da aviação, organizadores de eventos, bem como trabalhadores do nível gerencial das organizações prestadoras de serviços turísticos.

Assim, este conjunto de informações sobre o trabalho nas diversas áreas da atividade turística implicaria maior conhecimento e melhoria nas práticas gerenciais no sentido de otimizar as práticas de gestão de pessoas, quando se oportuniza um maior equilíbrio entre o tempo de trabalho e o tempo livre, buscando uma vida mais equilibrada e produtiva dentro e fora do trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALBANOZ, Suzana. **O que é trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. Sobre O direito à preguiça de Paul Lafargue. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, vol. 11, n.1, p.1-17, 2008. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n1/a02v11n1.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

ALVAREZ, Marcos César. Racionalização, trabalho e ócio: reflexões a partir de Max Weber. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes.**São Paulo: Chronos, 2002. (Coleção Lazer, esporte & sociedade).

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo.** São Paulo: Boitempo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Tempos Modernos e o fordismo.** 2005. Disponível em:<[http://www.telacritica.org/temposmodernos\\_trabalho.htm](http://www.telacritica.org/temposmodernos_trabalho.htm)>. Acesso em: 31 jan. 16.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e subjetividade.** São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho.** Bauru: Canal 6, 2013. (Projeto Editorial Praxis).

ALVES, Sérgio. **Racionalidade, carisma e tradição nas organizações empresariais contemporâneas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Porto Alegre, v.6, n.1, p. 34-40, 2008. Disponível em:<[revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/.../3687](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/.../3687)>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil.** São Paulo: Aleph, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2003b.

\_\_\_\_\_. Sindicatos na encruzilhada. In: HADDAD, Fernando et al. **Sindicatos, cooperativas e socialismo.** São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2003c.

\_\_\_\_\_. **O caracol e sua concha:** ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. A desconstrução do trabalho e a perda dos direitos sociais. **Evocati Revista**, Aravaju, n. 19, jul. 2007. Disponível em: <[http://www.evocati.com.br/evocati/artigos.wsp?tmp\\_codartigo=134](http://www.evocati.com.br/evocati/artigos.wsp?tmp_codartigo=134)>. Acesso em: 08 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Desenhando a nova morfologia do trabalho: As múltiplas formas de degradação do trabalho. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 83, p. 19-34, dez. 2008. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/431>>. Acesso em: 30 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Produção liofilizada e a precarização estrutural do trabalho. In: LOURENÇO, Edvânia et al. **O avesso do trabalho II:** trabalho, precarização e saúde do trabalhador. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ANTUNES, Ricardo; BEYNON, Huw; McILROY, John; RAMALHO, José Ricardo; RODRIGUES Iram. **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos:** reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 2002.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Org.). **Infoproletários:** degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

APPEL-SILVA, Marli; BIEHL, Kátia. Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.6, n. 2, p. 518-534, set. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27117044009>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

AQUINO, Cássio Adriano Braz. O tempo como elemento central de análise da relação entre ócio e trabalho na modernidade. In: CABEZA, Manuel Cuenca; MARTINS, José Clerton Oliveira (Org.). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As Musas, 2008.

\_\_\_\_\_. O tempo como substancialidade do trabalho: o tempo industrial e o tempo de trabalho. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 1., p. 171-184, 2008. Disponível em: <[http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume1/BRAZ\\_AQUINO.pdf](http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume1/BRAZ_AQUINO.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade que centraliza o tempo de trabalho. In: CABEZA, Manuel Cuenca; ARAÚJO, Ângela. **Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARAÚJO, Luís César G. de; GARCIA, Adriana Amadeu. **Gestão de pessoas: estratégias e integração organizacional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ARAÚJO, Gustavo Pinto de; OURIQUES, Helton Ricardo. Estudo sobre o trabalho e o tempo livre no capitalismo contemporâneo: uma abordagem empírica. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá, v. 31, n. 2, p. 113-121, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325326001>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ARBACHE, Jorge Saba. **O mercado de trabalho na atividade econômica do turismo no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

ATKINSON, John Willian. Manpower strategies for flexible organization. **Personnel Management**, Brighton, p. 28-31, ago. 1984. Disponível em: <<https://www.stonebridge.uk.com/uploads/courses/566.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ATTALI, Jacques. **Histoires du temps**. Paris: Fayard, 1982.

BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. Pinheiros, SP: Aleph, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Ed.34, 2016.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Talita Prado; SILVA, Odair Vieira da. Trabalho e lazer. **Revista Científica Eletrônica de Lazer**. Garça, SP, ano 8, n. 14, jan. 2011. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/SI9yxaARE0U0Khj\\_2013-5-23-12-6-2.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/SI9yxaARE0U0Khj_2013-5-23-12-6-2.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. **O que é globalização?** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 37-46, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a04.pdf>>. Acesso em: 10 out.2016.

BERNARDO, João. **Transnacionalização do capital e fragmentação dos trabalhadores: ainda há lugar para os sindicatos?** São Paulo: Boitempo, 2000.

BÍBLIA Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BIROU, Alain. **Dicionário das Ciências Sociais**. Lisboa: Dom Quixote, 1966.

BOON, Bronwyn. When leisure and work are allies: the case of skiers and tourist resort hotels. **Career Development International**, v. 11, Iss: 7, p.594-608, 2006. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/13620430610713463>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 2002.

BRAGA, Gustavo Henrique. **Turismo movimentou R\$ 492 bilhões no Brasil**. Ministério do Turismo. 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/957-turismo-movimentou-r-492-bilhoes-no-brasil.html>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho. Legislação Previdenciária. Constituição Federal. Anne Joyce Angher. Coordenação. 4. ed. São Paulo: Rideel, 2004

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.771**, de 17 de setembro de 2008. Brasília, DF, 2008. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111771.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111771.htm)>. Acesso em: 07 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.291**, de 20 de Julho de 2010. Brasília, DF, 2010. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12291.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12291.htm)>. Acesso em: 07 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnológicos**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7931-cat-cur-sup-05-11-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7931-cat-cur-sup-05-11-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 07 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos**. Brasília, DF, 2012. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11394-catalogo-nacional-versao2012-pdf&category\\_slug=agosto-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11394-catalogo-nacional-versao2012-pdf&category_slug=agosto-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 07 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Anuário Estatístico do Turismo 2016 – ano base 2015**. Brasília, 2016. v. 43. Disponível em:

<<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Boletim de Desempenho Econômico do Turismo**. Ano 8, n. 51. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/sondagens-conjunturais/boletim-de-desempenho-econ%C3%B4mico-do-turismo.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Turismo. **Conheça 12 destinos para visitar na baixa temporada**. 30 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/03/conheca-12-destinos-para-visitar-na-baixa-temporada>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

CAON, Mauro. **Gestão estratégica de serviços de hotelaria**. São Paulo: Atlas, 2008.

CABEZA, Manuel Cuenca. Ócio humanista. In: CABEZA, Manuel Cuenca; MARTINS, José Clerton Oliveira. (Org.). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As Musas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ocio humanista: dimensiones y manifestaciones actuales del ocio**. Documentos de Estudios de Ocio, num 16. Bilbao: Universidad de Deusto, 2000.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CANÇADO, Vera L.; SANT'ANNA, Anderson de Souza. Mecanismos de defesa. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013.

CAPUTO, Victor. 15 fotos incríveis tiradas pelo telescópio Hubble em 25 anos. **Exame.com** Ciência, Tecnologia. 13 set. 2015. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/ciencia/15-fotos-incriveis-tiradas-pelo-telescopio-hubble-em-25-anos/>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador**. São Paulo: Annablume, 2009.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A década neoliberal e a crise dos sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CARVALHO NETO, Antônio Moreira de. **Relações de Trabalho e negociação coletiva na virada do milênio**: estudo em quatro setores dinâmicos da economia brasileira. Belo Horizonte: Vozes: IRT: PUC Minas, 2001.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 1.

CASTILLO, Juan J. **Sociología del trabajo**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1996. Colección Monografías, 152.

CASTILHO, César Teixeira. Entrevista com Chris Rojek: percurso acadêmico e aproximação com os estudos do lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.133-149, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/viewFile/337/235>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Event power: como gerenciar e manipular eventos globais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 347-352, jan./mar. de 2016. Disponível em: <[www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/54966/36622](http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/54966/36622)>. Acesso em: 14 nov. 2016.

CATTANI, Antônio David (Org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2002.

CAVALCANTE Sara Alexandra. Santos; COSTA, Jean Henrique. A canoa furada: condições e relações de trabalho no setor de hospedagem em Canoa Quebrada (CE). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.83-103, abr. 2011.

CAVALCANTE FILHO, Urbano; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1., 2011, Vitória, ES. **Anais...** Vitória, ES, 2011. Disponível em: <[periodicos.ufes.br/conel/article/download/2014/1526](http://periodicos.ufes.br/conel/article/download/2014/1526)>. Acesso em: 09 maio 2016.

CHANLAT, Alain; BÉDARD, Renée. **Palavras**: a ferramenta do executivo. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 2007. v. 1.

CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 2007. v. 1.

\_\_\_\_\_. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1993. v. 2.

\_\_\_\_\_. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996. v. 3.

CHARLES, Sébastien. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: FabreFactum, 2010.

COSTA, Nelson Barros da. Contribuições do marxismo para uma teoria crítica da linguagem. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 27-54, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n1/a02v16n1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

COUTO JÚNIOR, Dilton Ribeiro. Etnografia virtual e as contribuições de Mikhail Bakhtin na pesquisa com internautas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 83-94, maio/ago 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24330/17308>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

CRUZ, Melissa. Facebook revela dados do Brasil na CPBR9 e WhatsApp ‘vira ZapZap’. **Techtudo**. 28 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>>. Acesso em: 23 set. 2016.

DAL ROSSO, Sadi. **Maistrabalho!:** a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A jornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu**. São Paulo: LTR, 1996.

\_\_\_\_\_. **O debate sobre a redução da jornada de trabalho**. São Paulo: ABET, 1998.

\_\_\_\_\_. Intensificação do trabalho: teoria e método. In: DAL ROSSO, Sadi. FORTES, José Augusto Abreu Sá. **Condições de trabalho no limiar si século XXI**. Brasília: Época, 2008a.

DANTAS, Juliana de Souza. O marxismo contra os pós-marxistas. **Cronos**, Natal, RN, v. 7, n. 2, p. 437-440, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3224/2614>>. Acesso em: 08 maio 2016.

DAVIES, Carlos Alberto. **Cargos em hotelaria**. 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho**: contribuições da escola dejouniana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christopher. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Org.). **O indivíduo na Organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas 2007. v. 1.

\_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Trabalho vivo**: trabalho e emancipação. Tomo II, Brasília: Paralelo 15, 2012.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DIAS, Maria das Graças. **A justiça e o imaginário social**. Florianópolis: Momento Atual, 2003.

DIAS, Reinaldo. PIMENTA, Maria Alzira (Org.). **Gestão de hotelaria e turismo**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DUMAZEDIER, Jost. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2003.

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica - um estudo do complexo petroquímico**. São Paulo: Boitempo, 1999.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELICHRIGOITY, Maria Teresinha Py. A formação do sentido e da identidade na visão Bakhtiniana. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 181-206, 2008. Disponível em:<<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo12.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2016.

ELIZALDE, Rodrigo. GOMES, Christianne Luce. Tempo livre: entendimentos enunciados por participantes de mestrados latino-americanos em lazer e recreação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.569-591, abr/jun de 2014. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42866>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

ESCRAVOS da hotelaria. Funpage. Facebook. **Pesquisa de Mapeamento Hoteleiro Brasil**.10/02/14. Disponível em<<https://www.facebook.com/escravosdahotelaria/?fref=ts>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

ESCRAVOS da hotelaria. Funpage. Facebook.2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/escravosdahotelaria>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

EVANGELISTA, João Emanuel. Teoria social e pós-modernismo: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos. **Cronos**, Natal, RN, v. 7, n. 2, p. 271-281, jul./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3207/2597>>. Acesso em: 05 maio 2016.

FACEBOOK. Central de Ajuda. 2016. Disponível em:< <https://pt-br.facebook.com/help/> >. Acesso em: 23 set. 2016.

FARIA, José Henrique; RAMOS, Cinthia Letícia. Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção de tempo de trabalho. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 47-74, jul./ago. 2014. Disponível

em:<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/5310>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso em Estudos organizacionais: as concepções de Pêcheux e Bakhtin. **Teoria e Prática em Administração**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 51-71, 2015. Disponível em:<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tpa/article/view/26399>>. Acesso em: 11 out. 2016.

FERNANDES, Danielle Cireno; HELAL, Diogo Henrique. **O que é precarização do trabalho?** 2010. Disponível em:<<http://gestaope.blogspot.com.br/2010/09/o-que-e-precariozacao-do-trabalho.html>>. Acesso em: 04 set. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FINEMAN, Stephen. A emoção e o processo de organizar. In: CLEGG, Stewart R. HARDY, Cynthia. NORD, Walter R. **Handbook de estudos organizacionais: reflexões e novas direções**. São Paulo: Atlas, 2009. v. 2.

FOGLIA, Sandra Regina Pavani. **Lazer e trabalho: um enfoque sob a ótica dos direitos fundamentais**. São Paulo: LTr, 2013.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; PETIT, Aljacyara M. Correia de M. Turismo e trabalho em áreas periféricas. **Scripta NovaRevista Electrónica de Geografía y Ciências Sociales**, Barcelona, v. 6, n. 119, 1 ago. 2002. Disponível em:<<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119128.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

FREITAS, Grayci Kelli Alexandre de; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. Concepção da netnografia da comunicação: uma abordagem aplicada à pesquisa em administração. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 10, n. 2, p. 211-228, maio/ago. 2012. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21722/18360>>. Acesso em 09 nov. 2015.

GARCIA, Wiulla Inácia; LIMA, Perla Alves Martins; MORAES, Rosângela Dutra de. Vivências de sofrimento no judiciário do Amazonas: o papel da organização do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MORAES, Rosângela Dutra de (Org.). **O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia**. Curitiba: Juruá, 2013.

GARCIA NETO, Antônio. Análise do discurso: o discurso na visão de Bakhtin. **Perspectiva Focal**. 2012. Disponível em: <<https://antoniogarcianeto.wordpress.com/2012/10/08/analise-do-discurso-o-discurso-na-visao-de-bakhtin/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

GASPARINI, Giovanni. Tempo e trabalho no ocidente. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996. v. 3.

GOLDSCHMIDT, Eliana Rea. A carta de alforria na conquista da liberdade. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, São Paulo, v. 33, n. 50, p.114-125, jul. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v33n50/v33n50a13.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

GOMES, Cristina Marques; REJOWSKI, Miriam. Posicionamento teórico e conceitual do lazer turístico no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação28.,Rio de Janeiro, 2005. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom: UERJ, 2005. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1571-1.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil**: breve trajetória histórica. 2004. Disponível em:<[http://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof.\\_Adalberto\\_Santos/1-dumazedier\\_e\\_os\\_estudos\\_do\\_lazer\\_no\\_brasil-\\_breve\\_trajetoria\\_historica\\_12.pdf](http://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos/1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil-_breve_trajetoria_historica_12.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2016.

GOMES, Christianne Luce. O ‘ócio’ como objeto de estudos: notas introdutória sobre conceitos e ocorrência histórica em nossa sociedade. **Cuadernos de ócio y sociedade**, v.1, p. 23- 40, 2007. Disponível em:<<https://grupootium.files.wordpress.com/2011/06/o-ocio-como-objeto-de-estudos.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. São Paulo: Annablume, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GRISCI, Carmem Lígia Iochins. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da psicologia nas organizações. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 19, n. 1, 1999. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v19n1/02.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2015.

\_\_\_\_\_. Trabalho, tempo e subjetividade e a constituição do sujeito contemporâneo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, ed. esp. temática. p. 87-106, 1999a. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/24085/21503>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

GROSSIN, William. **Pour une Science des temps**. Paris: Octarès, 1996.

GRUPO de Estudos Marxismo e Psicologia: Crítica Marxista à Teoria Social Pós-Moderna. 2016. Disponível em:<<http://cpar.sites.ufms.br/files/2016/02/GRUPO-DE-ESTUDOS-MARXISMO-E-PSICOLOGIA-1.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2016.

GUERRIER, Yvonne; ADIB, Amel. Work at leisure and leisure at work: a study of emotional labour of tour reps. **Human Relations**, Londres, v. 56, n. 11, p. 1399-1417, nov. 2003. 56, 11. Disponível em:<<http://hum.sagepub.com/content/56/11/1399.full.pdf+html>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

GUIMARÃES, Maria Stela B.; SILVA, Jersone Tasso Moreira. A influência da classe ociosa no contexto econômico-social do estado desenvolvimentista. **Revista FAE**, Curitiba, v.5, n.3, p.61-74, set./dez. 2002. Disponível em:<[http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista\\_da\\_fae/fae\\_v5\\_n3/a\\_influencia\\_da\\_classe\\_ociosa.pdf](http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v5_n3/a_influencia_da_classe_ociosa.pdf)>. Acesso em: 11 fev.2013.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012a. v. 2.

HASSARD, John. Imagens do tempo no trabalho e na organização. In: CLEGG, Stewart; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2009. v. 2.

\_\_\_\_\_. Tempo de trabalho: outra dimensão esquecida nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 2007. v. 1.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELONAI, Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2010.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Anual de Serviços 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. v. 14. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/150/pas\\_2012\\_v14.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/150/pas_2012_v14.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2015.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. MINISTÉRIO DO TURISMO - IPEA. **Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho do Setor Turismo – SIMT**. Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/161018\\_oficina\\_geral\\_sistema\\_informacoessobre\\_mercado\\_trabalho\\_setor\\_turismo.pdf](http://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/161018_oficina_geral_sistema_informacoessobre_mercado_trabalho_setor_turismo.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2016.

ISMAIL, Ahmed. **Hospedagem: front office e governança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (Org.). **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2004.

KELLY, John R. Work and leisure: a simplified paradigma. **Journal of Leisure Research**, Arlington, v. 4, Iss. 1, 2009. Disponível em: <<http://search.proquest.com/openview/2aa24d7b059a0a6225b4b04cef833a80/1?pq-origsite=gscholar>>. Acesso em: 20 out. 2014.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAFARGUE, Paul. **Direito à preguiça**. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri, SP: Manole, 2004.

LEAL, Giuliana Franco. Trabalhos flexíveis, vidas flexíveis? Trabalho e laços sociais nas trajetórias de trabalhadores qualificados migrantes na modernidade avançada. **Política & Trabalho**: Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, n. 42, p. 269-286, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/17010/14165>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

LEAL, Rosângela Maria de Almeida Camarano; AZEVEDO, Kennya Rodrigues Nézio; NEVES, Elizilmara Barbosa Dias; CAMILO, Cleucimara Aparecida. A saúde daqueles que cuidam da saúde mental dos outros: a atividade de trabalho dos profissionais de um centro de saúde mental. In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MORAES, Rosângela Dutra de (Org.). **O sujeito no trabalho**: entre a saúde e a patologia. Curitiba: Juruá, 2013.

LEITE, Márcia de Paula. **Trabalho e sociedade em transformação**: mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos Homens**. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LIEDKE, Elida Rubini. Relações de trabalho. In: CATTANI, Antônio David. **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Porto Alegre:

Ed. da UFRGS, 2002.

LIMA, Juliana Ribeiro de; REJOWSKI, Mirian. Ensino superior em turismo no Brasil: a produção acadêmica de dissertações e teses (2000-2009). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, Santa Catarina, v.5, n.3, p.406-432, dez.2011. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/462>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

LIMA, Suzana Canez da Cruz. A fala em ação: experiência em psicodinâmica do trabalho no serviço público. In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MARRONE, Carla Faria; FACAS, Emílio Peres (Org.). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza; NAVARRO, Vera Lúcia (Org.). **Avesso do Trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUZ, Ricardo Santos da; BAVARESCO, Agemir. Trabalho alienado em Marx e as novas configurações do trabalho. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, RN, v. 17. n. 27, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/796/734>>. Acesso em: 17 nov.2017.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAAR, Wolfgang Leo. A dialética da centralidade do trabalho. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.58, n.4, out./dez. 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000400014&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000400014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 dez. 2015.

MAIA, Antônio Glaudenir Brasil; OLIVEIRA, Renato Almeida de. Marx e a crítica contemporânea à pós-modernidade. **Argumentos: Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 3, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6703>>. Acesso em: 05 maio 2016.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARINHO, Cristiane Maria. Lyotard e a pós-modernidade. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 139-157, 2008. Disponível em: <[http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume1/CRISTIANE\\_MARINHO.pdf](http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume1/CRISTIANE_MARINHO.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2016.

MARTINS, José Clerton Oliveira (Org). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As Musas, 2008.

\_\_\_\_\_. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479- 500, set. 2007. Disponível em: <[http://hp.unifor.br/pdfs\\_notitia/1851.pdf](http://hp.unifor.br/pdfs_notitia/1851.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2016.

MARTINS, José Clerton de Oliveira Martins; AQUINO, Cássio Adriano Braz de; SABÓIA, Iratan Bezerra de; PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes. De *Kairós* a *Kronos*: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n.2, p.219-228, 2012. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/61619/64516>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858 - esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**: teses sobre Feuerbach. São Paulo: Centauro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A sagrada família ou crítica da crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores**. São Paulo: Centauro, 2005.

MASINA, Renato. **Introdução ao estudo do turismo: conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MATTOSO, Jorge. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995.

MAYA, Paulo Valério Ribeiro. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, M.G.C. et al. (Org.). **Relações sociais e ética**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/6j3gx/pdf/jacques-9788599662892-07.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

MÉDA, Dominique. **O trabalho: um valor em vias de extinção**. Lisboa: Fim de século Ed., 1999.

MELITO, Leandro. **Relembre: jornada de protestos de junho completa um ano**. Cidadania. Portal EBC. 11 jul. 2014. Disponível em:<<http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/06/protestos-completam-um-ano-e-violencia-policial-se-repete>>. Acesso em: 31 out. 2016.

MELO, William; FÉLIX, Jonathan; CONCEIÇÃO, Jonas. As metamorfoses do trabalho no setor turístico. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unicamp, 2012. Disponível em:<[http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/5942\\_Lopes\\_Jonathan.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/5942_Lopes_Jonathan.pdf)>. Acesso em: 10 jun 2014.

MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. (Coleção Trabalho Humano).

\_\_\_\_\_. MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MARRONE, Carla Faria; FACAS, Emílio Peres (Org.). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2012.

\_\_\_\_\_. BORGES, Livia de Oliveira; FERREIRA, Mário César (Org.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MORAES, Rosângela Dutra de (Org.). **O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia**. Curitiba: Juruá, 2013.

MERCURE, Daniel; SPURK, Jan. (Org.). **O trabalho na história do pensamento**

**ocidental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico.** São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **A crise estrutural do capital.** São Paulo: Boitempo, 2011a.

MOMMAAS, Hans. European leisure studies at the crossroads? A history of leisure research in Europe. **Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal**, v. 19, Iss 4, p. 241-254. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01490409709512253>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

MORAES, Rosângela Dutra de; VASCONCELOS, Ana Cláudia Leal; FONSECA, Paulo José da Silva. Sofrimento, sobrecarga e adoecimento no trabalho: pesquisas realizadas no polo industrial de Manaus. In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MORAES, Rosângela Dutra de (Org.). **O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia.** Curitiba: Juruá, 2013.

\_\_\_\_\_. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia. MERLO; Álvaro Roberto Crespo. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho.** Curitiba: Juruá, 2013.

NASCIMENTO, Talita Almeida de Campos; OLIVEIRA, Sidinei Rocha de. Os sentidos do trabalho no serviço público: uma perspectiva geracional. In: ENCONTRO NACIONAL DAS PÓS-GRADUAÇÕES EM ADMINISTRAÇÃO, 37., 2013, São Paulo. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_GPR1162.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_GPR1162.pdf)>. Acesso em: 17 nov.2016.

NAVARRO, Vera Lúcia; PADILHA, Valquíria. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia e Sociedade.** Porto Alegre, v. 19, n. esp., 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400004>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

NOGUEIRA, Eros E. S. O tempo nas organizações: conceitos e resultados de estudo exploratório de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DAS PÓS-GRADUAÇÕES EM ADMINISTRAÇÃO, 27., 2003, Atibaia, SP. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-teo-1410.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

NORONHA, Eduardo G. O modelo legislado de relações de trabalho no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 241- 290,2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582000000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582000000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 out. 2016.

OFFE, Claus. **Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da “sociedade do trabalho”**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. v. 1.

OHNO, Taiichi. **O sistema Toyota de produção: além da produção em larga escala**. São Paulo: Bookman, 1997.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. Uma perspectiva teórico-metodológica para os estudos históricos e discursivos: Mikhail Bakhtin, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”. In: MARX 2014 - SEMINÁRIO NACIONAL DE TEORIA MARXISTA, 2014, Uberlândia. Disponível em: <<http://www.seminariomarx.com.br/eixo03/Uma%20perspectiva%20teorico-metodologica%20para%20os%20estudos%20historicos%20e%20discursivos.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

OLIVEIRA, Maurício Roque Serva de. **Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas**. 1996. 316 f. Tese (Doutorado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas – FGV, São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas, SP: Alínea, 2005.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e racionalidade econômica: um par imperfeito**. São Paulo: Alínea, 2000.

\_\_\_\_\_. **Shopping Center: a catedral das mercadorias.** São Paulo: Boitempo, 2006.

PADILHA, Valquíria; GRANDE, Márcia Mazzeo. “A gente fica muito tempo aqui dentro!”: reflexões sobre o trabalho de gerentes, recepcionistas e camareiras de hotéis. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 111-125, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25719/27452>>. Acesso em: 31 out. 2014.

PADILHA, Valquíria; ZARATINI, Alexei José. Trabalho e tempo livre: um estudo sobre qualidade de vida no trabalho com gerente do setor hoteleiro. **Revista FACEF Pesquisa**. Franca, SP, v. 13, n.2, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/242>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

PALHARES, Guilherme Lohmann. **Transporte aéreo e turismo: gerando desenvolvimento socioeconômico.** São Paulo: Aleph, 2001.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PAULA, Alessandro Vinícius de. et al. Os sentidos e significados do trabalho: um estudo com os trabalhadores das fábricas de polvilho no sul de Minas Gerais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 7., 2012, Curitiba. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo\\_2012/2012\\_ENEO131.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2012/2012_ENEO131.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. Os estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n.03, p. 87-116, setembro/dezembro de 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2675>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

PERNAMBUCO. Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e similares do Estado de Pernambuco. **Convenção Coletiva de Trabalho 2015/2016.** 30 set. 2015. Disponível em: <<http://sintrahpe.com.br/wp-content/uploads/2015/11/CONVEN%C3%87%C3%83O-2015.2016.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2016.

POCHMANN, Márcio. **O Trabalho sob Fogo Cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século.** São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **O emprego na globalização:** a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reestruturação produtiva:** perspectiva de desenvolvimento local com inclusão social. Petrópolis-RJ: 2004.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social:** uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo: Boitempo, 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A contribuição de Elias e Dunning para o estudo do lazer. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 494-500. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais11/artigos/52%20-%20Proni.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2014.

PRATES, Caroline; SILVA, Natália Gomes da. **O sentido do trabalho para o operário:** estudo de caso em uma fábrica de componentes eletrônicos. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 4., 2013, Brasília. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr\\_2013/2013\\_EnGPR172.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2013/2013_EnGPR172.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer.** São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2011.

QUERIDO, Fábio Mascaro. Crise da modernidade, Marxismo e (pós)modernismo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 67, p. 197-199, jan./abr. 2013.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações:** uma reconceituação da riqueza das noções. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1989.

RAMALHO, José Ricardo. Precarização do trabalho e impasses da organização coletiva no Brasil. In: ANTUNES, R.. **Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos:** reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2002.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, p. 118-128, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879/%3E>>. Acesso em: 26 ago.2016.

REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

\_\_\_\_\_. Realidade versus Necessidades da Pesquisa Turística no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 09., n. 1, p. 83-91, maio 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63427/66170>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Produção Científica em Turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 224-246, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14215/16033>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. KOBASHI, Nair Yumiko. Subsídios para Elaboração de um Tesouro Brasileiro de Turismo. **Revista Turismo em Análise**. v. 22, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14264/16082>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

RIBEIRO, Danielle Cristine. **O Estado no sistema metabólico do capital: uma relação de complementaridade na base material**. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Marília, SP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/88725?locale-attribute=en>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

RIBEIRO, Luis Felipe. O conceito de linguagem em Bakhtin. **Revista Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>. Acesso em: 14 maio 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBERTS, Ken. Leisure: the importance of being inconsequential. **Leisure Studies**, v. 30, n. 1, p. 5-20, jan. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/02614367.2010.506650>>. Downloaded by [Database NHTV Internationale Hogeschool]. Acesso em: 18 Jun. 2015.

ROJEK, Chris. **Leisure and culture**. Palgrave Macmillian, 2000.

\_\_\_\_\_. **The labour of leisure**. London: Sage, 2011.

\_\_\_\_\_. **Event power: How Global Events manage and manipulate.** London: Sage, 2013.

RONDEAU, Alain. **Gestão dos conflitos nas organizações.** In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 2007. v. 1.

ROSSI, Elisabeth Zulmira. Análise clínica da organização do trabalho bancário e o processo de adoecimento por LER/ DORT. In: MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MARRONE, Carla Faria; FACAS, Emílio Peres (Org.). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros.** Curitiba: Juruá, 2012.

RUGIU, Antônio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SALAMA, Pierre. **Pobreza e exploração do trabalho na América Latina.** São Paulo: Boitempo, 1999.

SALÁRIO mínimo nominal e necessário. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. 2016. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>>. Acesso em: 26 set. 2016.

SANCHO, Amparo. **Introdução ao turismo.** Organização Mundial do Turismo – OMT. São Paulo: Roca, 2001.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. **Além da fábrica.** São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTOS, Noberto Pinto dos; GAMA, Antônio. **Lazer: da liberação do tempo à conquistas das práticas.** Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

SANTOS, Gabriela de Moraes. **Trabalho na modernidade: sociedade de risco e desrespeito aos direitos sociais e econômicos dos trabalhadores.** In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 7., 2012, Porto. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/19251183-Trabalho-na-modernidade-sociedade-de-risco-e-desrespeito-aos-direitos-sociais-e-economicos-dos-trabalhadores.html>>. Acesso em: 24 set. 2014.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual**. São Paulo: EDUSP, 2010.

SARAIVA, Joseana Maria (Org.). **O(A) profissional de hotelaria e empresa similar: o saber, o ser e o saber-fazer**. Recife: Bagaço, 2009.

SCREMIN, Mayra. A exaltação da razão no Iluminismo e a crítica à razão instrumental da Escola de Frankfurt. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 7, n. 17, maio 2004. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=3570&revista\\_caderno=15](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=3570&revista_caderno=15)>. Acesso em: 25 set. 2014.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; ESTRAMIANA, José Luis Álvaro. “Tempo livre” e “Tempo de trabalho”: a dissolução das fronteiras temporais. **Quaderns de Psicologia**, Bellaterra, v. 14, n. 2, p. 67-76, 2012. Disponível em: <<http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/1138>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, LizeteShizueBomura (Org.). **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2002

SILVA, Eduardo Pinto e. Reflexões sobre o Fordismo e o Pós-Fordismo. **Impulso**, Piracicaba, n. 16 v. 39, p. 153-155, 2005. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp39art12.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SILVA, Iraneide Pereira. **Relações de trabalho em serviços de hospitalidade: um estudo sobre a hotelaria em Boa Viagem – Recife – PE**. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração, PPGA, UFPB, João Pessoa, 2005.

SILVA, Sidartha Sória. **Reestruturação produtiva, crise econômica e os rumos do sindicalismo no Brasil**. Brasília: Fundação Milton Campos, Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 2001.

SILVEIRA, Victor Natanael Schwetter. Racionalidade e organização: as múltiplas faces do enigma. **Revista Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 4, p. 1107-1130, out./dez. 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rac/v12n4/10.pdf>>. Acesso em: 25 set.2014.

SNIR, Raphael. Work-leisure relations: leisure orientation and the meaning of work. **Journal of Leisure Research**, v. 34, Iss 2, pp.178-202, 2002. Disponível em:<<http://js.sagamorepub.com/jlr/article/view/628>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

SOARES, Daniela Cristina; VIEIRA, Adriane. **O sentido do trabalho e a (re)construção das identidades**: um estudo de caso em uma empresa de telefonia celular. In:ENCONTRO NACIONAL DAS PÓS- GRADUAÇÕES EM ADMINISTRAÇÃO, 33.,2009, São Paulo. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR325.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

STIGLITZ, Joseph. **A globalização e seus malefícios**: a promessa não-cumprida de benefícios globais.São Paulo: Futura, 2002.

STRÖHER, Carlos. Entre o ócio e o neg(ócio): lazer e Revolução Industrial. **Webartigos**. 4 fev. 2010. Disponível em:<<http://www.webartigos.com/artigos/entre-o-ocio-e-o-neg-ocio-lazer-e-revolucao-industrial/32120/>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

SUE, Roger. **El ócio**. México: Breviarios del Fondo de Cultura Econômica, 1980.

SUTTON, Leah A. **Vicarious Interaction**: A Learning Theory for Computer-Mediated Communications. Annual Meeting of the American Educational Research Association. New Orleans, LA, p. 24-28, 2000. Disponível em:<<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED441817.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. The principle of vicarious interaction in computer-mediated communications. **International Journal of Educational Telecommunications**, v. 7, n. 3, p. 223-242, 2001. Disponível em:< <https://www.learntechlib.org/p/9534>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

TABBONI, Simonetta. **Les temps sociaux**. Paris: Armand Colin, 2006.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios invisíveis da produção capitalista**. São Paulo: Cortez, 2004.

THERBORN, Gören. **Do marxismo ao pós-marxismo?** São Paulo: Boitempo, 2012.

THOMPSON, Edward. Palmer. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TITTONI, Jaqueline. **Trabalho, poder e sujeição:** trajetórias entre o emprego, o desemprego e os 'novos' modos de trabalhar. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. **A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo.** 6 ed. São Paulo, Papyrus, 1998.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1996.

VARGAS, Adriana Trindade. Algumas reflexões sobre a noção de sujeito na teoria bakhtiniana e na teoria pechetiana. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 283-290, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/135/61>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

VASCONCELOS, Isabella Freitas Gouveia de; MASCARENHAS, André Ofenhejm; ZACARELLI, Laura Menegon. As percepções subjetivas do tempo nas organizações e a mudança organizacional: uma análise comparativa da Deimler Chrysler e da Bull França. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 13, n. 36, p. 65-83, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v13n36/a04v13n36.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

VASCONCELOS, Marcelo Simão de; ARAÚJO, Inesita Soares de. Usos da Etnografia em mundos virtuais baseados na imagem. **RECISS: Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p.75-85, jun. 2011. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/531>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

VASOPOLO, Luciano. **Trabalho atípico e a precariedade.** São Paulo: Expressão Popular, 2005.

VEBLÉN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa.** São Paulo: Pioneira Ed., 1987.

VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. **Recepcionista de hotel.** Canoas, RS: Ulbra, 1996.

VILLELA, Marina Cruz Vieira. Democracia, espaço público e internet. CONFERÊNCIA ACORN-REDECOM, 5., 2011, Lima. **Anais...** Lima, 2011. p. 19-20. Disponível em: <[http://www.acorn-redecom.org/papers/2011Villela\\_Portugues.pdf](http://www.acorn-redecom.org/papers/2011Villela_Portugues.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2013.

WANG, Ning. From Leisure as Ideology to Leisure as Industry: Changing Leisure Policies in China. **World Leisure Journal**, v. 47, Iss 1, p.5-11, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/04419057.2005.9674381>>. NHTV Internationale Hogeschool. Acesso em: 18 jun. 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2009. v. 1.

WHITROW, Gerald James **O tempo na história**: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy. **Em defesa da história**: Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ZANDWAIS, Ana. Contribuições de teorias de vertente marxista para os estudos da linguagem. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n.12, p. 51-63, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55121/33521>>. Acesso em: 10 maio 2016.

ZANIN, Fábio Luiz; GUEVARA, Arnoldo José de Hoyos; RODRIGUES, Arlindo M. Esteves. Tempo para trabalhar, tempo para viver a vida: as possibilidades de uma vida a ser vivida fora da centralidade do trabalho. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 31 n. 2, p. 108-121, 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/27496/20429>>. Acesso em: 25 out. 2016.

ZUIN, Poliana Bruna. Considerações a respeito do significado e sentido em Vygotsky e Bakhtin: encaminhamentos para o ensino da língua. **Trilhas pedagógicas**, Pirassununga, SP, v. 1, n. 1, p. 23-37, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume1/2.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2016.

WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy. **Em defesa da história: Marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ZANDWAIS, Ana. Contribuições de teorias de vertente marxista para os estudos da linguagem. **Conexão Letras**. v. 9, n. 12, | 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55121/33521>>. Acesso em: 10 maio 2016.

ZANIN, Fábio Luiz; GUEVARA, Arnoldo José de Hoyos; RODRIGUES, Arlindo M. Esteves. Tempo para trabalhar, tempo para viver a vida: as possibilidades de uma vida a ser vivida fora da centralidade do trabalho. **Pensamento & Realidade**. v. 31 n. 2. p. 108-121, 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/27496/20429>>. Acesso em: 25 out. 2016.

ZUIN, Poliana Bruna. Considerações a respeito do significado e sentido em Vygotsky e Bakhtin: encaminhamentos para o ensino da língua. **Trilhas pedagógicas**, v. 1, n. 1. Ago. 32 2011, p. 23-37. Disponível em: <<http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume1/2.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2016.





Ano	2014	2014	2014	2014	2014	2014	2014
Linguagem	Texto +imagem	Texto	Texto	Texto +imagem	Texto +imagem	Texto +imagem	Texto
Tempo de interação	25/01/14 a 01/02/14	08 (22h59) a 11/03/14 (02h27)	??	17/03/14???	26 a 27/03/14	??	31/12/14
Curtidas	??	653	108	671	90	??	748
Compartilhamentos	??	24	3	???	??	??	100
Nº de comentários	42	41	18	41	14	34	25
Tema	Condições de trabalho/descanso	Condições de trabalho	Relação com os pares	Folga	Folga	Cotidiano de trabalho	Folga/direitos
Enunciados destacados	Esse é o tratamento aos funcionários que por vezes se desdobram para atender os clientes da melhor maneira e com o melhor sorriso. Sem falar na exigência de se falar fluente vários idiomas, cursos, experiência na função, competitivo, alto desempenho e no	Ai garanto a vocês que metade da rede hoteleira vai ser mandada embora . Vontade não falta para uma revolução geral mas, quem tem a coragem de trocar o certo pelo duvidoso ? Eis a questão !  ai eles simplesmente contratam mais escravos e o tronco continua rolando solto como sempre aconteceu ... .E vai continuar por	hahaaaa se é comigo tava declara a 3 guerra mundial !! a folga iria ser duplaa !!!  Isso não é nd, pior é o colega pedir p trocar o horario, ai vc trabalha no horario dele e ele não vai no seu. Ai vc tem que dobrar. Aff  6x1 seria um sonho... O meu é, 8, 9 ou 10x1.#Lascando!	Se a folga é no dia seguinte você não vai porque já ta cansado e estressado pra sair, se a folga é no dia da balada, você não vai porque fica com preguiça de ir trabalhar no dia seguinte...  pior do que isso é qndo as suas folgas só caem no começo da semana... Ai vc espera 1 mes pelo seu domingo de folga, achando q tudo pode	Feriado? Não tenho idéia do que seja isso...  Minha folga da última semana foi ontem e minha folga do carnaval hoje. Próxima folga só Deus sabe quando oaskaoskaoska  Folga em feriado? Muita inocência	, hóspedes chegando na hora da passagem de turno. Aff rolezinho nervoso este de sexta feira !!!! Bem assim. Boas férias aproveita q depois é tronco de novo Kkkkkkkkkkkk	Pedir mais folgas é igual a pedir aumento! :v  Bora liberar os compensados chefinha kkkkk

	<p>final ganhar 800 reais</p> <p>ELES TEM UM SOFA QUE INVEJA!</p> <p>No meu hotel nem tem sala de descanso, temos que todos os dias achar um canto pra descansar.....um absurdo!!!!!!!!!!!!</p> <p>acho q conheço esse local... rsrs... espaço pequeno, mal cuidado.... total falta de respeito com os funcionários... e</p>	<p>muitos e muitos anos e o sindicato ONDE ESTA ? Sindicato vai seguir às vontades de quem? Dos escravos ou das empresas, que os sustentam?</p> <p>Pois é estamos sozinhos nessa guerra, e infelizmente não vai mudar tão cedo por mais que queremos</p> <p>O problema é esse, sabe? Sempre temos medo de sermos mandados embora... tudo bem que muita gente tem filhos pra sustentar, mas se sempre ficarmos na zona de conforto, nada muda, né?</p> <p>Já passou da hora.</p>		<p>acontecer... E passa o domingo dormindo... rs</p> <p>Na minha folga eu durmo, faço faxina e lavo roupas.</p> <p>to assim ultimamente..... parecendo um morto vivo..... do hotel pra casa e de casa pro hotel..... sem vida, sem nada.....</p> <p>podre cre, mas tbm pode ser que fiquei doente, chuva sem parar, algum cachorro de morde, ou tbm algum colega te</p>	<p>esperar por isso.</p> <p>folga virou lenda</p>	<p>k</p> <p>Tripulantes fazem Rolezin todo dia no hotel! Hahahaahahah ahaah</p> <p>aaaaaaah 120 check-outs, posso dar no-show kkkkkkkkkkkkkkkkk</p> <p>e o pior dia da semana</p> <p>Lascou para Governança g.g huehuehue</p>	
--	--	---	--	---	---	---	--

	<p>ainda colocam maquinário que fazem muito barulho proximo desse local de descanso.... insuportavel...</p> <p>Devem ter pego numa caçamba de lixo isso dai.</p> <p>Disgrama ! E o da recepção ?? Como é ???</p> <p>Ai ainda vem as Hernias de disco, bursites e tendinites, sem falar que quando precisa de ajuda do</p>	<p>Mas na minha opinião a hotelaria e a classe mais desunida que já conheci desculpa pessoal mas e</p> <p>Pra começar tinham que unificar sindicatos. Em SP tem hoteleiro que é atendido pelo sindicato de porteiros de SP</p> <p>, nós fizemos uma pesquisa de satisfação (veja os arquivos da página) e, em geral, a situação é complicada. Temos 72 sindicatos, representando 27 estados... a conta não bate, não é??</p> <p>Uma escala de folga decente</p>		<p>ligar dizendo que nao pode ir trabalha e pede pro cara ir. Acontece comigo, ferias mesmo nem pensar, e pegar, e no outro dia, alguma coisa acontece.</p> <p>huauhahuuhau</p> <p>hauhua</p>			
--	---	---	--	---	--	--	--

	<p>INSS que é obrigatório pagar, te falam que isso não atrapalha seu serviço .... da pra acreditar.</p> <p>(precisamos de mais respeito)</p>	<p>O povo da hotelaria e muito desunido e ainda somos amparados por sindicatos ineficientes. Aqui em porto alegre um membro da diretoria do nosso sindicato e dono de um dos hotéis mais tradicionais do sul. Oque ele vai fazer por nós???</p> <p>Nos falta um sindicato'</p> <p>Uma boa hora seria na Copa galera!!!</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

Ano	2014	2015	2015	2015	2015	2015	2015	2015
Linguagem	Texto	Texto	Texto	Imagem + texto	Texto	Texto + imagem	Texto + imagem	Texto + imagem
Tempo de interação	11/07/14	20/02/15 a 21/02/15	21/02/15 a 22/02/15	24/11/15 a 25/11/15	24/12/15 a 26/12/15	28/03/15 a 31/12/15	09/03/15 a 03/04/15	13/02/16 a 15/02/15
Curtidas	??	232	561	168	2,4 mil	839	243	640
Compartilhamentos	??	2	97	6	381	274	41	122
Nº de comentários	23	108	24	8	118	47	30	36
Tema	Folga/tempo livre	Lado bom do trabalho	Relação hóspede/pares	Relação hóspede/pares	Relação hóspede/pares	Folga/tempo livre	Tempo livre/trabalho	Folga/tempo livre
Enunciados destacados	<p>Hoje é sexta-feira e estou de folga hoje e amanhã. Já posso ir dormir?</p> <p>Pode apreciar mas cuidado com o alcoolismo!!!</p> <p>Comum entre os escrivoleiros do mundo todo. Também, tanto estresse!!!</p>	<p>Me sinto valorizado, tenho liberdade pra tomar decisoes, tenho superiores que entendem as necessidades dos funcionários e os respeitam como ser humano, e colegas de trabalho que são 10. Falo isso sem puxasaquismo, pq o hotel onde trabalho realmente é o que é.</p>	<p>Categoria "eu faltei e daí? Vou ganhar compensa mesmo... Já vc pobre colaborador mortal se faltar leva advertência"</p> <p>Hahahha as categorias dos hóspedes são demais! Já to fazendo a listinha mentalmente meninas!</p>	<p>Aquele grupo querendo mudar roomlist e querendo early checkin. Daí chegava um cap Nascimento dizendo "não vai subir ninguém. Todo mundo quietinho aí."</p> <p>E nisso o recepcionista fica com cara</p>	<p>Sem sombra de dúvidas, esse foi um dos melhores posts que já li nesta página. E pra mim, isso é grave. Sinceramente. A humanidade "virou"; trabalho com hotelaria a um bom tempo e digo isso com conhecimento de causa. Não há mais nem um "bom dia, tarde, noite. ..." tenho uma reserva...</p>	<p>Kkkkkkk é assim que me sinto principalmente quando estamos perto de um feriado prolongado.</p> <p>Ironia é ficar sabendo que ficarei sem folga amanhã e 5 minutos depois ver essa postagem!</p> <p>Eu precisaria do Hubble para conseguir</p>	<p>isso quando não acontece algo de extraordinário, como um cachorro morder sua perna, fica extremamente gripado, chuva todos os dias, extrair um dente do juizo, e por ultimo ser levar uma baita de uma surra bem na frente do hotel, sem saber o pq, um dia</p>	<p>Beijinhos pra quem vai ficar mais liso depois do carnaval...</p> <p>Partiu,carnaval do hoteleiro,escol a de samba dos piões de hotel,comissão de frente,recepcionistas,bateria,c ozinheiros,ajudantes e stewards,aladas baiana faxineiras e</p>



		<p>tem os colegas recepcionistas e mensageiros que sempre dão uma força quando a gente precisa, são tipo segunda família. Emoticon colonthree</p> <p>Duas coisas fenomenais:  - 1 - Amigos  - 2 - Ganho pouco, MAS ME DIVIRTO!!!!</p> <p>escala 12x36, o salario não é ruim mas nada que não possa melhorar</p>			<p>públicos, são os primeiros a chegar nos hotéis e "exigir" as mesmas regalias que possuem em suas profissões.</p> <p>Já não basta termos de trabalhar na época de festas, nós ainda temos de aturar a falta de educação de alguns...</p> <p>Tomara que as pessoas que venham procurar emprego em hotel se lembrem que se trabalha qualquer feriado... Procurando gente com este perfil e profissional. Os interessandos me procurem, pois ta dificil</p> <p>pedimos somente, que tragam junto</p>		<p>cade fulano de tal...( Vamos começar de novo, acabei de cair de pára-quadras aqui, nem sei quem vc é!) Sinceramente, tive que ser muuuito paciente pra não jogar o crachá no chão nos primeiros 15 minutos pós férias e ir embora!</p>	
--	--	---	--	--	---	--	---	--

					com sua mala, a educação. Obrigada <3			
--	--	--	--	--	---	--	--	--

Ano	2016	2016	2016	2016	2016	2016	2016
Linguagem	Imagem + texto	Texto	Texto	Texto + vídeo	Texto + imagem	Vídeo	Texto + imagem
Tempo de interação	16/05/16 a 25/05/16	27/06/16 a 29/06/16	24/05/16 a 26/05/16	21/04/16 a 23/04/16	20/06/16 a	08/10/16 a 09/10/16	17/06/16 a 19/06/16
Curtidas	962	1 mil	165	229	352	419	3,1 mil
Compartilhamentos	99	188	19	41	0	0	9.166
Nº de comentários	45	228	98	8	5	92	165
Tema	Folga	Características do trabalho	Folga /tempo livre	Folga/tempo livre	Folga/tempo livre	Folga/tempo livre	Folga/tempo livre
Enunciados destacados	<p>já têm + 5 anos ,nem me lembro quando foi o ultimo natal que passei com minha família(auditor noturno)</p> <p>eu tenho 20 anos que nao sei o que é natal e réveillon com a familia.</p>	<p>( )Nao poder assinalar nenhuma por medo de represálias kkk</p> <p>É o pacote todo ou seja mil e uma utilidades . É ter a certeza q depois da hotelaria eu consigo trabalhar até na nasa Mas apesar dos pesares sou feliz e grata pq só na</p>	<p>work, desde que estou na hotelaria nunca fiquei de folga num feriado!</p> <p>Você sabe o que é FERIA DO? Nunca vi, nem FOLGUE I, eu só ouço falar Mas você</p>	<p>E aqui no exterior não temos feriado desde o ano novo! Que Beleza ó!!</p> <p>Que hotel que VC trabalha q está d folga kkkkk</p>	<p>Preciso. cry/</p> <p>A sorte é tanta que ele aparece na sua folga</p>	<p>Mas só quem é guerreiro e guerreira consegue agüentar e vencer os obstáculos e as dificuldades que aparecem a cada dia</p> <p>como me sinto tendo q trab a 9x na sexta e sab</p> <p>Força raylson acaba se acostumando</p>	<p>Nós de controladoria. Amamos as sextas hehe 😊</p> <p>Hotelaria tinha que adotar o sistema 12x36 seria bem melhor se os sindicatos fossem sérios</p> <p>Só nas férias que podemos gritar isso kkkk</p> <p>Não saber que dia da semana é.. Ir na missa dominical na segunda.. Ser convidado para festas e churrascos que você estará</p>

	<p>Graças a deus trabalho em hotelaria mas sempre chego em casa a tempo d todas as comemorações</p>	<p>hotelaria eu tive a plena certeza q eu sou um et diante das mas inusitadas personalidades q ela me proporciona conhecer</p> <p>lendo tudo isso me pergunto pq estou na hotelaria 😊😊 não bateu em nada</p> <p>Meu sonho é trabalhar de seg a sex. Mas é só em sonhos!</p> <p>Se eu marcar todas vou pro inferno ou me despedem? xS</p>	<p>sabe o que é FERIA DO? Nunca vi, nem FOLGUE I , eu só ouço falar</p> <p>Dormir eternamente tbm! Já até tomei meu remedinho 😊</p> <p>Feriado? O que é isso?</p>				<p>trabalhando certamente, om o tempo só poderá curtir essas fotos, pois param de te chamar, vc nunca vai, começar um namoro então, se já é difícil, sem FDS, prepare-se para um inferno!!! Como Amamos trabalhar neste tipo de emprego!!! :I</p> <p>Sou assim , mas sou muito feliz pois com toda essa crise tenho comida na mesa e as contas estão em dia .. e ainda da para fazer uma viagem a cada seis meses para andar de cavalo é muuuuuito bom.</p> <p>Folgar sábado e domingo é coisa de luxo rs</p>
--	---	--	---	--	--	--	---

		( ) criar amores platônicos por hóspedes 😊😊					
--	--	---	--	--	--	--	--

Ano	2016	2016	2016	2016	2016	2016
Linguagem	Texto + imagem	Texto + imagem	Texto + vídeo	Texto + imagem	Texto + vídeo	Texto + vídeo
Tempo de interação	28/05/16 a 29/05/16	16/07/16 (02h11) a 16/07/16 (18h32)	14/07/16 a 18/07/16	06/02/16 a 07/02/16	10/06/16 a 11/06/16	03/06/16 a
Curtidas	1,6 mil	644	1 mil	563	113	305
Compartilhamentos	378	49	204	152	34	57
Nº de comentários	58	24	87	62	31	32
Tema	Folga/tempo livre	Tempo social/tempo livre	Folga	Trabalho/tempo livre	Tempo trabalho	Tempo social/tempo livre
Enunciados destacados	<p>Na minha folga eu não durmo eu entro em estado d hibernação</p> <p>Hahahaha...na verdade sempre durmo mais de 8h nas minhas folga....tipo assim quase nem tenho folga pq eu chego do trabalho vou dormir e acordo so quando tenho que voltar a trabalhar....kkkk</p> <p>Nem se fala !!! Eu pior que um bagaço!!! Não faço mais nada além de</p>	<p>Isso aí hoteleiro na veia...</p> <p>Nada de vida loka nas sextas... nem sabados... nem domingos... nem feriados... nem dia nenhum.... aliás nada de vida loka... nem vida normal... nem vida bandida... nem vida alguma</p> <p>Kkkkkkk</p> <p>#escravos  </p>	<p>É sério, gente.. Dá pra viver bem sem ser hoteleiro... Estuda um pouco, faz uns cursos de informática, sei la... Vira inspetor de escola, vende brigadeiro, vive de subsistência... Mas viva!</p> <p>O dia que sair disso, não volto por nada!</p> <p>Em Campos do Jordão so em agosto de Deus e do Chefe</p> <p>Escala 6 x 1 demora tanto que as vezes esqueço que é minha folga 🙄😞</p>	<p>Overbooking, pessoas ignorantes na recepção , "elogios" no tripadvisor bem vindo ao carnaval hoteleiro hahahaha, boa sorte minha gente !</p> <p>Depois que passa o carnaval vira a musica do Renato e seus blue caps.</p> <p>365 dias do ano 365 dias chorando Até quando Até quando</p>	<p>Eu trabalhando no sábado com folga no domingo... Ninguém me segura</p> <p>A cara da pessoa em qualquer dia!!</p> <p>Essa legenda não exprime a realidade de quem trabalha na escala de revezamento. Só o pessoal do administrativo , compras , chefias e gerências. Mas falar que descanso remunerado é muito bom, certamente.</p> <p>que adianta se a</p>	<p>Não tem isso comigo!!! Estou em todas. Quando tenho que pegar no turno matutino fico na festa até na última hora para só chegar em casa tomar um banho e um café bem forte.</p> <p>No Brasil tem um socialismo muito grande, mas no que diz respeito à o trabalho na Hotelaria nossa, é escravidão!!!! Agora tenho 2 dias de folga por semana!!!!</p> <p>Tudo eu posso mas</p>

	trabalhar e casa!!! Aff  Imagina qdo tu é o folguista?	O pior é Qdo recebemos um "bom final de semana". Oi?!  Temos q rir p nao chorar kkk		TRABALHAR FDS E FERIADO É OQ HÁ.	gente não tem feriado, final de semana.... pra mim sábado é o pré-folga e domingo é a folga...  Isso não serve para nós....que trabalhamos sábados, domingos, feriados, enfim...  Oq é isso?? Sexta?? É de comer?? Isso não ne pertence maaaais.  hoteleiros que não trabalham fds não são escravos ashuhuaha	nem tudo me fortalece
<b>Ano</b>	<b>2016</b>	<b>2016</b>	<b>2016</b>	<b>2016</b>	<b>2016</b>	<b>2016</b>
Linguagem	Texto + música	Texto	Texto + vídeo	Texto	Texto + imagem	Texto + imagem
Tempo de interação	03/06/16 a 04/06/16	02/07/16 (19h26)a 02/07/16 (23h32)	29/06/16 a	27/06/16 a 29/06/16	25/06/16 a 26/06/16	29/07/16(22h33) a 29/07/16(23h18)
Curtidas	25	514	314	1 mil	567	86
Compartilhamentos	0	54	31	188	75	24
Nº de comentários	4	44	30	227	60	6
Tema	Folga/tempo livre	Folga/tempo livre	Férias	Visão sobre o	Relação com os	Folga

				trabalho	pares	
Enunciados destacados	<p>Dinheiro ou banco de horas? Nem todos os hotéis pagam feriado em \$\$!</p> <p>Isso depende da convenção coletiva de trabalho. Se não é banco de horas, deve ser pago.</p> <p>Dinheiro? Nos dias atuais banco de horas. É raro o hotel que paga hora extra dobrada.</p>	<p>Eu!!! Finalmente uma noite livre e amanhã de folga... Melhor programa? Poder dormir sem contar as horas :)</p> <p>Sair??? Dinheiro para sair e trabalhar em hotel não formam frase!!!</p> <p>Saiiiiiirrrr.... Amanhã é folgaaaa, eu acho neh, será? Que dúvidaaaa kkkkkk</p> <p>Folga linda. Escravo que se preze vai vegetar até a segunda feira. Tá pensando que esse sorrisinho forçado não precisa descansar?</p>	<p>Ahah, quando vamos de férias e o nosso chefe de secção nos liga.. Cara de indeciso.. Atende ou não.. Diz que sim ou que não!! Hehe</p> <p>Sim. Sua alma é minha</p> <p>Coloquei identificador de chamadas em casa por causa do hotel em que trabalho, em dia de folga e férias corto contato totalmente</p> <p>Vish... ainda bem vou para um lugar sem internet e sem sinal de cel... ai danou -se..</p>	<p>É o pacote todo ou seja mil e uma utilidades .</p> <p>É ter a certeza q depois da hotelaria eu consigo trabalhar até na nasa</p> <p>Mas apesar dos pesares sou feliz e grata pq só na hotelaria eu tive a plena certeza q eu sou um et diante das mas inusitadas personalidades q ela me proporciona conhecer</p> <p>Kkkk normal,sao as glórias de se trabalhar assim !</p> <p>Acontece sempre comigo ,cobre se férias ,atestado e cadê a folga ,a viagem haha ! Tá me esperando qq hora quem sabe?</p> <p>Sqn</p>	<p>Pior era chegar a folga e descobrir que não esta de folga</p> <p>Não se esqueçam as horas extras, são pagas a dobrar, trabalhar no dia de folga tem de ser pago como a lei diz 200% para receber e um dia para tirar três dias após essa folga. trabalho noturno 30% a partir da meia noite. todos os trabalhadores que trabalham com dinheiro tem direito a um abono para falhas no valor de 23.64, também tem direito ás diuturnidades 4 anos após na mesma categoria recebe no seu vencimento 19.14. dá força ao sindicato é só 1% do teu ordenado, com a força unida os nossos direitos jamais serão tirados</p>	<p>UHuuuuuu. Esse sou eu daqui a 20 minutos.. folga, sua linda, seja bem vinda</p>

		<p>Dilema antigo de sempre! Mas vocês lêem pensamentos? =D</p> <p>Fico em casa na boa. Sem dor no coração.</p> <p>Viva Netflix!!!</p> <p>Terceira opção: sair sexta, chegar em casa 4:30 da manhã e ir ralar no sábado de 11 as 19:00h; depois chegar em casa, tomar banho, sair de novo, chegar em casa 4:30 da manhã de novo e ir ralar no domingo... Detalhe: peguei no serviço hj as 7 da manhã!!! 🏠😐🙄😁</p>		<p>criar amor platonico por hospedes eh a tua cara! Eu me identifico com praticamente todas as opcoes...mas a hipertensao ganhou desta fez....pra quem tinha a pressao perfeita, meu medico esta apavorado! E a parte da insonia tb nao rola...sono (e fome) eh o que eu mais tenho....hahahaha neh turminha?</p> <p>Todas as alternativas estão corretas ! Hahaha</p> <p>Servir Coca Cola e tomar Dolly</p> <p>adorooooo não ter vida social....viajar só</p>	
--	--	---	--	--	--

		<p>😊 😂 😊 😏 😊 😂</p> <p>😊 Simplesmente Bão d +!!! Kkkkkkk</p> <p>É que eu prefiro estar aquiiii... Te perturbandooooo...</p> <p>Domingo de manhããã. É nóis...</p> <p>E miga a crise ta braba bora trabalhar kkkk</p> <p>Kkkkkkkkkkk To saindo, mas já To com sono!</p>		<p>qdo todo munda ta indo embora...e o hotel fica vazio....amo muito tudo isso..kkkkkkkkkk kkk</p>		
--	--	--	--	--	--	--

Ano	2016	2016	2016	2016	2016	2016	2016
Linguagem	Texto + vídeo	Texto + vídeo	Texto + imagem	Texto	Texto + imagem	Texto	Texto + imagem
Tempo de interação	29/07/16 (18h44) a 30/07/16(18h34)	29/07/16 (12h18) a 30/07/16 (13h48)	10/08/16 a 27/10/16	18/08/16 a 19/08/16	10/08/16 a	05/07/16 a 06/07/16	28/05/16 a
Curtidas	319	615	398	548	722	510	1,4 ,mil
Compartilhamentos	36	139	1	0	134	18	452
Nº de comentários	64	90	11	38	80	19	80
Tema	Tempo de trabalho	folga	hóspede	Folga/trabalho	Folga/férias	Trabalho	Folga/escala
Enunciados destacados	<p>Kkkk jah passei mt por isso comer escondido por não ter tempo pra tirar intervalo</p> <p>Kkk e quando a gerente chega e de longe sente cheiro de comida. O.o</p> <p>Nao tem tempo nem pra tirar intervalo e o gerente ainda</p>	<p>a folga até não corta mais é cada amiguinho que fica doente no domingo de manhã e temos que sair feito doidos...</p> <p>Já tô aqui rezando pra minha chefe não me ligar e cancelar minha folga compensada quando chega o</p>	<p>Esse é muito honesto, né? No hotel já teve hóspede que devolveu quando voltou a ficar hospedado. Kkkk</p> <p>Mais linda foi essa hóspede no hotel que eu trabalhava. A chave do cofre era única</p> <p>Se tivéssemos mais hóspedes assim, teríamos menos descontos operacionais né <u>Renan</u>?</p> <p>Ainda bem tem aqueles</p>	<p>Além de conseguirem folga em um fds juntos ainda conseguiram dinheiro pra viajar. Isso é muita ostentação pra hoteleiro</p> <p>Os 3 de folga em pleno final de semana???? Vcs ganharam na Mega Sena???? Se quiserem vir pra Foz, podem falar comigo!!! Mas tragam casacos e guarda chuvas, pois, esta chovendo e</p>	<p>Eu moro no paraíso junto com meu amor, trabalhamos os dois com o turismo ❤️</p> <p>♥️ Maragogi-AL vive de nossos turistas, temos belas praias de águas mornas e transparentes 😊😊</p> <p>😊😊 kkkk a hotelaria me ajuda a economizar pq não dá pra eu viajar e conhecer outros lugares, então eu fico aqui.</p> <p>O hotel foi a pior coisa q ocorreu na</p>	<p>A maioria É UMA CADEIA! sem direito a intervalo, e sem direito a refeições dignas... Sem contar no cabresto que colocam na gente'</p> <p>Vdd Junhor nem me fale pelo menos um prato d comida decente deveria ter pro funcionário...</p> <p>Devemos ser uma especie rara de escravos pois</p>	<p>Aqui ao menos podemos sonhar com a escala. Mais bonita que a realidade, pois somos bonzinhos.</p> <p>As vezes esqueço da minha kkkk mas aquela coleguinha fofinha que tem mais sorte do que eu nos domingos hahaha Deus tá vendo.</p> <p>Primeira coisa que confirmos</p>

	<p>reclama a hora extra q fazemos preenchendo fnrh no sistema e fechando caixa! Pode?</p> <p>Kkkkk eu na recepção fim de semana kkkkkk</p> <p>Já comi meu almoço assim, o marmitex que chegou meio dia eu escondi até às três da tarde</p> <p>coisas que só nós sabemos o que passamos hahaha</p>	<p>meu domingo do mês kkkkk</p> <p>Deus queira o meu mês de Julho foi por causa das férias do colega,mas Agosto já falei não vai ser não!</p> <p>bem isso...kkkkk cada ligação e uma tortura</p> <p>E eu? Perdi minha dobradinha de domingo e segunda</p> <p>Eu já tava assim desde ontem :( não cortem minha folguinha pfv</p>	<p>bonzinhos. Rs</p> <p>se isso acontecesse , teríamos mais algumas Chaves !</p>	<p>frio!!!!!!!</p> <p>Só levou 3 anos para acontecer hahaha</p> <p>3 anos pra bater um fds juntos, isso é hotelaria minha gente 😓😓😓😓😓😓😓😓</p> <p>Não façam para eles o que vocês não gostam que façam para vocês ops foi mal</p>	<p>minha vida. Já faz anos q eu e meus filhos estamos presos em casa por causa de hotel. Não viajamos, vivemos em funçao do hotel. É de domingo a domingo. Vcs acham graça, mas foi a escolha mais egoista q ja vivi e o golpe mais triste.</p> <p>Eu sei como é Patricia Santi minha vida também é assim do trabalho pra casa realmente não sobra tempo de se divertir com a família.. Trabalhar de domingo a domingo não é fácil agente tem que abrir mão de muitas coisas.mas são ossos do oficio.mas na vida tdo pode mudar é só uma questão de tempo</p> <p>Realmente Patrícia,</p>	<p>"sempre" estamos sorrindo, simpáticos, alegres, bem educados... fazendo 200 profissão ganhando a de meia sem vida social etc....a NASA deveria estudar de perto isso..</p> <p>E a denominação 'rede hoteleira' fecha certinho também... caiu na rede, é peixe! Difícil de se desvencilhar...</p> <p>Cadeias com cameras..muitas cameras</p> <p>Carandiru era fichinha..</p>	<p>antes da nossa propria escala e contar qnts folgas e compensação o coleguinha possui kkkkk</p> <p>Aonde é esse hotel que folga 3 domingos por mês <u>Ana Carolina Leme</u>?! 😓😓😓 To levando meu currículo.. 🦋</p> <p>Mais preocupada pela minha escala de e folga que por o día de pagamento!!kk mkk</p> <p>Ta bonita essas folgas ai. Queria um sabado e domingo juntos. *_*</p> <p>Melhor do que ficar sem</p>
--	---	---	--	---	--	--	---

	<p>E quando o hóspede aparece derrepente....</p>			<p>é como uma prisão. Mas ultimamente também está péssimo para mudar de área, então a gente fica num beco sem saída</p> <p>Eu amo trabalhar de domingo a domingo. Adoro passar finais de semana com meus colegas de trabalho, me divirto muito. Mas hotelaria é pra quem ama mesmo. Tem que ter amor. Quem não gosta é bom pular pra outra barca porque essa é furada. Kkk</p> <p>VIAJAR !!! Vou procurar no dicionario , significados e definições . Realmente desconheço essa palavra do meu</p>		<p>emprego</p> <p>Trabalho em Shopping e tb rola um povo assim q toma conta da escala e ai sem falar que ao sair de ferias roubam sua folga da semana e pior qdo tem feriado na semana mudam sua folga pra vc nao ganha uns trocos. 😊</p>
--	--	--	--	--	--	---

					<p>vocabulário .</p> <p>nao temos nem p viver nossa vida imagina viajarr haaa sonho...</p> <p>por essas e outra que desisti da profissão , nessa profissão vc não vive vc vejeta .....</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

**Quadro de síntese das interações - Escravos da Hotelaria – Relação com gerência**

Ano	2014	2016	2016	2016
Linguagem	Texto vigiar	Texto	Texto	Texto
Tempo de interação	05/10/14 a 07/10/14	01/08/16 a 02/08/16	07/06/16 a 08/06/16	30/07/16 a 31/07/16
Curtidas	178	419	1 mil	373
Compartilhamentos	12	1	122	26
Nº de comentários	8	34	92	31
Tema	Relação c/ gerência	Relação c/ gerência	Relação c/ gerência	Relação c/ gerência
Enunciados destacados	<p>Deus ta vendo !!!!!!!</p> <p>Morriiiii Luciano Valerio Junior acho q tem alguém vigiando kkkkk</p>	<p>Opa, é claro que dá pra pedir o tão sonhado impeachment... mas saibam que terá primeiramente o teu próprio impeachment!</p> <p>Pelo bem da humanidade eu VOTO SIM 😊😁😄😂</p>	<p>Nessa situação, o melhor a se fazer é: faça seu trabalho, pois com certeza você quem perderá o emprego em caso de atrito com essas pessoas. Uma hora o gerente muda, o diretor muda, e esses funcionários serão substituídos. E você também poderá crescer dentro da empresa. Lembre-se disso. Tenha excelência em sua função que vc vai longe</p> <p>Dica para subir na hotelaria <u>Escravos da Hotelaria</u>: na recepção, entre no elevador e aperte o nº 10.</p> <p>Cliente que dá o lixo na sua mão por preguiça de procura uma lixeira</p>	<p>As famosas "vacas sagradas" das empresas, podem fazer o que bem entenderem que nada acontece....hehehehe</p> <p>É bem assim mesmo! Psicopata pode tentar te matar se vc não for o "preferido" eles num estão nem ai. . . .</p> <p>Conheci varios hotéis assim... fica un clima tao mafioso</p>

			<p>Não precisa ter uma logica, nesse mundo Hoteleiro, a base é a intimidade, pois sempre tem alguém fazendo o trabalho pesado enquanto outro sem nenhuma qualificação e experiência leva todo o credito. O bonito é quando essa pessoa decide sair dos bastidores e resolve ter o papel de destaque...guerra declarada. <u>Caroline Lopes e Araci Moreira</u>. rrsrsr Tudo ao nosso tempo.</p> <p>Agora imaginem uma chefe que NÃO ENTENDE NADA DE HOTELARIA. Nunca trabalhou com DESBRAVADOR, não sabe dar ordens e muito menos ser humilde... Que humilha os funcionários só por serem subordinados. E que demite um funcionário só por ele ser mais esperto que ela, por saber tudo de hotelaria e ser amigo dos demais. E por ser querido por todos no hotel! Imaginaram? Pois é! Sejam bem vindos a meu mundo. 🤔😏</p> <p>Pow o último é perfeito para onde eu trabalho, gerente não sabe como funciona o hotel Gente é o Dom do QI = Quem indica</p>	
--	--	--	---	--

**Quadro de síntese das interações - Escravos da Hotelaria – Gororobas da Senzala**

Ano	2013	2013	2013	2014	2014	2014	2014	2014
Linguagem	Imagem +texto	Imagem +texto	Imagem +texto	Imagem +texto	Imagem +texto	Imagem +texto	Imagem +texto	Vídeo
Tempo de interação	31/10/13 a 01/11/13	05/12/13 (19h19) a 05/12/13 (21h59)	25/12/14 a 29/12/14	27/01/14	28/01/14	Jan/2014	17/06/14 a 18/06/14	01/11/14 a 07/05/16
Curtidas	68	31	33	??	??	??	96	130
Compartilhamentos	3	1	0	??	??	??	1	12
Nº de comentários	56	6	11	17	10	14	13	46
Tema	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação	Condição de trabalho/alimentação
Enunciados destacados	Opeixe ta bem pequeno, mas o prato ta lindo. A quentinha que eu comia era tudo amassado e sem graça kkkk  Perto do que eu como, isso é de primeiro mundo... Acredite, isso não e uma	Pois é Neto Oliveira aqui tbm. Por muitas vzs deixo de comer em casa p comer no hotel	Gente, parece que colocaram muitas pastilhas de eno no café e a espuma subiu sem controle!!!	Meu deus do céu... até cachorro tá comendo melhor, que vergonha desses empregadores.  Isso mata um brincando...	Somos porcos? Aqui onde trabalho fica atrás não ....  Nossa comida de onde trabalho é de restaurante  5 estrelas comparado a	Estragabofe, osnovatos e que se lascam são no mínimo 3 meses para pegar os anticorpos da comida de hotel e o organismo aceitar essas bombas ne mesmo (fulano)  Tá feio, mas pra mim era banquete em época que eu	Conheço por RB = resto de buffet Tem como não amar? Amo sobras de bufeet!  Funcionários da hotelaria = lixeira orgânica ...ontem ganhei meio bolo que o hóspede não	Gente... ne, se deram ao trabalho de fatiar o tomate!! É muita falta de consideração com o colega de trabalho!! A minha pergunta é: o pessoal que prepara, não come essa comida, né???

	gororoba...			<p>credo nem pro meu dog daria isso msm q seja "comida"</p> <p>Lavagam?? Que nojo ofere p gerencia</p> <p>Esse negocio ta vomitado</p>	<p>isso!!!</p> <p>Por isso amo a minha marmitta!!!</p>	<p>trabalhava em uma Grande Rede que começa ... ops . não posso falar! rrsrsrs...</p> <p>O problema eh o chicotinho.</p> <p>Sabor do copa?</p>	<p>quis XD.</p> <p>Sobre do restaurante</p>	<p>Nada muda, tudo se transforma</p> <p>Kkkkkk é tão absurdo que chega a ser surreal</p>
--	-------------	--	--	--	--	--	---	--

## APÊNDICE B – CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES

Considerando a natureza das informações e compromissos assumidos com suas fontes, o acesso a monografias do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco é definido em três graus:

- “Grau 1”: livre (sem prejuízo das referências ordinárias em citações diretas e indiretas);
- “Grau 2”: com vedação a cópias, no todo ou em parte, sendo, em consequência, restrita a consulta em ambientes de biblioteca com saída controlada;
- “Grau 3”: apenas com autorização expressa do autor, por escrito, devendo, por isso, o texto ser confiado a bibliotecas que assegurem a restrição, ser mantido em local sob chave ou custódia;

A classificação **desta tese** se encontra, abaixo, definida por seu autor.

Solicita-se aos depositários e usuários sua fiel observância, a fim de que se preservem as condições éticas e operacionais da pesquisa científica na área da administração.

**Título da Tese: Construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre: um olhar sobre os trabalhadores dos serviços de hospitalidade**

Nome do Autor: **Iraneide Pereira da Silva**

Data da aprovação:

Classificação conforme especificação acima:

Grau 1

Grau 2

Grau 3

Recife, 14 de dezembro de 2016.

-----  
Assinatura do autor